



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO (ILC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGL)
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL
(PROFLETRAS)

DENISE GUIOMAR FRANCO LEAL DOS SANTOS

LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO BRASILEIRO DA AMAZÔNIA PARAENSE

BELÉM - PARÁ
2015

DENISE GUIOMAR FRANCO LEAL DOS SANTOS

LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO BRASILEIRO DA AMAZÔNIA PARAENSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria de Fatima do Nascimento.

BELÉM - PARÁ
2015

DENISE GUIOMAR FRANCO LEAL DOS SANTOS

LEITURA DO TEXTO LITERÁRIO BRASILEIRO DA AMAZÔNIA PARAENSE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Data da defesa: 18 de agosto de 2015

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria de Fátima do Nascimento
Orientadora (UFPA)

Prof. Dr. João Carlos de Souza Ribeiro
Membro externo (UFAC)

Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales
Membro interno (UFPA)

Profa. Dra. Marli Tereza Furtado
Suplente (Membro UFPA)

In memoriam: Ao meu pai Sandoval, que sempre me incentivou,
leitor apaixonado que colocou em minhas mãos o primeiro livro
que li; e ao meu irmão Júnior, que junto comigo sonhou com um
futuro melhor para nossa família;

À minha mãe, Nazaré Franco;
Aos meus irmãos Deisineth, Alberto, Aldenir e Adriana;
Ao meu marido Alberto; à minha filha Carolina; ao meu neto
Henry; e ao meu genro Antônio.

AGRADECIMENTOS

À Deus, a quem devo tudo o que sou.

À minha Orientadora, Professora Dra. Fátima do Nascimento, pessoa incansável, exemplar e dedicada, que com rigor e ternura me orientou na construção desta Dissertação.

Aos Coordenadores do Profletras, Profa. Dra. Marília Ferreira, Profa. Dra. Germana Sales, Profa. Dra. Fátima do Nascimento e Prof. Dr. Alcides Lima, por possibilitarem a realização e o bom andamento do Curso.

Aos Professores do Profletras Prof. Dr. Alcides Lima, Prof. Dr. Fernando Maués, Profa. Dra. Iaci Abdon, Profa. Dra. Leila Assef, Profa. Dra. Maria de Fatima do Nascimento, Profa. Dra. Marília Ferreira, Profa. Dra. Marilúcia Barros, Prof. Dr. Sílvio Holanda e Prof. Dr. Thomas Fairchild, que nos possibilitaram a revisão e ampliação de nossos conhecimentos.

À UAB/UFRN/UFPA e à CAPES, por possibilitarem a realização do Profletras.

Aos colegas da turma Profletras 2013, pela prazerosa convivência e rica troca de experiências.

Aos meus chefes e colegas da Escola Padre Francisco Berton e da Fundação Cultural do Pará, que me apoiaram e entenderam alguns momentos de ausência do trabalho.

Aos meus alunos, em especial aos da turma F3NJ01 de 2014, sem os quais não seria possível a realização desta Dissertação.

À minha amiga e colega de curso Jandiassy, com quem aprendi muito nessa jornada, compartilhando projetos, trabalhos, convívio acadêmico e familiar.

Ao amigo Celso Mauler, que me incentivou a fazer a inscrição no Profletras, acreditando em minha aprovação.

À minha mãe, grande professora, que me incentivou a seguir nessa profissão tão difícil e linda que é o Magistério.

Aos meus irmãos Deisinth, Alberto, Aldenir e Adriana, que sempre me incentivaram e acreditaram em meu potencial.

Ao meu marido Alberto, à minha filha Carolina, ao meu neto Henry e ao meu genro Antônio, que são meu alicerce e razão do meu esforço, que me apoiaram, me incentivaram, me ajudaram nos momentos de dificuldades, compreenderam os momentos de ausência e me deram todo o suporte para que eu chegasse até à conclusão do Mestrado.

A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

(Antonio Candido)

RESUMO

Esta dissertação de Mestrado “Leitura do texto literário brasileiro da Amazônia paraense” está constituída de atividades de leitura, compreensão e interpretação de poemas e contos de escritores paraense dos séculos XIX e XX, destinadas aos alunos da terceira etapa do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos (EJA), com a finalidade de diminuir as dificuldades de leitura apresentadas pela turma e permitir a discussão sobre questões universais da literatura. Para a elaboração das atividades de leitura nos pautamos em teóricos da literatura, a exemplo de Antonio Candido, Carlos Ceia, Wolfgang Iser, Regina Zilberman, Ezequiel Theodoro da Silva e Rildo Cosson bem como de reflexões a respeito de escrita e oralidade a partir dos teóricos Claudemir Belintane e Claudia Riolfi. Na descrição das atividades de leitura propostas nesta dissertação, apresentamos os poemas e contos selecionados e seus respectivos autores; as atividades de leitura dos textos selecionados; o relato do procedimento realizado com a leitura de cada texto; e apresentamos também nossa leitura dos poemas e contos selecionados para esta dissertação.

Palavras-chave: Literatura. Leitura. Poema. Conto. Autores paraenses.

ABSTRACT

This Master's dissertation "Reading the Brazilian literary text of Pará Amazon" is made up of activities of reading, understanding and interpretation of poems and tales of Para writers of the nineteenth and twentieth centuries, aimed at students of the third stage of primary education the Youth Education and Adults (EJA), in order to reduce reading difficulties presented by the class and allow the discussion of universal issues of literature. The preparation of reading activities was based on theoretical literature, like Antonio Candido, Carlos Ceia, Wolfgang Iser, Regina Zilberman, Ezequiel Theodoro da Silva and Rildo Cosson, as well as reflections on writing and speaking skills based on theoretical Claudemir Belintane and Claudia Riolfi. In the description of reading activities proposed in this Dissertation present the poems and selected short stories and their authors; the reading activities of selected texts; the account of the procedure performed by reading each text; and also present my reading of poems and short stories selected for this dissertation.

Keywords: Literature. Reading. Poems. Tale. Paraenses authors.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1 - A Literatura na sala de aula – revisando as teorias	14
1.1 Leitura de poemas e contos	21
1.2 Oralidade e escrita	29
Capítulo 2 Literatura da Amazônia paraense na terceira etapa (6º e 7º ano) da Educação de Jovens e Adultos (EJA)	35
2.1 Local onde desenvolvemos nosso trabalho: A Escola em detalhes	35
2.2 Terceira etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA) descobrindo a Literatura da Amazônia paraense: perfil dos alunos	36
2.3 A Educação de Jovens e Adultos	37
2.4 Uma proposta de leitura do texto literário da Amazônia paraense	41
Capítulo 3 – Atividades de leitura: A terceira etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA) descobrindo a Literatura da Amazônia paraense	44
3.1 Aula 1 – leitura do poema “Ver-o-Peso”, de Max Martins	44
3.1.1 Conversa com os alunos	44
3.1.2 Introdução do autor e do poema	45
3.1.3 Leitura e discussão do poema	46
3.1.4 Análise, a partir da leitura do poema	47
3.2 Aula 2 – leitura do conto “Zeus ou a menina e os óculos”, de Maria Lúcia Medeiros	49
3.2.1 Conversa com os alunos	49
3.2.2 Introdução do autor e do conto	50
3.2.3 Leitura e discussão do conto	51
3.2.4 Análise, a partir da leitura do conto	52
3.3 Aula 3 – leitura do conto “O carro dos milagres”, de Benedicto Monteiro	54
3.3.1 Conversa com os alunos	54
3.3.2 Introdução do autor e do conto.....	54
3.3.3 Leitura e discussão do conto	55
3.3.4 Análise, a partir da leitura do conto	57
3.4 Aula 4 – leitura do poema “Batuque”, de Bruno de Menezes	67
3.4.1 Conversa com os alunos	67
3.4.2 Introdução do autor e do poema	68
3.4.3 Leitura e discussão do poema	69

3.4.4 Análise, a partir da leitura do poema	70
3.5 Aula 5 – leitura do conto “Amor de Maria”, de Inglês de Sousa.....	73
3.5.1 Conversa com os alunos	73
3.5.2 Introdução do autor e do conto	73
3.5.3 Leitura e discussão do conto	74
3.5.4 Análise, a partir da leitura do conto	75
3.6 Aula 6 – leitura do poema “Prece de Natal”, de Antônio Tavernard	81
3.6.1 Conversa com os alunos	81
3.6.2 Introdução do autor e do poema	82
3.6.3 Leitura e discussão do poema	82
3.6.4 Análise, a partir da leitura do poema	84
3.7 Aula 7 – leitura do conto “A “serenata” de Schubert”, de João Marques de Carvalho	85
3.7.1 Conversa com os alunos	85
3.7.2 Introdução do autor e do conto	85
3.7.3 Leitura e discussão do conto	86
3.7.4 Análise, a partir da leitura do conto	87
3.8 Aula 8 – leitura do poema “Enchente amazônica”, de Ruy Barata	89
3.8.1 Conversa com os alunos	89
3.8.2 Introdução do autor e do poema	90
3.8.3 Leitura e discussão do poema	91
3.8.4 Análise, a partir da leitura do poema	91
3.9 Aula 9 – leitura do poema “Largo do relógio”, de João de Jesus Paes Loureiro ..	93
3.9.1 Conversa com os alunos	93
3.9.2 Introdução do autor e do poema	93
3.9.3 Leitura e discussão do poema	93
3.9.4 Análise, a partir da leitura do poema	94
3.10 Aula 10 – leitura do conto “Promessa em azul e branco”, de Eneida de Moraes	95
3.10.1 Conversa com os alunos	95
3.10.2 Introdução do autor e do conto	95
3.10.3 Leitura e discussão do conto	95
3.10.4 Análise, a partir da leitura do conto	96
Considerações finais	99
Referências bibliográficas	104

Anexos	107
<i>Ver-o-Peso</i> , de Max Martins	108
<i>Zeus ou a menina e os óculos</i> , de Maria Lúcia Medeiros	111
<i>O carro dos milagres</i> , de Benedicto Monteiro	113
<i>Batuque</i> , de Bruno de Menezes	133
<i>Amor de Maria</i> , de Inglês de Sousa	135
<i>Prece de Natal</i> , de Antônio Tavernard	144
<i>A “serenata” de Schubert</i> , de João Marques de Carvalho	146
<i>Enchente amazônica</i> , de Ruy Barata	152
<i>Largo do Relógio</i> , de João de Jesus Paes Loureiro	155
<i>Promessa em azul e branco</i> , de Eneida de Moraes	156

Introdução

Sabemos que a leitura de textos literários no ensino fundamental é essencial para a formação dos alunos, pois ler esse gênero textual é uma experiência pessoal incrível, que permite ao leitor uma viagem prazerosa, que transcende o tempo e o espaço, contribuindo na formação e informação do homem. Nesse sentido, Marisa Lajolo (2005, p. 07) afirma que “Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida”.

Depreende-se, então, que é fundamental possibilitar ao aluno a descoberta do gosto da leitura da Literatura bem como a sensibilidade e percepção do papel que ele exerce na sua relação com o texto.

É papel da escola propiciar ao aluno a prática de leitura de textos literários constante e de textos variados, num processo em que o envolvimento do professor é fundamental, pois sendo leitor, ele estabelecerá com o aluno uma relação de troca de experiência, estimulando-o a externar suas impressões sobre os textos lidos bem como proporcionando a esse aluno um convívio estimulante com a leitura, de forma a transformá-lo em um leitor competente, capaz de selecionar as próprias leituras.

São inúmeros os benefícios que a leitura de textos literários proporciona ao aluno, pois, ao possibilitar acesso ao saber acumulado, ela permite o crescimento pessoal, social e político do indivíduo.

Por meio da leitura de textos literários, ele adquire enriquecimento cultural, qualificação profissional e discernimento crítico a partir da leitura de mundo que o texto lhe permite fazer. Portanto, é imprescindível garantir ao Homem o direito da capacidade de ler. Ao conquistar esse direito e, principalmente, ao exercê-lo, ele estará ampliando as suas possibilidades de crescimento e emancipação.

A leitura literária, que traz a peculiaridade de mostrar as situações de conflitos do relacionamento humano, explorando os sentimentos, as emoções, os pensamentos e questões antagônicas da alma humana, possibilita despertar no leitor as suas próprias emoções, contribuindo para o desenvolvimento e aprimoramento da personalidade do leitor, auxiliando-o na construção de um conceito mais humanizado da sociedade, de uma visão mais aprimorada e clara de si mesmo e da importância de seu papel social.

A dificuldade em leitura em Língua Portuguesa é um problema recorrente encontrado nas turmas de ensino fundamental das escolas públicas brasileiras. Esse problema torna-se mais grave em turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), pois o tempo é menor, já que em um ano letivo devem-se trabalhar conteúdos equivalentes a dois anos. Então torna-se urgente desenvolver atividades, que contemplem a dinâmica que requer o trabalho com turmas de EJA, geralmente formadas por adolescentes e adultos trabalhadores, que buscam na escola um meio para mudarem a realidade, para crescerem profissionalmente e proporcionarem às suas famílias condições de vida melhor.

As práticas de leitura na escola devem partir do uso que o aluno já apresenta de conhecimento prévio para que ele possa adquirir novas habilidades linguísticas. Desse modo, ao apresentar novos textos, é importante que entre eles estejam presentes os que tenham proximidade com a realidade do aluno bem como revelem questões universais, como os sentimentos, que fazem o homem repensar o próprio ser humano, que sofre, que tem anseios, que nasce e morre.

A reflexão a respeito das questões apresentadas nos textos literários lidos contribui para o amadurecimento desse leitor que, ao questionar o mundo e a si mesmo, reinventa-se, busca soluções para as questões que vierem à tona a partir das discussões que a leitura propicia. Assim, como trabalhar atividades de leitura do texto literário, de forma a proporcionar aos alunos o desenvolvimento da capacidade leitora necessária para que eles façam uso desse conhecimento de forma reflexiva e prática?

Diante do exposto, escolhemos trabalhar por meio da construção de atividades de leitura de textos literários. Sendo assim, o objetivo desta dissertação de mestrado foi produzir atividades de leitura com poemas e contos de escritores da Amazônia paraense, que proporcionem aos alunos da terceira etapa do ensino fundamental da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a leitura, compreensão e a interpretação de textos literários, em diferentes suportes, como livros, vídeos, músicas; entre outros, com a finalidade de diminuir as dificuldades de leitura de textos literários, apresentadas pela turma, e permitir a discussão a respeito de questões universais sobre a literatura.

Ao promover o letramento literário dos alunos, a partir do ensino fundamental, utilizando, entre outros textos, poemas e contos de escritores paraenses, proporcionamos o enriquecimento da capacidade leitora desses alunos, ao mesmo tempo em que possibilitamos o acesso à produção literária dos autores da Amazônia paraense, que ele desconhece, principalmente pelo fato de ela não estar presente nos livros didáticos,

livros esses que, para a maioria de nossos alunos, são a única fonte de textos literários a que eles têm acesso.

Neste sentido, a dissertação de mestrado “Leitura do texto literário brasileiro da Amazônia paraense” é constituída em três capítulos.

No primeiro capítulo desta dissertação, discutimos alguns conceitos dos estudiosos da literatura em que nos pautamos para a elaboração das atividades de leitura, a exemplo de Antonio Candido, Carlos Ceia, Wolfgang Iser, Regina Zilberman, Ezequiel Theodoro da Silva e Rildo Cosson. No segundo capítulo, apresentamos o local onde desenvolvemos as atividades de leitura bem como o perfil da turma com a qual trabalhamos as atividades.

No terceiro capítulo, apresentamos os poemas e contos selecionados e seus respectivos autores, as atividades de leitura dos textos selecionados, relatando o procedimento realizado com a leitura de cada texto, e nossa leitura dos poemas e contos selecionados para esta dissertação, conforme veremos a seguir.

Capítulo 1. A Literatura na sala de aula – revisando as teorias

A leitura do texto literário em sala de aula, na escola em que trabalhamos, geralmente limita-se aos textos que integram os livros didáticos da disciplina Língua Portuguesa, nas atividades de leitura, compreensão e interpretação de textos, ou em aulas de gramática descritiva, em que os textos servem como recortes para análise sintática de frases, orações e/ou períodos.

Foi observado em nossa experiência docente que o texto literário, sendo apresentado dessa forma para o aluno do ensino fundamental, provocará um distanciamento entre este aluno e a literatura, pois o prazer pela leitura do texto foi substituído pelo ato de utilizar o texto literário para fixar atividades de cunho gramatical.

Mesmo em atividades de leitura, compreensão e interpretação, é necessário que o trato com o texto literário se dê de forma prazerosa para o aluno, aproximando-o do universo de conhecimento, que esse texto apresenta. Então, selecionar os textos, que irão compor as atividades pedagógicas, requer especial cuidado quanto à contribuição que esses textos apresentarão na formação desses alunos como leitores competentes de textos literários.

São vários os problemas que dificultam o processo de leitura como, por exemplo, o baixo poder aquisitivo das famílias, que não conseguem adquirir livros por causa do alto custo editorial no Brasil, falta de formação continuada dos professores, a forma como a literatura é ensinada no livro didático; entre outros fatores, o que traz como consequência os sérios problemas de leitura apresentados pelos alunos nas diversas séries da educação básica.

De acordo com os objetivos do ensino fundamental, determinados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), é importante que os alunos utilizem as diferentes linguagens como meio de comunicação, produção e expressão de suas ideias, bem como a interpretação e usufruto das produções culturais, que atendam as diferentes intenções e situações de comunicação. Nesse contexto estão as produções literárias locais, que podem chegar aos alunos, através de atividades de leitura desenvolvidas pelas escolas.

O texto literário está além da visão científica da realidade: segundo Brasil (1998, p.26) “Ele os ultrapassa e transgride para constituir outra mediação de sentidos entre o sujeito e o mundo, entre a imagem e o objeto, mediação que autoriza a ficção e a reinterpretação do mundo atual e dos mundos possíveis”.

Outro aspecto abordado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) refere-se ao tratamento que deve ser dado ao texto literário trabalhado de forma oral ou escrita, pois requer um exercício de reconhecimento das singularidades e propriedades inerentes a esse modo particular de utilização da linguagem. Assim, de acordo com Brasil (1998):

É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. BRASIL (1998, p. 27):

Quanto ao processo que se dá pela leitura, Brasil (2001) aponta que:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto, não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão, na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias de seleção, antecipação, interferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. (BRASIL, 2001, p. 53)

Desse modo, nos pautamos em teóricos da literatura brasileira, a exemplo de Antonio Candido (1970, p. 174) que, em seu artigo “O direito à literatura”, afirma que a Literatura é uma necessidade universal, que deve ser satisfeita, constituindo-se em um direito, pois se trata de uma manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Ele enfatiza que, assim como sonhamos, ninguém consegue ficar um dia inteiro sem se entregar ao universo fabulado, pois estamos cercados de histórias sendo relatadas, vividas, comentadas.

A Literatura é um fator indispensável de humanização, tornando-se um instrumento poderoso de educação e instrução, pois os valores da sociedade estão presentes na ficção, fazendo com que ela tenha um papel formador de personalidade,

quer através da literatura sancionada, aquela que os poderes sugerem, quer pela proscrita, que nasce do movimento de negação do estado das coisas predominantes. Para Candido (1970, p. 176), a Literatura não corrompe nem edifica, mas, trazendo livremente em si o Bem e o Mal, humaniza em sentido profundo porque faz viver.

Outro teórico importante para os estudos da literatura é Carlos Ceia (2002, p. 11,12), pois, segundo o estudioso português, a formação literária ajuda a desenvolver uma capacidade analítica, que ultrapassa o julgamento da obra de arte literária, uma vez que nos leva a julgar, em princípio, nossos próprios valores. O texto literário não deve ser empregado como um simples instrumento para satisfazer os objetos de ensino, mas como uma obra de arte de criação individual e imaginativa.

Ceia (2002, p.20) enfatiza, ainda, que o professor de literatura deve ser um investigador de literatura e um conhecedor dos mecanismos da língua para perceber a revelação do texto literário, pois só podemos ensinar cientificamente o que lemos de forma refletida. Se competência literária e experiência de leitura são importantes, mais ainda é interiorizar o que o ato de leitura nos ensina.

Para Ceia (2002, p.24), um dos maiores problemas no ensino de Língua Portuguesa é o equívoco sobre o que se está realmente ensinando, pois, na prática, o que está sendo trabalhado em sala de aula é o que rodeia ou contextualiza o texto literário e não o texto literário propriamente dito. Entretanto, a leitura do texto literário deve direcionar-se para a informação contextual e cultural que o texto apresenta. O texto literário deve ser entendido como um ato comunicativo e enunciativo, que o aluno compreende, interpreta, contextualiza e analisa a fim de assimilar, progressivamente, uma autonomia na leitura e na escrita.

Os estudos do teórico Wolfgang Iser também trazem uma grande contribuição ao ensino de literatura, pois, segundo Iser (1996, p. 50), a obra literária realiza-se a partir da convergência entre o leitor e o texto, que, até então, tem caráter virtual, existe como arte, que necessita da interação com o leitor para concretizar-se no plano estético. Portanto, a obra literária só adquire seu caráter próprio, com plenitude no campo estético e virtual, por meio da leitura.

A virtualidade do texto se dá pelo fato de não ser possível reduzi-lo à realidade do próprio texto nem às disposições caracterizadoras do leitor. Então, dessa virtualidade da obra literária resulta a dinâmica da interação texto *versus* leitor, apresentando-se como a condição dos efeitos que a obra literária provoca sobre quem a lê.

Outra estudiosa importante do ensino da literatura no Brasil é Regina Zilberman (1991, p.17). Para ela, a escola, na função de promotora de leitura, precisa tornar essa competência mais abrangente, uma vez que recaem sobre ela os problemas relativos à educação, à introdução à leitura e ao ensino da literatura.

A solução seria assumir uma concepção de leitura em que o ato de ler se apresentasse como uma prática indispensável para que o indivíduo se posicionasse de forma correta e consciente perante o real.

Para Zilberman (1991, p.21), a escola é a entidade que assegura a integração a um governo de participação popular, tendo a alfabetização como a alavanca propulsora da aprendizagem como um todo, apresentando, como requisito primordial para atuação política, numa sociedade, a transformação do indivíduo em leitor.

Os estudos do teórico Ezequiel Theodoro da Silva são de grande contribuição para o trabalho com a leitura do texto literário na escola. Silva (2011) enfatiza que em todos os níveis educacionais das sociedades letradas há atividades de leitura, que iniciam no período da alfabetização, “quando a criança passa a compreender o significado potencial de mensagens registradas através da escrita” (SILVA, 2011, p. 35) e permanece por toda a vida acadêmica. Ele destaca a escola como principal responsável pelo ensino da leitura, explicando que ela concebe o livro como um instrumento básico, um complemento fundamental às funções pedagógicas que o professor exerce.

Para Ezequiel Silva (2011, p. 37) a leitura constitui-se em uma grande fonte de inquietação na educação brasileira, mesmo sendo tão requisitada e estar tão presente, apesar de multifacetada, nas propostas que buscam a aquisição de experiências de leitura. Ele afirma que o ensino da leitura parece ser feito a partir das tentativas de ensaio-e-erro dos professores por não haver informações necessárias à orientação de uma prática mais eficiente, pois, mesmo os instrumentos que apoiam o trabalho do professor, como os guias curriculares, são bastante superficiais quando tratam do tópico leitura.

Silva chama a atenção para o fato de que “todo professor, por adotar um livro ou mesmo por produzir ou selecionar seus textos, transforma-se, necessariamente, num corresponsável pelo ensino e encaminhamento da leitura”. (SILVA, 2011, p. 38), entretanto, por diversas razões, recai sobre os alfabetizadores e professores de Comunicação e Expressão a responsabilidade pela formação do aluno leitor.

A falha na formação do professor, nos aspectos que se referem ao ensino da leitura, segundo Silva (2011, p.38), se dá pela ausência de cursos na área da Psicologia e/ou Metodologia de Leitura na maioria das universidades e faculdades brasileiras, ficando o assunto restrito aos diferentes métodos de alfabetização que permeiam a formação dos professores das séries iniciais da educação básica. Para ele não há dúvida de que

[...] a alfabetização é uma condição necessária à formação do leitor, mas quando realizada em outros moldes: quando os leitores, de forma significativa, forem capazes de formar os referenciais e os significados indiciados através de mensagens escritas. Há que lembrar, ainda, a orientação necessária ao momento, pós-alfabetização, que dá continuidade à iniciação em leitura. (SILVA, 2011, p. 39).

Silva (2011, p.41-42) afirma que é contraditória a situação de leitura no Brasil, pois há de um lado o professor despreparado para trabalhar leitura com seus alunos, e de outro lado temos autoridades educacionais realizando recomendações irrealistas de livros a serem trabalhados em sala de aula. Ele aponta o analfabetismo como uma sólida barreira para o desenvolvimento da leitura no contexto brasileiro, pois sendo analfabeto, o indivíduo fica privado da fruição dos bens culturais literários que compõem o patrimônio da sociedade, restringindo-se a leitura, enquanto atividade de lazer e atualização, a uma minoria de indivíduos que tiveram acesso à educação e, por conseguinte, ao livro.

As experiências conseguidas através da leitura, além de facilitarem o posicionamento do ser do homem numa condição especial (o usufruto dos bens culturais escritos, por exemplo), são, ainda, as grandes fontes de energia que impulsionam a descoberta, elaboração e difusão do conhecimento. (SILVA, 2011, p. 44).

Ezequiel Silva (2011) chama a atenção para o fato de a leitura ser um processo de realização exclusiva do ser humano, pois, enquanto forma de participação, a interação só pode se dar entre homens. Dessa forma, por ser um tipo específico de comunicação,

a leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sociocultural; o livro (ou qualquer outro tipo de material escrito) é sempre uma emersão do homem do processo histórico, é sempre a encarnação de uma intencionalidade e, por isso mesmo, “sempre reflete o humano”. (SILVA, 2011, p. 47).

A comunicação, diz Silva (2011, p. 48), envolve não apenas falar e escrever como também ouvir e ler, pois sem o interlocutor e o leitor não é possível ocorrer qualquer tipo de comunicação. “Fala-se e escreve-se para alguém. Ao aprender a ler ou a ler para aprender, portanto, o indivíduo executa um ato de conhecer e compreender as realizações humanas, registradas através da escrita”. Desse modo, levando em conta a realidade educacional brasileira, Ezequiel Theodoro explicita da seguinte forma as funções da leitura:

1. Leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda à própria vida do Ser Humano.
2. Leitura está intimamente relacionada com o sucesso acadêmico do ser que aprende; e, contrariamente, à evasão escolar.
3. Leitura é um dos principais instrumentos que permite ao Ser Humano situar-se com os outros, de discussão e de crítica para se poder chegar à *práxis*.
4. A facilitação da aprendizagem eficiente da leitura é um dos principais recursos de que o professor dispõe para combater a massificação galopante, executada principalmente pela televisão.
5. A leitura, possibilitando a aquisição de diferentes pontos de vista (alargamento de experiências), parece ser o único meio de desenvolver a originalidade e autenticidade dos seres que aprendem. (SILVA, 2011, p. 48).

Silva (2011, p. 50) enfatiza que no processo de leitura há somente dois elementos: o leitor e o documento escrito que veicula uma mensagem, que, diferente do processo de falar e ouvir, a compreensão proporcionada pelo processo de leitura coloca o leitor numa categoria especial de comunicação, em que, na ausência do autor do texto, o leitor vai restaurar os significados mediados por símbolos; ato este que, para Ezequiel Theodoro, coloca a leitura em íntima relação com a Hermenêutica. Assim, os propósitos fundamentais da leitura são a compreensão da mensagem, compreensão de si mesmo na mensagem e compreensão de si mesmo pela mensagem.

Para Ezequiel Theodoro Silva (2011, p. 51), a leitura é “não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo”.

Os estudos de Rildo Cosson também dão uma importante contribuição na reflexão a respeito do ensino de Literatura. Cosson (2014, p.23) enfatiza a importância que a literatura tem na escola, afirmando que é necessário mudar os rumos da escolarização da literatura, promovendo o letramento literário para que ela cumpra seu

papel humanizador. Segundo Cosson (2014), é necessário que a escola promova a leitura efetiva dos textos, organizando-a segundo os objetivos da formação do aluno, de forma a cumprir o papel que a literatura tem no âmbito escolar, e também

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2014, p.23)

Para Rildo Cosson (2014) a literatura é um *lócus* de conhecimento no ambiente escolar e precisa ser adequadamente explorada para que funcione dessa forma. Então, a escola precisa ensinar o aluno a como proceder essa exploração de forma eficiente, pois “não se trata de cercear a leitura direta das obras criando uma barreira entre elas e o leitor. Ao contrário, o pressuposto básico é de que o aluno leia a obra individualmente, sem o que nada poderá ser feito”. (COSSON, 2014, p. 27)

Cosson (2014) contesta a pressuposição de que ler é um ato solitário e de que não haveria sentido utilizar o tempo da escola para se realizar a leitura, enfatizando que ler realmente é um ato solitário, mas a interpretação do que se lê é um ato solidário, conforme suas palavras: “Ler implica troca de sentidos não só entre o leitor e o escritor, mas também com a sociedade, onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço”. (COSSON, 2014, p. 27)

No ato de ler, afirma Cosson (2014), abre-se uma porta entre o nosso mundo e o do outro, e só quando esse trânsito se efetiva é que o sentido do texto se completa, quando se faz a passagem de sentidos entre os dois.

É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que a atividade da leitura seja significativa. Abrir-se ao outro para compreendê-lo, ainda que isso não implique aceitá-lo, é o gesto essencialmente solidário exigido pela leitura de qualquer texto. O bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário. (COSSON, 2014, p. 27)

Segundo Cosson (2014, p. 28), a sacralização da literatura lhe faz mais mal do que bem, pois quando ela é mantida em adoração, distancia-se do leitor, tornando-se inacessível e totalmente estranha. Já a análise literária, pressupõe uma via de comunicação entre leitor e autor, uma vez que a leitura, ao demandar respostas do leitor, faz com que ele a explore de diversas maneiras e nos mais variados aspectos. A leitura literária se concretiza, verdadeiramente, quando se efetiva esse intenso processo de interação, uma vez que, de acordo com Cosson

Longe de destruir a magia das obras, a análise literária, quando bem realizada, permite que o leitor compreenda melhor essa magia e a penetre com mais intensidade. O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância. (COSSON, 2014, p. 29)

Para Cosson (2014), a escola deve promover, nas atividades de interpretação dos textos literários, o compartilhamento e a ampliação dos sentidos construídos individualmente “A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura”. (COSSON, 2014, p. 66)

Assim sendo, nessa dissertação de mestrado levamos em consideração a leitura de poemas e contos na construção de atividades de leitura de texto literário, conforme veremos a seguir.

1.1 Leitura de poemas e contos

Diante do exposto e a partir das atividades realizadas em nossa sala de aula, percebemos que a prática de leitura por meio do texto literário brasileiro da Amazônia paraense nos gêneros poema e conto proporcionou aos nossos alunos da terceira etapa (6º e 7º ano) da Educação de Jovens e Adultos (EJA) uma aprendizagem significativa, levando-os não só a aprimorar sua capacidade leitora, mas, também, a enveredar pelos caminhos da literatura como ampliação de seu horizonte, a partir da leitura de poemas e contos.

O trabalho com leitura do texto literário está muito além do estudo da estrutura do texto. Mais do que isso, o importante é utilizar a leitura de poemas e contos para sensibilizar o aluno, buscando fazer com que ele, por meio da leitura, desperte seus sentimentos, altere ou aprofunde a sua visão de mundo a partir da interpretação do texto que está explorando. Dessa forma, a partir da leitura e da reflexão a respeito das histórias lidas é que ele vai perceber a sua própria história, vai se descobrir como um apreciador de histórias, histórias inventadas, histórias vividas, histórias ouvidas, histórias sonhadas, histórias que envolvem e constroem o seu universo.

E foi para oportunizar aos alunos da terceira etapa do ensino fundamental da educação de jovens e adultos (EJA) a leitura de textos literários, que possibilitem essa viagem pelo mundo das histórias, que optamos por trabalhar com poemas e contos de escritores paraenses.

Nesse sentido, determinaremos a diferença entre os termos *poema* e *poesia*, que, por muitas vezes, se confundem e são utilizados como se representassem o mesmo elemento. Denominamos *poema* ao texto concreto, à forma, ao corpo do texto; e *poesia* à essência do texto, ao abstrato que se depreende do *poema*, e também conheceremos um pouco da história do conto brasileiro.

Para desenvolver esse trabalho, lemos alguns teóricos, que deixaram obras importantes a respeito de poemas e contos, a exemplo de Mário Faustino, Massaud Moisés, Alfredo Bosi e Antonio Carlos Hohlfeldt.

Trabalhar a leitura de poemas em sala de aula é desafiador, pois a prática que hoje se percebe nas escolas é o de uso do poema como pretexto para aulas de gramática, ou, ainda, como texto a ser decorado pelos alunos para ser apresentado em atividades alusivas a datas comemorativas.

Por ser o poema um texto que traz em si a característica da polissemia e do dinamismo no uso das palavras, é um elemento riquíssimo para ser utilizado em sala de aula nas atividades de leitura literária, em que o poema pode ser explorado em toda sua potencialidade linguística, permitindo ao aluno uma interação profunda, ao transformar palavras em sentimentos, levando-o a perceber o quanto de sua vida cotidiana é captada e transformada nessa reflexão metafórica, que o texto poético faz aflorar em sua superfície, a partir do momento em que o leitor se permite esse mergulho no texto.

A poesia desenvolve a criatividade do aluno e o leva a reflexão, despertando sua sensibilidade para perceber o mundo poético que o rodeia. Assim, no poema, imagem, linguagem verbal, ritmo e sensações integram-se, fazendo com que o

leitor/aluno perceba um mundo novo que o leva a compreender e reelaborar a sua visão do mundo e principalmente de si mesmo.

Faustino (1977) enfatiza que a poesia serve à sociedade de maneira ativa e passiva, para ele

A poesia é um instrumento de realização existencial do próprio poeta, que através dela se organiza, se afirma e se harmoniza com o resto da humanidade e com o universo; a poesia age sobre o leitor ou ouvinte, individualmente considerado, ensinando-o (comunicando-lhe a experiência vivencial do poeta), deleitando-o (comunicando-lhe a satisfação de permanecer vivo e a alegria imanente a toda a coisa bela) e comovendo-o (comunicando-lhe o sentimento da importância de viver e provocando-lhe aquela catarse característica de quem experimenta uma obra-prima). A poesia age na sociedade sobre a qual se manifesta, testemunhando e criticando (no sentido profundo) uma parte da humanidade ou toda a humanidade de uma certa época, estimulando e provocando essa humanidade a transformar-se, criando utopias e alimentando ideologias e, finalmente, tornando sua língua mais apta e por isso mais bela. (FAUSTINO, 1977, p.40)

Mário Faustino (1977, p. 41) enfatiza que mesmo um poema cínico, imoral e anti-humano pode ser considerado um bom poema por apresentar aspectos úteis ao indivíduo e à sociedade. Faustino (1977, p. 44) explica que a percepção verbal é inerente ao Homem. Então, o poeta já percebe o universo, através de seus instrumentos, que são as imagens que ele utiliza nos poemas para estabelecer as relações entre os objetos de seu conhecimento e de sua sensação. Portanto,

A poesia tem um papel na sociedade, um terreno privado que se não for bem lavrado prejudicará essa mesma sociedade e que aquele papel deve ser exercido pelo poeta com toda a responsabilidade profissional com que uma tarefa de alcance social deve ser compreendida. (FAUSTINO, 1977, p.47)

Dessa forma, propiciar aos alunos da terceira etapa do ensino fundamental da educação de jovens e adultos a leitura de poemas de autores da Amazônia paraense permitirá a eles refletirem sobre questões universais da literatura, que esses poemas suscitarão neles.

Quanto aos contos, apresentamos um recorte da história desse gênero literário no Brasil a partir dos estudos de Alfredo Bosi (1997) e Antonio Carlos Hohlfeldt (1981), que descrevem o panorama do conto em nossa literatura. Para Bosi (1997, p. 7), “O conto cumpre a seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as

exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade”. Entre as variedades que tem assumido, Bosi (1997, p. 7) afirma que o conto “Ora é o quase-documento folclórico, ora a quase-crônica da vida urbana, ora o quase-drama do cotidiano burguês, ora o quase-poema do imaginário às soltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem”. Alfredo Bosi (1997, p. 7) afirma que esse caráter plástico, que o conto apresenta, já chegou a confundir alguns teóricos da literatura, que não conseguiram encaixar o conto em um formato definitivo como pretendiam fazer, quando na verdade, o conto, por sua narrativa curta, permite condensar e potencializar em seu espaço todas as possibilidades da ficção. Bosi (1997, p. 7) completa afirmando que “[...] o mesmo modo breve de ser compele o escritor a uma luta mais intensa com as técnicas de invenção, de sintaxe compositiva, de elocução: daí ficarem transpostas depressa as fronteiras que no conto separam o narrativo do lírico, o narrativo do dramático”.

No Brasil, segundo Hohlfeldt (1981, p. 12) a década de 60 ficou conhecida como a década do conto, pois, nesse período, muitos escritores foram revelados ou tiveram suas carreiras solidificadas. Conforme Hernan Lima, *apud* Antonio Carlos Hohlfeldt (1981, p. 23), o conto brasileiro surgiu através da imprensa, e que os dois primeiros textos classificados como contos publicados no Brasil foram “*A Caixa e o Tinteiro*”, publicado em 26 de novembro de 1836 e “*Um Sonho*”, publicada dois anos mais tarde, ambos de autoria de Justiniano José da Rocha.

Barbosa Lima Sobrinho, *apud* Antonio Carlos Hohlfeldt (1981, p. 23), acrescenta o texto “*Werner – Episódio da Guerra de Argel*”, de autoria de Napoleão d’Abrantes, publicado no mesmo ano – 1836 – e no mesmo jornal – O Chronista – em que J. J. da Rocha publicara seus textos.

Hohlfeldt (1981, p. 23) enfatiza que se generalizou no Brasil o costume da publicação de edições desses contos em “separata”, principalmente quando aumentou o número de jornais que abriram em suas páginas espaços dedicados à literatura, tendo alguns até criado folhetins à moda francesa, colaborando para o surgimento do primeiro volume impresso, que foi a reedição, em 1841, do conto “*As Duas Órfãs*”, de autoria de Joaquim Norberto de Souza, que foi considerado por Edgar Cavalheiro como “o pai do conto brasileiro”, por causa desse texto ter sido republicado onze anos depois, acrescido de outras narrativas, sob o título de “*Romances e Novelas*”.

Segundo Hohlfeldt (1981), há outros nomes considerados precursores do conto no Brasil:

Alceu Amoroso Lima indica-nos, ainda, a publicação de “*Amância*”, de Domingos Gonçalves de Magalhães, neste mesmo ano de 1841, como também iniciador do gênero, ao lado do texto de Souza e Silva. A esses se seguiria o volume de Bernardo Guimarães, de 1871, chamado “*Lendas e Romances*”, precedido, segundo se pode deduzir do verbete a respeito de Álvares de Azevedo, que consta do “*Dicionário Literário Brasileiro*”, de Raimundo de Menezes, da publicação, em três volumes, das até então obras completas do poeta, em que estaria incluída a versão definitiva de “*A Noite na Taverna*”, de 1862. Contudo, a informação não é completa, pois alguns críticos indicam a data de publicação do texto como sendo 1855, enquanto outros preferem 1878. (HOHLFELDT, 1981, p. 24)

Após três anos da publicação de “*A Noite na Taverna*”, surge em folhetim o romance “*O Ermitão de Muquém*”, do romântico Bernardo Guimarães, que só irá publicá-lo em volume no ano de 1864 e Apolinário Porto Alegre edita “*O Vaqueano*”, em 1872, rebatendo a obra de José de Alencar “*O Gaúcho*”, iniciando, conforme Hohlfeldt (1981)

[...] uma preocupação mais forte com alguns aspectos mais localizados do nacionalismo que o Romantismo levantara como bandeira, e que o Realismo vai concretizar numa série de obras a que didaticamente se tem denominado de “regionalismo”, num sentido bastante estrito como o conceituou Lúcia Miguel Pereira: a fixação de tipos, costumes e linguagem locais. (HOHLFELDT, 1981, p. 27)

Bernardo Guimarães, que tem apenas dois livros de contos, mas que sobressai sempre de sua obra a oralidade, de acordo com Hohlfeldt (1981, p. 31), colocou o Brasil central na geografia literária brasileira, que continuará depois com Afonso Arinos, que escreveu nove contos, publicados em dois livros “*Pelo Sertão*”, de 1898, e “*Histórias e paisagens*”, de 1921. Hohlfeldt (1981, p. 32) destaca também Coelho Neto, autodenominado regionalista, que entre as dezenas de obras de contos que publicou, destacam-se “*Sertão*”, de 1896; “*Treva*”, de 1905 e “*Banzo*”, de 1913.

Assim como o regionalismo se multiplica e, de forma recorrente, aparece na produção literária brasileira, a cidade também desperta interesse, e é em torno da região urbana, com seus dramas, que surge o grande contista Machado de Assis, cuja obra permanece viva em nossos dias. Herman Lima *apud* Hohlfeldt (1981, p. 36) afirma que “se o nosso conto literário não começou com Machado de Assis – firmou-se com ele,

recebendo-lhe das mãos trato que nenhum dos outros anteriormente lhe haviam dado e feição nova e característica com o interesse dos temas e alinhamento e cuidado do estilo”.

Hohlfeldt (1981, p. 36) destaca, também como contistas dessa época, Aluísio e Arthur Azevedo, tendo o primeiro publicado apenas dois volumes: “*Demônios*” (1893) e “*Pégadas*” (1897), já Arthur Azevedo divide seu tempo entre o teatro e o conto, tendo publicado, sucessivamente, “*Contos Possíveis*” (1889), “*Contos fora de Moda*” (1893), “*Contos efêmeros*” (1897), “*Contos em versos*” (1910), “*Contos Cariocas*” (1928) e o volume póstumo “*Vida Alheia*” (1929).

Como pré-modernistas, Hohlfeldt (1981, p.42) destaca diversos contistas, entre eles, Xavier Vargas, autor de três livros de contos; Alcides Maia, que publicou em 1922 o livro de contos “*Alma Bárbara*”; João Simões Lopes Neto, que publicou seguidamente os volumes de contos “*Contos Gauchescos*”, em 1912, e “*Lendas do Sul*”, de 1913, e bem mais tarde, em 1952, publica “*Casos de Romualdo*”. Antonio Hohlfeldt destaca ainda o goiano Hugo de Carvalho Ramos, autor de um único volume “*Tropas e Boiadas*”, publicado em 1917; Monteiro Lobato, que, segundo Hohlfeldt (1981), rompe com a corrente regionalista, pois,

[...] se regionalista ao localizar boa parte de seus contos na área rural, especialmente paulista, alcança uma dimensão de denúncia, de crítica e mesmo de repto a sua figura característica, atingindo, por vezes, até mesmo uma dimensão quase trágica, na fixação do que Lúcia Miguel Pereira e outros estudiosos consideram como o único “tipo” da ficção brasileira, que é o Jeca Tatu, e que surge já no volume de estreia, “*Urupês*” (1918), para ser aprofundado e retomado posteriormente. (HOHLFELDT, 1981, p. 49)

Outros autores, que Antonio Hohlfeldt destaca nesse período são Gastão Cruls, que estreia em 1920, com “*Coivara*”, e depois publica ainda, na área do conto, “*Ao Embalo da Rede*” (1923) e “*História puxa História*” (1938); e Afonso Henriques de Lima Barreto, que publicou apenas um livro de contos, “*Histórias e sonhos*” (1920), mas que publicou nos jornais da época diversas obras do gênero, as quais foram organizadas e publicadas por Francisco de Assis Barbosa a partir de 1956. Hohlfeldt (1981, p. 55) ressalta que “todos os críticos são unânimes em afirmar que, guardadas as diferenciações óbvias entre um e outro, depois e, paralelamente a Machado de Assis, é a obra de Lima Barreto a que melhor retrata o Brasil de sua época, com absoluta honestidade intelectual”.

No período modernista, os contistas da geração de 30 vão situar suas narrativas no ambiente urbano das grandes metrópoles. Hohlfeldt (1981, p. 62) afirma que a maior influência do período será o escritor Mário de Andrade, que estreia nos contos em 1926, com “*Primeiro Andar*” que integrará o volume “*Obra Imatura*” das obras completas do autor. Antonio Hohlfeldt (1981, p. 64) cita, ainda, o escritor Ant3nio Alcântara Machado, que estreou no conto, com a obra “*Braz, Bexiga e Barra-Funda*”, em 1927. Publicou contos esparsos, que foram reunidos no volume “*Mana Maria e vários contos*” (1936), e também “*Laranja da China*” (1928).

Outros contistas da 3poca, destacados por Hohlfeldt, foram: Ribeiro Couto, autor de numerosa obra, incluindo “*A casa do Gato Cinzento*” (1922), “*Baianinha e outras Mulheres*” (1927), “*Clube das Esposas enganadas*” (1933), “*Largo da Matriz e outras hist3rias*” (1940); An3bal Machado, que, estreou com “*Vila Feliz*” (1944), e publicou contos esparsos, reunidos depois no livro “*A Morte da Porta-estandarte*” (1965); Rodrigo Mello Franco de Andrade, que, segundo Hohlfeldt (1981, p. 69), “passou 3 hist3ria da literatura brasileira, e, no caso do conto contempor3neo, como um de seus nomes mais expressivos, com t3o somente oito contos reunidos num 3nico volume, “*Vel3rios*”, publicado, inicialmente, em 1936 (segunda ediç3o somente em 1974)”.

Por fim, Hohlfeldt destaca Alphonsus de Guimar3es, autor de “*Galinha cega*” (1931), “*Pesca da Baleia*” (1941) e “*Eis a Noite!*” (1943); Graciliano Ramos, que estreou no g3nero com “*Dois Dedos*” (1945), mas tem como obra mais conhecida “*Ins3nia*” (1947); e Or3genes Lessa, que iniciou no conto, com a publicaç3o de “*O Escritor proibido*” (1924), prosseguindo com a publicaç3o de dezenas de t3tulos.

Sobre geraç3o modernista de 45, Hohlfeldt (1981) afirma que

[...] nestas duas d3cadas (40 e 50) surgiram esparsamente, os livros que, vistos da perspectiva de hoje, configurariam sua revoluç3o, sobretudo a partir de Clarice Lispector, Samuel Rawet, Jo3o Guimar3es Rosa e Murilo Rubi3o, abrindo cada qual um veio riqu3ssimo de exploraç3o, que nos anos subsequentes seriam ampliados e aprofundados por eles mesmos ou pelos que se seguiram. (HOHLFELDT, 1981, p. 79)

Nos anos 60 e 70 destacam-se no conto autores como Luiz Vilela, Moacyr Scliar, Samuel Rawet, Bernardo 3lis, Rubem Fonseca, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, Dalton Trevisan e muitos outros. Segundo Antonio Carlos Hohlfeldt

(1981, p. 204), na literatura, o contista foi “aquele que melhor refletiu, pensou, criticou e buscou caminhos alternativos em face de nossa realidade, e isto não apenas nos dias atuais, em que os desafios foram muito maiores, como ao longo de todas as décadas”. Hohlfeldt classifica o conto brasileiro da seguinte forma: Conto rural - ação dramática no espaço rural; Conto alegórico - tem dois elementos comuns: a alegoria e a ironia; Conto psicológico – pauta-se no discurso das personagens; Conto de atmosfera - estrutura-se e desenvolve-se em torno da psicologia de personagens, apresentando um clima-atmosfera marcante; Conto de costumes – são a representação quase documental da realidade; Conto sócio-documental – dá palavra às classes mantidas à força na subalternidade da estrutura social (trabalha com temas polêmicos).

No Pará, temos um número considerável de contistas, entre eles Inglês de Sousa, um dos nossos primeiros contistas, tendo em vista a recepção do livro “*Contos Amazônicos*”, de 1893, que até hoje é lido e analisado pelos estudiosos da Literatura. Um de seus contos, “*Amor de Maria*”, foi selecionado e trabalhado em sala de aula, apresentando um resultado bastante positivo, que dialogou com as questões da realidade paraense.

Outro autor importante para o conto em nossa região foi o também romancista Benedicto Monteiro, que na década de 70 escreveu o livro “*Carro dos Milagres*”, antologia de contos, que teve uma recepção importante para os nossos estudiosos, entre eles Benedito Nunes, que prefaciou o livro, do qual foi trabalhado em sala de aula, com muito sucesso, o conto “*Carro dos Milagres*”.

Nos anos 80, temos a autora Maria Lúcia Medeiros, que nos deixou vários livros, entre eles, “*Zeus ou a menina e os olhos*”, autora pouco estudada, mas que, conforme Célia Coelho Bassalo (professora e escritora) afirma em texto publicado na contracapa do livro “*Antologia de contos – Maria Lúcia Medeiros*” (2003). “Os contos de Maria Lúcia Medeiros expressam criativamente os mitos pessoais da autora, formulados numa poética da lucidez e do rigor mental”.

A opção de também trabalhar com a leitura dos contos se deu pelas possibilidades que esse gênero de texto proporciona para o trabalho em sala de aula. Segundo Massoud Moisés (1999)

O conto é, pois, uma narrativa unívoca, univalente, constitui uma unidade dramática, uma célula dramática, visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação. Caracteriza-se, assim, por conter unidade de ação, tomada está como a sequência de atos

praticados pelos protagonistas, ou de acontecimentos de que participem. A ação pode ser externa, quando as personagens se deslocam no espaço e no tempo, e interna, quando o conflito se localiza em sua mente. (MOISÉS, 1999, p.40)

Esta unidade dramática da qual Moisés fala é o que torna o conto um gênero de texto adequada para ser trabalhada na escola, uma vez que é possível estudar um número maior de textos, explorando-os, por inteiro, nas atividades de leitura em sala de aula.

Por meio do trabalho de leitura de contos é possível estimular o aluno a desenvolver o prazer e o gosto pela leitura bem como possibilitar a reflexão a respeito do vocabulário utilizado pelo autor, e ampliar a visão de mundo desse leitor, proporcionando um amadurecimento gradativo, de acordo com o que é explorado em cada conto trabalhado em sala de aula.

Dessa forma, entendemos que trabalhar com a leitura de contos em sala de aula possibilita ao aluno a interação com textos que refletem o seu cotidiano, que é repleto de histórias vividas, ouvidas, e contadas a todo momento.

Embora o nosso trabalho não seja sobre a escrita, achamos por bem escrever um texto que se reporta sobre essa atividade de aprendizagem. Isto porque nas atividades que desenvolvemos com nossos alunos, além da leitura feita em sala de aula, solicitamos sempre que os alunos anotassem, procurassem palavras desconhecidas nos dicionários e produzissem textos escritos com comentários sobre os textos lidos.

1.2 Oralidade e escrita

Claudemir Belintane (2008, p. 36), no artigo “*Vozes da escrita – em tempos de crianças e menestréis*”, ao analisar a epígrafe que Drummond apresenta no livro *Corpo*, “Como decifrar pictogramas de há dez mil anos se nem sei decifrar minha escrita anterior?”, enfatiza o efeito poético instigante, que essa “escrita” apresenta sobre um tema oriundo da Linguística e da Psicanálise, que é a possibilidade de se entrecruzar o saber psicanalítico com o ensino da linguagem, de forma a trazer novas perspectivas para o campo da leitura e da escrita.

Belintane (2008, p.37) afirma que o poema de Drummond expõe um intrigante dilema: “se há uma escrita interior, que não me é acessível, como posso ler as letras de há mil anos?”, mostra que é justamente entre essas duas possibilidades, que ocorre a escrita do poeta, pois já que ele não pode ou é tolhido, então, faz sua própria escrita.

Belintane (2008, p.37) apresenta os estudos de Gelb, que, na década de 50, por perceber a impossibilidade de decifrar as fontes que permitiriam esclarecer o problema das origens da escrita, sugere recursos auxiliares, como o estudo dos povos “primitivos” ainda existentes, e o estudo da “psicologia infantil”, pelo fato de pesquisadores encontrarem com frequência semelhanças entre as atitudes mentais de bebês e crianças de nossos tempos e das sociedades de “estados mais primitivos”.

Enfatiza que para Gelb e seus pares há um traço em comum nas mentalidades infantis e primitivas em associar seus desenhos e escritas com coisas e fatos de suas realidades, argumentando que essa semelhança é resultado do caráter da língua deles que é expressada por meio de uma terminologia concreta e específica. Menciona também o fato de essa mesma tendência ocorrer em pacientes com *afasia mnésica*.

Para Belintane (2008, p.39), há necessidade do esforço de convergência teórica entre percursos de conhecimento aparentemente tão divergentes para compreender e repensar o ensino da escrita e da leitura em culturas complexas, em que se misturam e tencionam as comunidades oralistas e de escrita, ocultando um conflito milenar do domínio da cultura escrita e progressivo afastamento das culturas orais.

Belintane (2008, p.39) cita a pesquisa de Hevelock a respeito da entrada e dos efeitos do alfabeto na Grécia, que mostrou que a cultura oralista grega deu um impulso imenso ao uso da escrita consonantal oriunda dos Fenícios porque, ao criar os símbolos para as vogais, permitiu que a poesia épica pudesse ser registrada na escrita. Com isso, nasce a memória da tradição oral grega, que ganha o mundo na forma de memórias portáteis, dispensando o rapsodo e o menestrel como portadores de textos de tradição, além de possibilitar a escrita prosaica e conceitual que revolucionou o ocidente.

Refere-se aos estudos de Platão a respeito da “Psicologia da declamação poética”, que tenta descrever como a influência que os menestréis gregos exerciam sobre os cidadãos, comparando a pantomina entre menestrel e público aos rituais e folguedos, que ainda existem na cultura oral brasileira.

Claudemir Belintane (2008, p.42) afirma que, ao trazer para sua pesquisa os enfoques que redescobriram o embate entre oralidade e escrita na história desta, acrescenta uma dúvida ao quadro de Pommier, que ao privilegiar em seus esquemas a passagem da imagem e do pictograma para a escrita fonética, descarta a oralidade ritualística, excluindo a possibilidade de o recalque interpor-se entre a leitura silenciosa e a catarse por meio da voz. Dessa forma, a criação dos símbolos vocálicos para adaptar

a escrita à leitura do texto poético em voz alta ocasionou a dispensa do corpo do bardo como portador do texto emprestando um uso amplo à voz sem corpo.

Esse processo ocorreu também na Mesopotâmia, pois, na tentativa de registrar fielmente os textos, os escribas produziram ajustes na fonetização, transformando a escrita burocrática em uma escrita literária, profundamente enraizada na tradição oral, o que tornou mais difícil a instrução, porém possibilitou aos escribas exercer maior influência, principalmente quando penetraram nas estruturas administrativas de templos e outros grandes domínios, onde eram indispensáveis, sobretudo pela capacidade de se dedicarem à disseminação de propostas ideológicas para influenciar a opinião pública.

O alfabeto grego, afirma Belintane (2008, p.43), foi usado não para transcrever enunciados coloquiais e, sim, para transcrever o que tinha sido composto, segundo as regras da memorização. As regras de composição letrada foram introduzidas lenta e gradualmente, em condição de tensão crescente entre as modalidades oral e escrita da linguagem, que resultará no total declínio da relação da poesia como instrumento de diversão, ensino e preservação do conhecimento comunitário, e introduzir a prosa escrita como instrumento do pensamento e das ciências, em geral.

Segundo Belintane (2008, p.44), neste processo, recalcou-se não somente a imagem dos pictogramas, mas, principalmente, a poesia ou o corpo como instrumento de inspiração e de catarse. Ao retomar em sua reflexão o par filo e ontogênese, Belintane (2008, p.45) conclui com a ideia de que deve ser difícil na escola pública dar voz ao alfabeto e, ao mesmo tempo, ter que calar essa voz para que o fluxo da leitura se processe sem subvocalização.

Belintane (2008, p.47) explica que na palavra *parletre*, apresentada por Lacan, encontram-se fala, letra e ser. Fala e letra devem ser diferenciadas. Entretanto, entre elas, há um denso compromisso. Os textos da infância funcionam imbricadamente como a fala cotidiana e sempre é possível, já na fase da entrada, na língua, ocorrerem diversos jogos metafóricos e metonímicos.

Por detrás da fala cotidiana estão outros textos mais complexos; é necessário que haja muito do traquejo da língua escrita para aproximar-se do modo alfabético de fazer textos, para que a intermitência entre consoante e vogal ocorra de forma plena sobre os trilhamentos escavados pelo uso poético da língua.

Para Belintane (2008, p.49), o ato de desenhar e de rabiscar só resultará em escrita, se ocorrer a partir das fantasias e ritmos oriundos da tradição oral, a aventura das narrativas, a rima, e o ritmo das cantigas, das parlendas e de outros jogos languageiros.

Outra estudiosa da leitura, oralidade e escrita é Claudia Riolfi (2008, p. 113), que, no texto *Especificidades do ato de ensinar e escrever*, do livro *Ensino da Língua Portuguesa*, afirma que vários dos profissionais, que se dedicam à literatura, descrevem o exercício da escrita como um ato singular, que exige e produz mudanças em quem o realiza.

A partir da reflexão a respeito das transformações e das especificidades que fazem parte da produção escrita, evidenciando o papel que exercem o sujeito que ensina e o sujeito que aprende, propõe-se a discutir se as atividades de escrita propostas nas aulas de Língua Portuguesa possibilitam ao aluno refinar as operações que realiza no que se refere à linguagem, ou não produzem efeitos na relação do sujeito com a escrita. O sentido de aprender a escrever concerne tanto ao aluno quanto ao professor. É necessário redescobrir a magia e a imprevisibilidade que sempre fizeram parte do ato de escrever.

O povo latino-americano foi uma sociedade construída a partir da exclusão, afirma Riolfi (2008, p. 114) por causa de a fala sempre ter sido identificada com a desordem, a fragmentação e a invenção constante enquanto que a escrita aparece como mecanismo de fixação das leis e estabelecimento da ordem, firmando-se ancorada na definição de certo e errado.

A partir dessa concepção, a escrita passa a ser identificada como representante da gramática da língua que deve ser seguida, estabelecendo-se uma oposição entre oral e escrito. O surgimento da escrita apresenta a característica da intangibilidade, pois, além do papel de estabelecer regras e possibilitar o exercício do poder, a escrita apresenta-se ao ser humano como um lugar onde ele pode criar condições para superar o tempo e até as vicissitudes da morte.

Para Riolfi (2008, p. 115), o gesto de escrever pressupõe um leitor que o interprete, não há formas seguras e garantias de que em um texto escrito esteja somente o que se quis escrever. Nos dias atuais, com o avanço das tecnologias, a supremacia da lógica do mercado e a velocidade que ele impõe para suprir as necessidades de aprender a escrever para fazer alguma coisa, a escrita tornou-se uma técnica, que está na contramão do nosso tempo, pois, apesar de o domínio da escrita ser importante em

situações como o ingresso e permanência nos diversos ramos profissionais, o ato de escrever está cada vez menos presente nas atividades comuns de um jovem, além deste jovem não ter uma relação mais intensa com os textos da tradição literária, o que poderia leva-lo à percepção de um outro viés da importância da escrita. O professor precisa interrogar-se a respeito de por que ensinar e a respeito de quais conhecimentos o aluno necessita construir para que saiba escrever um texto.

Riolfi (2008, p. 116) afirma que há mais de um século, a partir da ciência linguística, foi superada a ideia equivocada de que a escrita é a representação gráfica da fala. Falar e escrever são duas ordens distintas de uso da língua. Existem falas baseadas na língua padrão bem como existe escrita baseada no uso da linguagem coloquial.

Na fala, dispomos de um conjunto amplo de recursos linguísticos e extralinguísticos como, por exemplo, a hibridez dos atos de fala reproduzidos na *internet*, que, embora seja escrito, é oralizado, daí a utilização de ícones para representar expressões faciais, que constituem um importante elemento de sentido do discurso oral.

À escrita, por conta de seu valor social, foi atribuído o *status* de representante legítima da língua padrão, legando à fala a condição de subproduto, com isso esta passou a ser considerada pobre e caótica enquanto a escrita passou a ser o lugar de assentamento de toda norma de correção do português padrão. Na escola ainda existem vestígios da tradição que considera a presença da oralidade na escrita um erro que precisa ser sanado. É importante conhecer quais são as formas de organização da fala e da escrita por ser condição necessária para se compreender o que significa o aluno saber escrever bem um texto.

Riolfi (2008, p. 118) enfatiza que para abordar as especificidades do ato de escrever é necessário compreender que existem diferenças nas formas de elaboração e organização oral e escrita, cada uma com complexidades próprias, de acordo com os objetivos de seus usos. Segundo ela, as manobras linguístico-discursivas transformam a escrita em uma peça aparentemente homogênea e contínua. Dessa forma, as diferenças entre fala e escrita referem-se não só ao registro e ao uso do código linguístico como também à posição e à disposição necessárias ao sujeito no trabalho com uma e outra modalidade da língua. O trabalho com a linguagem escrita é como a de um tecelão por causa da ausência do leitor no momento da escrita bem como pela ausência do autor do texto no momento da leitura.

Na realização oral não há opção de apagar o que foi dito. Na escrita essa possibilidade existirá a partir do momento em que inicia a circulação do texto. Dessa forma, uma palavra oralmente enunciada e um texto escrito que se torna público possuem a mesma irreversibilidade, tendo como diferença o fato de que quem escreve tem a possibilidade de escrever de novo, pois o texto é provisório enquanto estiver sob o trabalho de refacção, já que o processo de produção e o resultado final são separados.

O acesso à escrita, segundo Riolfi (2008, p. 125), depende de um lento aprendizado de cumplicidade com as palavras, por isso é necessário que se ensinem quais os recursos da língua que podem ser usados bem como quais as razões e os significados de escrever. A entrada no mundo da escrita requer e constrói, ao mesmo tempo, um domínio simbólico e reflexivo da linguagem.

Diante dessa concepção, é importante o papel do professor no processo de construção dessa relação que o aluno precisa desenvolver para tornar-se um sujeito que escreve, e ainda ensinar o aluno a produzir uma escrita distinta em momento de tanta efemeridade nos rituais de informação. É necessário que os professores se coloquem num lugar de estabilidade e acolhimento, possibilitando levar o aluno a trabalhar a linguagem em um processo de contínua construção de sua escrita e, conseqüentemente, de si mesmo.

O aluno necessita perceber-se como autor a fim de colocar no papel informações, que venham de suas experiências vividas. Os limites das experiências vividas precisam ser ultrapassados e necessitam se transformar em categorias, que possibilitem ao sujeito a compreensão e o avanço na linguagem e na sua posição no mundo.

Riolfi (2008 p. 129) enfatiza que é importante entender o texto como um conjunto de relações significativas produzidas por um sujeito inserido em determinado mundo cultural e simbólico, e o professor precisa reconhecer que essas produções são instâncias discursivas individualizadas, que deixam marcas das compreensões e determinações das razões de escrever nos dias atuais. Portanto, compreender os determinantes das relações com a escrita é fundamental na construção de propostas sobre como intervir nas produções textuais, pois, com base nos resultados dos diagnósticos, o professor pode intervir em dois planos da escrita do aluno: na organização e uso dos recursos linguísticos e na argumentação e coerência a respeito do tema do texto. A cultura da reescrita, construída pelo professor, é condição necessária para que o aluno entenda, que se aprende a escrever na interação contínua e persistente com os atos constitutivos da sua própria escrita.

Capítulo 2 Literatura da Amazônia paraense na terceira etapa (6º e 7º anos) da Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Em nossa experiência como professora de Língua Portuguesa, em turmas de terceira etapa do ensino fundamental 6º e 7º anos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), inquieta-nos perceber que os alunos chegam a essa etapa de sua formação escolar, desconhecendo a literatura produzida no Pará.

Em muitas situações, apresentamos textos literários sem informar, de imediato, que foram escritos por autores paraenses, e percebemos a surpresa desses alunos, ao descobrirem a origem dos autores dos textos que estavam lendo, admirando-se por viverem no mesmo espaço que eles e nunca terem ouvido falar em nenhum desses escritores.

Incomodou-nos perceber que, nas atividades de leitura de textos literários, nas escolas paraenses, a produção literária do Pará está ausente ou é pouco utilizada, deixando uma lacuna na formação leitora de nossos alunos, que, por meio dos livros didáticos, têm contato com a produção literária brasileira produzida em outros Estados brasileiros e, também, com a literatura universal.

Foi a partir dessa inquietação que desenvolvemos as atividades de leitura do texto literário brasileiro da Amazônia paraense, e que se destinaram a suprir essa ausência nas atividades de leitura, que compõem os livros didáticos utilizados em sala de aula.

Acreditamos que com a intensificação de atividades de leitura do texto literário paraense, a partir da leitura de poemas e contos, o aluno possa refletir a respeito das questões apresentadas pelos escritores, que permeiam suas vidas e as das pessoas ao seu redor.

Escolhemos desenvolver as atividades apresentadas nessa dissertação em uma turma de terceira etapa de educação de jovens e adultos de uma escola estadual de ensino fundamental e médio, que apresentamos a seguir.

2.1 Local onde desenvolvemos o nosso trabalho: a escola em detalhes

Com o objetivo de promover o letramento literário dos alunos é que desenvolvemos as atividades de leitura, apresentadas nesta dissertação de mestrado, nas turmas de terceira etapa do ensino fundamental da educação de jovens e adultos (EJA),

em uma escola estadual de Ensino Fundamental e Médio do bairro do Tapanã, onde trabalhamos desde 2002.

A escola tem por missão garantir uma prática eficiente e eficaz no que diz respeito à qualidade do ensino e à formação de cidadãos conscientes e atuantes na sociedade, desenvolvendo suas ações, com transparência e responsabilidade, na produção de conhecimento.

A escola funciona em um prédio alugado, composto de dois blocos de salas, com quatorze salas de aula, um auditório com capacidade para um público de 100 pessoas, sala de diretoria, sala de professores, sala de atendimento especializado, biblioteca que comporta um público de 20 pessoas, com um acervo de 1500 livros; sala de mediação de conflitos, secretaria, quadra de esportes coberta, cozinha e banheiros. O número de funcionários da escola é de 73 servidores, entre professores, técnicos e administrativos.

A escola funciona nos turnos manhã, tarde e noite, com 39 turmas, sendo 29 de ensino fundamental e 10 de ensino médio, no ensino regular e na educação de jovens e adultos (EJA), além de 02 turmas de ensino fundamental e 01 de ensino médio do Projeto Mundiar, com metodologia de telessala que tem por objetivo corrigir a distorção idade/série, tendo em vista a quantidade de alunos que estão nessa situação.

Possui projetos pedagógicos, que mobilizam os alunos a participarem de forma ativa, contribuindo para a sua formação e o exercício da cidadania. Entre os projetos desenvolvidos na escola, destacamos o Dia da Família, a Semana da Consciência Negra, a Feira de Talentos, os Jogos Internos e o Sarau Lítero-Cultural.

Quanto aos demais aspectos, a escola oferece merenda escolar, nos três turnos, e possui água filtrada de poço artesiano, energia da rede pública, esgoto da rede pública, coleta periódica de lixo, acesso à *Internet*, banda larga, televisão, DVD, retroprojektor, impressora e três computadores, sendo dois para uso administrativo e um para uso dos alunos.

2.2 Terceira etapa da EJA descobrindo a Literatura da Amazônia paraense: perfil dos alunos

A escola em que desenvolvemos as atividades de leitura só possui duas turmas de terceira etapa do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos (EJA). As turmas funcionam no turno da noite, no horário de dezenove às vinte e duas horas e trinta minutos.

As atividades de leitura de texto literário brasileiro da Amazônia paraense foram desenvolvidas no ano letivo de 2014, na turma da qual somos professora de Língua Portuguesa. A turma iniciou o ano letivo com 54 alunos, na faixa etária de dezesseis a trinta e dois anos. São, em sua maioria, moradores do bairro do Tapanã, área periférica da cidade de Belém do Pará. Quase todos trabalham e estudam, por isso a escolha do turno noturno. De origem pobre, trazem em sua história escolar situações de reprovação e/ou abandono dos estudos por diferentes motivos, então, encontram-se em distorção de idade/série, daí estarem em uma turma de EJA. Alguns são casados e/ou tem filhos.

A maioria apresenta dificuldade em leitura, sendo que alguns estão na fase alfabética, o que nos leva a questionar como e porque chegaram ao sexto ano escolar com tal déficit em leitura. Esse quadro nos desafia a buscar formas de garantir a esses alunos o direito à leitura a fim de ampliar as suas possibilidades de crescimento e emancipação, pois ler é indispensável para que ele tenha acesso ao saber acumulado, garantindo o seu crescimento pessoal, social e político.

Então, optamos por trabalhar com os alunos da terceira etapa da EJA a leitura de textos literários brasileiros da Amazônia paraense como forma de aliar o prazer da leitura com o acesso a esse valioso bem cultural de nossa região.

A turma encerrou o ano letivo de 2014 com 38 alunos, apresentando a taxa de aprovação na disciplina Língua Portuguesa de noventa e três por cento (93%).

2.3 A Educação de Jovens e Adultos

A realidade que encontramos em turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) retrata a situação de negação de direitos sociais básicos, entre os quais a educação. Os jovens e adultos que chegam à escola, nessa etapa, são oriundos de uma estrutura social desigual, que lhes negou o direito à alfabetização e à educação básica, resultando numa estrutura social injusta, que se perpetua, à medida em que essa condição passa de uma geração a outra.

Os alunos das turmas de Educação de Jovens e Adultos, apesar das dificuldades de aprendizagem apresentadas, por terem abandonado os estudos em algum momento de sua vida, geralmente pela necessidade de trabalhar, são detentores de conhecimentos resultantes de sua experiência, de sua cultura e de seus saberes, os quais não podem ser ignorados pelo sistema educacional.

Muitos alunos deparam-se com o preconceito que permeia a modalidade da educação formal de jovens e adultos, o que contribui para a baixa autoestima que encontramos na maioria dos alunos que constituem essas turmas. Portanto, é necessário promover a construção de conhecimento, levando-se em conta as singularidades que esses jovens e adultos possuem, a fim de elevar sua escolaridade, universalizando os saberes e conhecimentos, permitindo a formação de um sujeito crítico, consciente de seu papel social e de sua possibilidade de superação da situação em que se encontra.

Gaudêncio Frigotto (2004, p.76) enfatiza que, ao discutirmos a educação de jovens cujo direito à escolaridade formal não foi devidamente assegurado, é crucial que entendamos que não se trata de jovens em geral, pois, segundo ele,

Os sujeitos que procuram a Educação de Jovens e Adultos (EJA) pertencem à classe ou fração de classe de filhos de trabalhadores assalariados ou que produzem a vida de forma precária por conta própria, no campo e na cidade, em regiões diversas do Brasil e com particularidades socioculturais e étnicas.

Frigotto (2004, p. 76) destaca, ainda, que os jovens que compõem esse universo têm uma inserção precoce do emprego ou subemprego, enfatizando que essa inserção não é uma escolha, mas

[...] uma imposição de sua origem social e do tipo de sociedade que historicamente se construiu no Brasil. Aqui o recorte de classe ou fração de classe e, de forma sobreposta, o de cor ou raça e gênero, evidenciam-se sem a necessidade de muitas mediações. Assim, uma massa enorme de jovens trabalha com a família em minifúndios ou como arrendatários ou assalariados do campo. Outros milhares de jovens vivem nas centenas de acampamentos, de norte a sul, do movimento dos Sem-Terra. Mas, certamente, o número maior de jovens filhos de trabalhadores reside em bairros populares ou favelas das médias e grandes cidades do Brasil.

Em relação ao processo educativo e de construção de conhecimento, Frigotto (2004, p. 75) sugere como ponto de partida:

[...] a centralidade dos sujeitos jovens e adultos no processo educativo e o ponto de chegada é a ampliação e universalização do conhecimento que permita uma leitura crítica da realidade humana em todas as dimensões e a superação da situação de oprimidos. Entre ambos, destaca-se o papel do professor educador na construção do processo educativo, articulando trabalho, cultura e conhecimento.

Para promover um processo educativo que atenda aos anseios de jovens e adultos, que buscam na escola um meio de reverter a situação social em que se encontram, juntamente com suas famílias, é necessário o empenho da sociedade e, principalmente, do poder público, que, por meio da legislação, tem possibilidade de propiciar educação de qualidade à população.

Em relação ao aparato legal que regulamenta a Educação de Jovens e Adultos, destacamos a Constituição Federal, Lei nº 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; e a Lei Federal nº 10.172, que estabeleceu o Plano Nacional de Educação.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, constam no Título V, Capítulo II, Seção V, dois Artigos relacionados, especificamente, à Educação de Jovens e Adultos:

Art. 37 - A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Art. 38 - Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I. no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II. no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

§ 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

A respeito da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, Funari (2008, p. 63) afirma que:

Adquirindo da Lei 9.394/96 o conceito de EJA, fica evidenciado que essa nomenclatura permite entrever e englobar um conceito bem maior que vai além de apenas um “ensino” proposto e embutido nos conceitos utilizados em documentos de épocas anteriores. Denota-se, a partir dele, que a EJA se caracteriza como uma modalidade que abrange diversos processos de formação.

Sobre a regulamentação da modalidade EJA, Sueli Funari (2008, p. 63) explica que, “No plano formal, esses documentos têm por finalidade, normatizar e regulamentar em termos de legislação o direito do jovem e do adulto, que não tiveram oportunidade de escolarização no período adequado, poder ingressar ou voltar aos estudos”.

Funari (2008, p. 63) destaca a V Confitea, realizada em Hamburgo, em 1997, como um marco importante para a EJA, explicando que,

Antes dela, diversos encontros regionais e estaduais no Brasil permitiram que pessoas, instituições e organizações apresentassem estudos e documentos, com a finalidade de fazerem um levantamento de tudo o que vinha acontecendo com este segmento na sociedade brasileira. Foram delineados os objetivos e as ações para que um perfil da EJA fosse traçado. Outros acontecimentos importantes a ela ligados foram os Encontros Nacionais de EJA (Enejas), os quais aconteceram sempre na semana de alfabetização, cujos términos coincidiram com o dia internacional da alfabetização – dia 8 de setembro.

A partir da Constituição Federal e da LDB 9.034, foram elaborados diversos documentos que abordam a questão da EJA. Funari (2008, p. 65) destaca a Resolução CNE/CEB e o Parecer 11/00, da CEB do Conselho Nacional de Educação de Adultos (CNEA), que regulamentaram as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA. Funari (2008, p. 65) explica que,

No parecer vêm especificados os aspectos singulares da escolarização na EJA, suas bases legais, as diretrizes para essa educação, recuperando sua evolução histórico-legislativa no país, bem como suas principais funções e fundamentos. Além disso, distingue cursos de educação de jovens e adultos dos exames supletivos; faz referência às ações pedagógicas desse tipo de educação; trata das especificidades dos cursos a distância e no exterior; dos cursos semipresenciais; as iniciativas públicas e privadas; os indicadores estatísticos e a formação de docentes para a área.

Funari (2008, p. 65) cita a Resolução CNE/CEB nº 01/00, explicando que ela “estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos e insiste no fato de que o perfil dos alunos de EJA é diferenciado. Eles devem ser tratados enquanto tais e não como uma extensão de crianças e adolescentes dos cursos regulares”.

Sueli Funari (2008, p. 66) destaca, também, a Lei Federal nº 10.172/01, que estabeleceu o Plano Nacional de Educação, explicando que nela “há a inclusão de metas prevendo a erradicação do analfabetismo em 10 anos, com a implantação de um programa nacional de alfabetização e de educação de jovens e adultos”.

Outra questão importante na Educação de Jovens e Adultos diz respeito ao material didático de que os professores dispõem, para desenvolver um trabalho a contento. Funari (2008, p. 62) alerta que:

Hoje, quando a EJA ainda se encontra à margem das políticas públicas que historicamente têm se revelado profusas e caóticas, pendendo entre centralização e descentralização na captação e condução dos recursos financeiros, o que se observa é a escassa presença de livros didáticos voltados às singularidades desta modalidade de ensino, à qual se destina uma incipiente produção didática. ”

Diante da escassez de livros didáticos direcionados à Educação de Jovens e Adultos, e, por conseguinte, de atividades de leitura de texto literário, é pertinente promover a elaboração de material didático que atenda a essa modalidade de ensino, proporcionando aos alunos da EJA o acesso à produção literária.

A partir dessa necessidade é que apresentamos na presente dissertação de mestrado a proposta de atividades de leitura do texto literário brasileiro da Amazônia paraense, sobre a qual discorreremos a seguir.

2.4 Uma proposta de leitura do texto literário da Amazônia paraense

O primeiro desafio na construção das atividades de leitura de texto literário consistiu na seleção dos textos com os quais trabalharíamos. Diante do universo que compõe a Literatura brasileira da Amazônia paraense, resolvemos, então, selecionar autores que produziram obras, nos séculos dezenove e vinte, nos gêneros poema e conto.

Desse universo surgiu um outro dilema: quais escritores escolher. Após muita pesquisa e leitura, decidimo-nos por cinco escritores no gênero poesia, a saber: Antônio Tavernard (1908-1936), Bruno de Menezes (1893-1963), Ruy Barata (1920-1990), Max Martins (1926-2009) e João de Jesus Paes Loureiro (1939); e cinco no gênero conto: Inglês de Sousa (1853-1918), João Marques de Carvalho (1866-1910), Eneida de Moraes (1904-1971), Benedicto Monteiro (1924-2008) e Maria Lúcia Medeiros (1942-2005).

De cada escritor, inicialmente foram selecionados cinco textos, num total de cinquenta textos, a saber:

POEMAS:

Antônio Tavernard (1908-1936): “*Consolo*”; “*Similitudes*”; “*Sonhos de sol*”; “*Prece de Natal*”; “*Visita de santo*”.

Bruno de Menezes (1893-1963): “*Batuque*”; “*Escola dos sapos*”; “*Gente da estiva*”; “*Mãe preta*”; “*São João do folclore e manjericos*”.

Ruy Barata (1920-1990): “*A linha imaginária*”; “*Auto-retrato*”; “*Canção antiga*”; “*Enchente amazônica*”; “*Poema*”.

Max Martins (1926-2009): “*Amargo*”; “*Meditação para Bashô*”; “*O fazedor de chuva*”; “*O tempo o homem*”; “*Ver-o-peso*”.

João de Jesus Paes Loureiro (1939): “*Espelho*”; “*A chuva*”; “*Largo do relógio*”; “*Paisagem com boiúna*”; “*Um homem que se diz bom*”.

CONTOS:

Inglês de Sousa (1853-1918): “*Acauã*”; “*A feiticeira*”; “*Amor de Maria*”; “*O baile do judeu*”; “*O gado do valha-me Deus*”.

João Marques de Carvalho (1866-1910): “*A “serenata” de Schubert*”; “*Desilusão*”; “*Mater dolorosa*”; “*Que bom marido*”; “*Represálias*”.

Eneida de Moraes (1904-1971): “*Amiga, companheira*”; “*A revolução de 1930*”; “*Muitas árvores*”; “*Promessa em azul e branco*”; “*Tanta gente*”.

Benedicto Monteiro (1924-2008): “*Fim do mundo*”; “*O carro dos milagres*”; “*O papagaio*”; “*O peixe*”; “*O sinal*”.

Maria Lúcia Medeiros (1942-2005): “*Carnaval*”; “*Céu caótico*”; “*Chuvas e trovoadas*”; “*Don Quixote veio de trem*”; “*Zeus ou a menina e os óculos*”.

Após a leitura e análise dessa coletânea, selecionamos um texto de cada autor, em um total de dez, para desenvolver as atividades interventivas sobre a leitura do texto literário em sala de aula. No gênero poemas escolhemos: “*Prece de Natal*”, de Antônio Tavernard; “*Batuque*”, de Bruno de Menezes; “*Enchente amazônica*”, de Ruy Barata; “*Ver-o-peso*”, de Max Martins; e “*Largo do relógio*”, de João de Jesus Paes Loureiro.

No gênero contos, os textos escolhidos foram: “*Amor de Maria*”, de Inglês de Sousa; “*A “serenata” de Schubert*”, de João Marques de Carvalho; “*Promessa em azul e branco*”, de Eneida de Moraes; “*O carro dos milagres*”, de Benedicto Monteiro; e “*Zeus ou a menina e os óculos*”, de Maria Lúcia Medeiros.

As atividades de leitura, apresentadas nessa dissertação de mestrado, foram desenvolvidas durante o ano letivo de 2014, utilizando 12 horas aulas mensais, sendo três aulas por semana, na nossa turma da terceira etapa do ensino fundamental da Educação de Jovens e Adultos (EJA), de uma escola estadual de Ensino Fundamental e Médio, localizada no bairro do Tapanã, em Belém do Pará

Para cada texto selecionado foi elaborado um roteiro de leitura, atividades orais de interpretação e compreensão textual e anotações referentes à leitura dos textos. Optamos por explorar mais a questão do sentido do texto do que a estrutura. Nas atividades, os textos foram lidos na íntegra em sala de aula e os livros que contêm os textos selecionados compuseram uma caixa de leitura, que proporcionou a circulação do livro, em forma de empréstimo, em sala de aula.

A construção das atividades de leitura de textos literários foi norteada pelas recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ensino Fundamental para a série a que se destinam as atividades propostas nessa dissertação de mestrado, com algumas adaptações, pelas leituras de autores que tratam do ensino de leitura da literatura na escola, bem como pela nossa percepção do ensino de literatura.

A partir da metodologia de leitura dos textos literários (contos e poemas), observamos que as aulas de “Literatura” na disciplina Língua Portuguesa tornaram-se prazerosas e funcionais, uma vez que resultaram de ações e reflexões conjuntas a respeito da literatura, que, embora seja constituída de textos inventados, possibilitou a reflexão a respeito de questões relacionadas a realidade dos alunos, aos seus sentimentos e inquietações, aos seus anseios e ao desejo de interferir em sua própria trajetória. As Atividades de Leitura de Textos Literários Brasileiros da Amazônia Paraense, realizadas em nossa turma de terceira etapa do Ensino Fundamental da EJA, constituem o terceiro capítulo dessa dissertação de mestrado.

Capítulo 3 Atividades de leitura: A terceira etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA) descobrindo a Literatura da Amazônia paraense

As atividades de leitura do texto literário brasileiro da Amazônia paraense começaram a ser desenvolvidas somente no final de agosto de 2014, após a qualificação do mesmo, o que impossibilitou trabalhar os dez textos planejados. Isto ocorreu por dois motivos: o primeiro foi o fato de o PROFLETRAS ter iniciado no segundo semestre de 2013, ocasionando a qualificação do Projeto somente em agosto de 2014, com calendário letivo que não corresponde ao das escolas estaduais; o segundo motivo foi a antecipação, por ordem da Secretaria de Educação, do final do ano letivo de 2014 das escolas públicas estaduais para o mês fevereiro de 2015, quando deveria ocorrer somente na primeira quinzena de abril de 2015, obrigando-nos a encerrar as atividades do quarto bimestre em janeiro, uma vez que o mês de fevereiro foi reservado para a recuperação final. Então suprimimos o que havíamos planejado para fevereiro e março.

Antes do desenvolvimento das atividades, realizamos leitura dos dez textos com reflexão e produção interpretativa das obras lidas para embasamento e discussão com os alunos em sala de aula.

Ao iniciar as atividades de leitura do texto literário brasileiro da Amazônia paraense com os alunos da turma de terceira etapa do ensino fundamental da educação de jovens e adultos (EJA), explicamos a eles a importância da leitura do texto literário e a necessidade de conhecerem a produção literária paraense, que está ausente nas atividades de leitura no ensino fundamental. Informamos, ainda, que os gêneros com os quais trabalharíamos seriam poema e conto produzidos nos séculos dezenove e vinte. Por fim, explicamos que, das cinco aulas semanais, três seriam dedicadas às atividades de leitura dos textos literários selecionados.

A seguir apresentamos as dez aulas de leitura do texto literário, elaboradas por nós e desenvolvidas em nossa turma, de acordo com a sequência das aulas ministradas.

3.1 AULA 1 – LEITURA DO POEMA “*VER-O-PESO*” DE MAX MARTINS

3.1.1 Conversa com os alunos

Arrumamos os alunos em círculo e iniciamos a atividade de pré-leitura, conversando a respeito dos pontos turísticos de Belém. O primeiro ponto referido foi o Bosque Rodrigues Alves, local que a maioria deles visitou quando eram crianças.

Depois citaram o Museu Paraense Emílio Goeldi, a Estação das Docas, o Mangal das Garças, a Praça da República, o Portal da Amazônia e o Ver-o-Peso.

Ao citarem o Ver-o-Peso, ponto turístico considerado cartão postal de Belém, indagamos a respeito do conhecimento e da relação deles com o local. Constatamos que alguns já haviam trabalhado lá ou tinham parentes que trabalhavam no Ver-o-Peso.

Em seguida, explicamos para eles que o texto a ser lido naquele dia seria um poema de um poeta paraense chamado Max Martins. Entregamos a eles cópia do poema “*Ver-o-Peso*” (MARTINS, Anexos, p. 108), apresentamos o livro “*Poemas Reunidos*”, de onde o poema foi retirado e falamos um pouco sobre o autor do poema, conforme veremos a seguir.

3.1.2 Introdução do autor e do poema

O poema “*Ver-o-peso*” é de autoria de Max Martins, que nasceu em Belém do Pará, em 20 de junho de 1926. Max, com Benedicto Nunes, de quem era amigo desde a infância, publicou poemas na condição de colaborador no encarte literário “Suplemento Literatura” do jornal Folha do Norte, na década de 40. Alguns de seus poemas estampados neste encarte foram posteriormente publicados em livro.

Max Martins era um autodidata, pois fez estudos particulares nas áreas de literatura, artes, filosofia e poesia. Em 1952, publicou seu primeiro livro “*O estranho*”, com o qual ganhou o prêmio de poesia Frederico Rhonsard, concedido pela Academia Paraense de Letras, e o prêmio Santa Helena Magno, concedido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará. Com o livro “*Anti-Retrato*”, publicado em 1960, voltou a ganhar os prêmios Frederico Rhonsard e Santa Helena Magno.

Com a publicação de “*Não para consolar*”, ganhou também, em 1993, o prêmio Olavo Bilac, da ABL (Academia Brasileira de Letras). As suas melhores obras foram traduzidas para o alemão, inglês e francês. Max Martins faleceu em 2009, deixando uma extensa obra: “*O estranho*” (1952); “*Anti-Retrato*” (1960); “*H’Era*” (1971); “*O ovo filosófico*” (1976); “*O risco subscrito*” (1980); “*A fala entre parêntesis*” (com Age de Carvalho, à moda da renga, 1982); “*Caminho de Marahu*” (1983); “*60/35*” (1985); “*Poema-cartaz Casa da Linguagem*” (1991); “*3 Poemas - folder com desenho, colagem*” (1991); “*Marahu poemas*” (1985); “*Não para consolar - poesia completa*” (1992); “*Para ter onde ir*” (1992).

O poema “*Ver-o-Peso*”, de Max Martins, foi publicado pela primeira vez no livro “*H’Era*” em 1971. Em “*Ver-o-Peso*” o poeta aborda o mercado do Ver-o-peso, cartão postal de Belém, explorando nos setenta e quatro versos, que compõem o poema,

uma questão social muito forte na região, que é a exploração do trabalho do pescador e tudo o que envolve essa atividade comercial. Por possibilitar a reflexão a respeito de questões sociais como a fome e a exploração comercial, entre outras, é que resolvi trabalhar com meus alunos o poema “*Ver-o-peso*”, de Max Martins.

3.1.3 Leitura e discussão do poema

Iniciamos a atividade com os alunos, fazendo uma leitura silenciosa para que conhecessem o poema, depois fizemos a leitura do texto em voz alta, de forma pausada e expressiva, procurando marcar a entonação e o ritmo para os alunos perceberem que essas características são próprias de um poema.

Em seguida, os alunos leram o poema em voz alta, acompanhados por nós, também em ritmo pausado e expressivo. Nesta primeira atividade de leitura, eles iniciaram um pouco tímidos, mas com a repetição, acabaram descontraindo e se envolvendo mais com a atividade.

Uma nova leitura em voz alta foi realizada pelos alunos, mas, desta vez, de forma acelerada, acrescentando ao texto o ritmo próprio de um mercado como o do *Ver-o-Peso*, que dá voz ao poema lido.

Em uma quarta leitura, foi empregada a técnica de jogral, em que a turma foi dividida em dois grupos, um masculino e outro feminino, e cada grupo entoou um verso do poema, de forma pausada. Na quinta leitura do poema foi repetida a técnica de jogral da leitura anterior, desta vez feita de forma acelerada. Já familiarizados com o texto, os alunos se empenharam bastante nessa atividade de jogral.

Em seguida, solicitamos aos alunos que anotassem e expusessem suas dúvidas sobre o vocabulário, buscando elucidar, em conjunto, com a turma, o significado das palavras citadas, através do contexto e, em seguida, buscamos auxílio em dicionário para as palavras, cujos significados eles não conseguiram elucidar, como aconteceu com as palavras “*vero*” e “*vera*”.

Em seguida, instigamos os alunos a fazerem uma reflexão a respeito do poema. Fomos lendo cada verso e eles foram explicitando oralmente o que compreenderam na leitura do texto. Solicitamos que cada aluno destacasse oralmente a estrofe ou o verso do texto de que mais gostou, explicando o motivo da escolha.

O aluno V. F. citou os versos “o homem / come a lama / lambe o barro” (MARTINS, Anexos, p. 109), que ele achou interessante porque mostra a miséria de alguns pescadores, que não conseguem se sustentar com a pesca. A aluna J. S. citou os versos “a fome / vem de longe / nas canoas / ver o peso” (MARTINS, Anexos, p. 108),

que a fizeram lembrar dos pescadores e de sua família, quando ela era criança e morava no interior de Marapanim, que passavam vários dias no mar, indo para lugares distantes pescar e vender seus peixes.

Vários alunos se manifestaram, citando os versos do poema que lhes chamou a atenção.

Então, distribuímos aos alunos papel, lápis de cor, canetas hidrocolor, revistas e jornais e solicitamos que eles expressassem suas impressões sobre o poema, com desenhos e colagens. Em seguida, montamos um varal na sala de aula com o resultado do trabalho.

Após essa atividade, os alunos assistiram a um vídeo do poema “*Ver-o-Peso*”, parte integrante do documentário chamado Porto Max sobre o poeta paraense Max Martins, filmado pelo coletivo de Documentário da Fundação Curro Velho e editado por Neto Dias em 2009.

Como culminância das referidas atividades, levamos a turma em excursão ao Ver-o-Peso, onde conversaram com pescadores e comerciantes de pescados, conheceram os mercados de peixe e de carne, o porto onde ancoram os barcos pesqueiros, e todo o complexo da feira, com as barracas de vendas de alimentos, animais, artesanato e as famosas ervas. As atividades em sala de aula com a leitura e discussão do poema “*Ver-o-Peso*”, de Max Martins, desenvolvidas em sala, tiveram a duração de 9 horas-aula.

3.1.4 Análise, a partir da leitura do poema

O poema “*Ver-o-Peso*”, composto de 74 versos, apresenta, por meio do jogo metafórico, uma reflexão a respeito do universo que envolve a atividade comercial, praticada na feira que dá título ao poema.

Nos três versos iniciais, a canoa aparece como o elemento que liga o homem ao mercado, pois a canoa tem nome, tem identidade, diferente do homem, que não tem nome e confunde-se com os outros elementos comuns desse universo que constitui a atividade econômica do pescador.

A canoa também é responsável por conduzir a fome, que pode ser entendida como uma referência em relação à comercialização do peixe, que é comprado para matar a fome de quem o consumirá. Porém o valor arrecadado pelo pescador não é suficiente para matar a sua fome e a de sua família, deixando, aí, subtendida a condição de exploração do trabalho do pescador assim como de outros trabalhadores, de cujo

produto quem realmente tirará vantagens financeiras é o “atravessador”¹, que compra o pescado por um preço ínfimo e o revende com grande margem de lucro.

Como lemos nos versos de seis a doze, o homem se vende junto com o seu produto, ele se vê obrigado a aceitar as condições impostas pelo comerciante, aqui representado pela balança, que age ante a passividade do peixe, do Homem e da fome. Ela os pesa, ela os vende.

Nos versos treze a dezesseis, o poeta se refere às condições de vida dos ribeirinhos da Amazônia, que vêm de lugares distantes, após dias no mar e nos rios, tentar conseguir um preço melhor por seus pescados. Eles trazem com eles a fome, essa que vem de longe e que permanece com ele no mercado, fome que pode ser saciada pelo peixe que ele traz para comercializar, mas que continua presente em sua realidade depois da venda.

Nos versos dezessete a vinte e três, evidencia-se a situação controversa, que resulta do fato de o homem pescar o peixe que servirá de alimento às pessoas que vão comprar o produto enquanto para ele e a sua família não há dinheiro suficiente para suprir essa necessidade básica da alimentação.

Quem compra o peixe para revender, compra também a fome do homem, ou seja, contribui para a situação de pobreza em que os pescadores estão. O peixe come e o homem não come, o homem tem fome. Quem compra o peixe para se alimentar, também tem fome, também é vítima do comerciante, das políticas econômicas que permitem a prática de margens de lucro exorbitantes.

Nos versos vinte e quatro a vinte e sete, o poeta expõe a fragilidade desse homem, que é “de barro” (MARTINS, Anexos, p. 109), ante a inexorável força que o comércio do peixe possui em explorar o trabalho do pescador, pagando tão pouco pelo seu produto, peso de ferro do comerciante. Quando ele vende seu produto por tão pouco, vende também sua identidade, sua dignidade, “vende o nome” (MARTINS, Anexos, p. 108). Aqui o poeta também se refere ao homem como criatura de Deus, feito de barro, frágil, que corrompe e se deixa corromper, que explora e que é explorado. O barro também representa o elemento utilizado na construção da casa de muitos desses pescadores e que também é transformado em alimento de pessoas, que apresentam doenças relacionadas à desnutrição.

¹ Nome usado na Amazônia paraense para denominar o comerciante de alimentos/confecção entre outros produtos, que têm lucros exorbitantes, tendo em vista a compra dos produtos por um preço muito baixo e revendê-lo com lucro de 100% ou mais.

Nos versos vinte e oito a trinta e nove, o poeta enfatiza essa situação de doença, que leva o homem desnutrido, doente, com “febre”, com a “pança” inchada pelo vício de comer lama, de lambar barro. De lama também é a atitude empregada pelo comerciante, que ignora as condições do pescador, que sacia as necessidades de sua “pança” enquanto a do pescador e sua família sofrem com a desnutrição.

O poeta prossegue, nos versos quarenta a quarenta e seis, referindo-se à doença, que leva o homem a alimentar-se de barro, a possuir vermes, tudo resultante da pobreza e da situação de explorado na relação comercial do produto de seu trabalho, o peixe. Num jogo com os anagramas “alma” e “lama”, mostra a degradação que está presente nessa relação comercial, que expõe esse “verme verde”, que aqui pode ser entendido também como o dinheiro, que corrompe a alma desse homem, cuja pele é só “escama”, elemento que recobre a pele do peixe que ele comercializa bem como recobre a pele de outros animais perigosos e considerados traiçoeiros como, por exemplo, a cobra simbolizando o explorador, o “atravessador”.

Nos versos seguintes, o poeta continua relacionando a atividade de comercialização do peixe à situação de fome na qual o homem se encontra, em que a “sorte” do peixe é o “azar” desse homem; o preço do peixe, que é estabelecido pelo peso, determina a miséria do homem, que é obrigado a vendê-lo por valor muito baixo, do qual ele não consegue retirar o seu sustento para viver dignamente, garantindo o seu direito à cidadania.

O poeta encerra o texto, utilizando o nome do mercado para relacionar o Homem ao peixe, mostrando nessa relação o verdadeiro peso, que é a verdadeira morte, morte do corpo, morte da dignidade, morte da esperança. O homem e o peixe têm o mesmo peso, ou seja, o homem encontra-se na mesma situação em que o peixe, é uma “presa da fome” (MARTINS, Anexos, p. 110). O peixe está morto. O homem está morto.

3.2 AULA 2 – LEITURA DO CONTO “ZEUS OU A MENINA E OS ÓCULOS” DE MARIA LÚCIA MEDEIROS

3.2.1 Conversa com os alunos

Antes de apresentar o conto “*Zeus ou a menina e os óculos*”, conversamos a respeito do papel da escola na vida de cada um, pedimos para fazerem anotações e instigamo-os a comentar sobre o que gostavam e o que detestavam em relação à escola e à vida de estudante.

Alguns alunos responderam que não gostavam de estudar, mas que precisavam da formação para o trabalho. Eles citaram como pontos negativos uma série de questões que os incomodam, como a falta de conforto da escola, cujas salas são muito quentes e que não há espaço amplo para ficarem nos intervalos e aulas vagas, pois a escola é pequena. Reclamaram da atitude de alguns professores, que não gostam de repetir a explicação quando eles não compreendem a matéria e também a situação de violência e insegurança no entorno da escola.

Quanto ao que gostam na escola, eles citaram as amizades com colegas e professores. Algumas disciplinas como Educação Física, onde eles jogam; e Português, porque eles têm oportunidade de fazer debates sobre os textos que leem, e podem expressar suas opiniões. Gostam também da merenda, que é servida logo no início da aula, quando estão chegando na escola, pois alguns vêm do trabalho direto para a aula.

Em seguida, explicamos para eles que o conto a ser lido naquele dia seria “*Zeus ou a menina e os óculos*” (MEDEIROS, Anexos, p. 111) de Maria Lúcia Medeiros. Entregamos a eles cópia do conto, apresentamos o livro “*Zeus ou a menina e os óculos*”, onde ele foi publicado e falamos sobre Maria Lúcia Medeiros, autora do conto, de acordo com o que segue abaixo.

3.2.2 Introdução do autor e do conto

A contista paraense Maria Lúcia Fernandes Medeiros nasceu em Bragança, no Pará em 15 de fevereiro de 1942. Foi contista, poeta e professora. Morou em Bragança até os doze anos, quando se mudou para Belém do Pará. Licenciou-se em Letras pela Universidade Federal do Pará, onde foi professora e pesquisadora.

Em 1988, publicou sua primeira obra, o livro de contos “*Zeus ou a menina e os óculos*”. Depois publicou “*Velas, por quem?*”, em 1990; “*Quarto de hora*”, em 1994; “*Horizonte Silencioso*”, em 2000 e “*Céu Caótico*”, em 2005. Um de seus contos, “*Chuvas e Trovoadas*”, foi adaptado para o cinema em um curta da paraense Flávia Alfinito.

A ficcionista Maria Lúcia Medeiros, apesar de acometida de uma enfermidade que lhe reduziu os movimentos e lhe tirou a fala, continuou produzindo seus contos. Faleceu em Belém do Pará no dia 08 de setembro de 2005.

O conto “*Zeus ou a menina e os óculos*”, a ser lido, foi publicado no livro homônimo, em 1988, o primeiro de contos de Maria Lúcia Medeiros. Conta a história de uma menina que prefere estar no restaurante da família, onde ajuda a mãe aos sábados, a ir durante a semana para a escola, que a entedia. O curioso no conto é que

ela não usa os óculos quando está no restaurante, resultando numa visão muito própria do ambiente e das pessoas que frequentam o local.

3.2.3 Leitura e discussão do conto

Os alunos iniciaram a leitura do conto, de forma silenciosa. Em seguida fizemos a leitura do conto em voz alta, de forma cadenciada, marcando pontuações, pausas e ritmo, de forma que os alunos percebessem essas nuances do conto.

Em seguida, fizemos uma leitura coletiva, em que cada aluno leu um parágrafo ou uma frase do conto. Dividimos a turma em cinco grupos e solicitamos que eles realizassem a leitura dramática do conto. Cada grupo escolheu uma parte do conto. Eles ensaiaram e apresentaram para a turma a leitura da parte que escolheram.

Em seguida, pedimos aos alunos que expusessem suas dúvidas sobre o vocabulário, buscando elucidar em conjunto com a turma o significado das palavras citadas, através do contexto. Consultamos em dicionário as palavras, cujos significados eles não conseguiram elucidar, como Arroio Chuí, afluentes, *fayança* e *like mumie*.

No momento seguinte, solicitamos aos alunos que expusessem suas impressões gerais sobre o conto. Os alunos falaram sobre o que leram, destacando, oralmente, o parágrafo ou a frase do conto de que mais gostaram, explicando o motivo da sua escolha.

O aluno C. M. citou a frase “Agora reinavam as mesas, o xadrez das toalhas, o barulho da registradora. O cenário perfeito. As pessoas perfeitas. O sábado perfeito”. (MEDEIROS, Anexos, p. 112), que o deixou impressionado pelo fato de a menina gostar de trabalhar e principalmente aos sábados, que para ele é o dia em que não faz nada de obrigatório, para se recuperar da semana de estudo e trabalho.

A aluna J. F. citou a frase “Roía as unhas nem que estivessem pintadas com o esmalte da empregada. Roía o esmalte, sim”. (MEDEIROS, Anexos, p. 111), com o qual ela se identificou, porque também roí as unhas quando está nervosa.

O aluno M. M. falou que gostou de toda a parte em que a menina está trabalhando no restaurante, porque ele admira o fato de ela estar trabalhando tão feliz, explicando que ele detesta trabalhar aos sábados.

Em seguida, organizamos um debate a respeito da preferência da protagonista do conto entre trabalho e escola, solicitando que eles refletissem a respeito dos motivos que a levaram a essa escolha. O aluno F. falou que se falasse assim da escola para sua avó, com quem ele vive, provavelmente seria bastante repreendido.

Eles perceberam que a personagem detestava a escola porque as aulas não eram interessantes e a professora não era agradável. E que ela ensinava matérias que não interessavam à menina, como os afluentes das margens direita e esquerda dos rios. Perceberam, também, que agradava a ela o ambiente festivo do restaurante da família, que era bem contrastante com o ambiente “sombrio” da escola.

Para encerrarmos a atividade com o conto, os grupos que fizeram a leitura dramática, apresentaram os trechos escolhidos em forma de teatro para a turma.

As atividades em sala de aula com a leitura e discussão do conto “*Zeus ou a menina e os óculos*”, de Maria Lúcia Medeiros, desenvolvidas em sala, tiveram a duração de 6 horas-aula.

3.2.4 Análise, a partir da leitura do conto

O conto relata a história de uma menina míope - personagem a quem o narrador não denomina, característica que ocorre na literatura moderna, onde o nome passa a não ter a importância que tinha na literatura do século XIX. Em substituição ao nome, o narrador utiliza como referentes o pronome “ela” ou o substantivo “menina”.

A personagem prefere os sábados em que ajuda a mãe dela no atendimento aos fregueses do pequeno restaurante da família, atividade esta que a enchia de prazer enquanto as atividades da escola não faziam muito sentido para ela, pois

Não acreditava no Arroio-Chuí. Não conseguia viajar pelos afluentes da margem esquerda nem atravessar depois para a margem direita. A professora era feia. A cor da saia da professora era feia. O giz colorido era úmido e não desenhava o cachorro de coleira e sapatos. (MEDEIROS, Anexos, p. 111)

Desde o título, já percebemos esse empoderamento do qual a personagem se reveste, pois ‘Zeus’ é o deus dos deuses na mitologia grega, símbolo de poder supremo e aparece no título em mesmo nível semântico de ‘a menina e os óculos’, estabelecido pela conjunção ‘ou’, o que reforça a posição de poder da personagem, porém é um poder dissimulado, ela não deixa os outros perceberem e, à sua maneira, exerce sua soberania, fazendo as escolhas que lhe causam satisfação, como trabalhar aos sábados no restaurante ou não usar os óculos e ter uma visão ‘embaçada’ de tudo em sua volta.

Assim, por gostar muito de sua atividade aos sábados, procurava esconder seu contentamento para não chamar a atenção dos adultos quanto à sua preferência. Essa perspectiva, explorada por Maria Lúcia Medeiros, transforma o conto quase em um texto proscrito, pois para nossa sociedade o papel da escola é importante. A literatura

discute as questões mais íntimas do ser humano sobre as quais não se fala dessa forma, abertamente, como encontramos nos textos literários. A literatura é capaz de trazer esses questionamentos para repensar a escola como um espaço de voz para os alunos. Entretanto, no conto, o aluno se depara com um texto em que a escola fica em segundo plano para a personagem. Ele passa a se identificar com ela e reconhece no conto uma questão séria, que também traz em seu íntimo.

Maria Lúcia Medeiros apresenta essa discussão em outros contos com várias personagens que, assim como a menina do conto “*Zeus ou a menina e os óculos*”, ficam entediadas com a escola. É o caso, por exemplo da personagem principal do conto “*Chuvas e trovoadas*”, que fica entediada com as aulas de costura na sala da casa da professora enquanto observa pela janela a vida acontecendo lá fora.

Os óculos, que aparecem logo no título do conto, ou melhor, a ausência deles aos sábados proporciona à personagem uma visão bem particular do cenário que ela adora bem como a dissocia da menina que vai tediosamente à escola durante a semana, essa estratégia empregada pela narradora faz com que tenhamos perspectivas diferentes na leitura do conto. Assim

Ninguém saberia que ela usava óculos de lentes claras e que ela dispensava a nitidez e algumas formas. Que era como se visse tudo pelas suas próprias lentes e mergulhasse assim no cenário agradável com cheiro de sábado, com imagem não muito nítida que ela recobria do jeito que bem entendia e queria sem medo, sem óculos, ela os usara sempre desde muito tempo, para ver melhor... (MEDEIROS, Anexos, p. 112)

“*Zeus ou a menina e os óculos*” é um conto que nos leva a refletir a respeito da importância que a escola tem na vida das pessoas, em especial das crianças e adolescentes, e o que está sendo feito para que o que se vivencia na escola tenha real sentido para todos os que ali estão. Afinal, são pessoas cheias de sonhos, planos de uma vida melhor e esperam que a escola funcione como esse agente transformador, que informa, que auxilia em seu crescimento.

3.3 AULA 3 – LEITURA DO CONTO “O CARRO DOS MILAGRES” DE BENEDICTO MONTEIRO

3.3.1 Conversa com os alunos

O terceiro texto lido foi o conto “*O carro dos milagres*” (MONTEIRO, Anexos, p. 113) de Benedicto Monteiro.

Arrumamos os alunos em círculo e, antes de lhes apresentar o conto, iniciamos um debate, cujo tema foi o respeito que se deve ter à opção religiosa de cada um. Pedimos para fazerem anotações. Foram citados pelos alunos situações de desrespeito que eles vivenciaram ou tomaram conhecimento por causa da religião que algumas pessoas seguem.

O aluno F. N. lembrou da história do chute, que um pastor deu na imagem de uma santa veiculado na televisão. Conversamos sobre o significado daquele ato e explicamos que muitas das guerras, que ocorreram e ainda ocorrem no mundo, são causadas, também, pela intolerância religiosa.

Em seguida, indagamos sobre a religião de cada um e, dos 32 alunos presentes na aula, 19 afirmaram ser evangélicos, 1 afirmou ser espírita e os 12 restantes se declararam católicos. Em seguida, conversamos sobre a importância religiosa e cultural da Festa do Círio de Nazaré para o povo paraense e de como a cidade de Belém estava se preparando para o próximo Círio. Explicamos que, independente da religião de cada um, seria importante considerar o valor artístico do texto literário, que iríamos trabalhar a partir daquele dia.

Após a conversa, entregamos a eles cópia do conto “*O carro dos milagres*”, apresentamos o livro “*O carro dos milagres*” (1975), em que o conto foi publicado e falamos sobre Benedicto Monteiro, autor do conto.

3.3.2 Introdução do autor e do conto

Benedicto Wilfred Monteiro nasceu em Alenquer em 1 de março de 1924. Atuou como advogado, magistrado, professor, político, poeta, contista e romancista. Foi pretor, juiz de direito e promotor em Alenquer. Exerceu o cargo de deputado estadual em duas legislaturas. Em 1964, teve seu mandato cassado pela ditadura militar.

Ao final da ditadura, foi deputado federal e eleito para a Assembleia Nacional Constituinte. Benedicto Monteiro escreveu e publicou diversas obras como “*Bandeira branca*” (1945), “*Cancioneiro do Dalcídio*” e “*Verde vagomundo*” (1972), “*O carro dos milagres*” (1975), “*O minossauro*” (1975), “*Terceira margem*” (1983) e “*Aquele um*” (Prêmio Nacional de Literatura da Fundação cultural de Brasília).

Em 2001, lançou a obra “*História do Pará*”, encartada em um jornal paraense. Foi membro da Academia Paraense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP), além da Academia Paraense de Jornalismo.

Recebeu várias honrarias como: o título de Honra ao Mérito da Assembleia Legislativa do Estado; Honra ao Mérito da Câmara de Vereadores de Belém; Medalha Tiradentes do Governo do Estado do Pará; Medalha José Veríssimo da Academia Paraense de Letras, além de muitas outras. Faleceu em Belém, no dia 15 de junho de 2008.

O livro “*O carro dos milagres*” foi publicado pela primeira vez em 1975. Composto de sete contos: “*O papagaio*”; “*O precipício*”; “*O sinal*”; “*O pau mulato*”; “*O peixe*”; “*Fim do mundo*”; e o conto título do volume “*O carro dos milagres*”, com o qual trabalhamos com nossos alunos, em sala de aula, no desenvolvimento dessa dissertação. O conto “*O carro dos milagres*” é dividido em três partes e conta a história de um romeiro que vem à capital Belém do Pará pagar uma promessa no Círio de Nazaré, feita pela mãe dele, num momento de aflição, quando imaginou que o filho, pescador, corria o risco de afogar-se durante uma forte ventania. Sobre o conto, Benedito Nunes, em texto publicado na Revista “*José*” n. 4 em outubro de 1976, inserido nas páginas iniciais, na edição de 1980, do livro “*O carro dos Milagres*”, afirma que “[...] precursora das seis outras, aquela que mais exemplarmente condensa as possibilidades líricas, épicas e dramáticas da forma do relato oral, é a do conto título do volume, *O carro dos Milagres* [...]” (Monteiro, 1980. P. 12)

3.3.3 Leitura e discussão do conto

Iniciamos a leitura coletiva do conto, com cada aluno lendo um ou dois parágrafos. Por ser um conto extenso, essa leitura se deu em quatro aulas consecutivas.

Ao término da leitura do conto, solicitamos aos alunos que expusessem suas dúvidas sobre o vocabulário. Chamamos a atenção dos alunos para o vocabulário bem peculiar, utilizado por Benedicto Monteiro, na construção do conto, em que ele valoriza a fala característica do caboclo amazônico. Os alunos tiveram um pouco de dificuldades com esse vocabulário. Então, conforme as dúvidas foram surgindo, buscamos elucidar, através do contexto, o significado das palavras e expressões citadas e, em seguida, buscamos auxílio em dicionário para as palavras, cujos significados eles não conheciam.

Em seguida foi realizada uma reflexão a respeito dos temas abordados pelo conto, em que cada aluno destacou e leu o parágrafo ou a frase do conto que mais chamou a atenção dele e explicou o motivo da escolha.

O aluno M. S. citou a frase “Vamos tomar mais uma, uma proncha de cachaça com este pedaço de peixe-frito. – Olhe, esta farinha amarela, até que serve como tira-gosto, é obra dos cabocos do Acará. – Um gole, mais um gole, talagada bruta da maldita!” (MONTEIRO, Anexos, p. 115), justificando sua escolha por ter achado uma irresponsabilidade alguém com uma missão tão séria como a de pagar uma promessa, ficar bebendo a ponto de se embriagar.

O aluno F. Q. citou a frase “Só sei dizer que o compadre não achou de bom propósito os vizinhos correrem do filho, que chegava vivo e porre. Como podiam àquela hora confundir o filho vivinho da silva, com alma d’outro mundo”. (MONTEIRO, Anexos, p. 131), afirmando que também ficaria com medo de encontrar na rua, andando, uma pessoa que ele achasse que já estava morta.

A aluna J. S. não citou nenhum parágrafo específico, mas afirmou que gostou da descrição que o narrador faz da Basílica de Nazaré, onde ela vai todos os anos no período do Círio, confirmando que realmente é um lugar lindo e impressionante.

O aluno T. R. citou a frase “Olhe, compadre, nem lhe conto a desfeita que a maldita da cachaça de abaeté me fez: me jogou no chão, desgraçada. Em plena procissão da Virgem, me tonteou, me fez um reboição danado no estômago, subiu de repente pra cabeça,” (MONTEIRO, Anexos, p. 121), afirmando que é isso mesmo que acontece quando se bebe muito, confirmando que já se sentiu várias vezes assim, ao beber.

Após a conversa, propusemos à turma apresentar o conto em forma de vídeo. O texto foi dividido em quatro partes e a turma dividida em quatro equipes. Após o sorteio, cada equipe ficou responsável por uma parte do conto para produzir o vídeo, usando as câmeras de seus aparelhos celulares.

Apenas uma equipe apresentou um vídeo, em que filmaram uma parte do caminho que compõe o trajeto da procissão do Círio de Nazaré. As outras equipes alegaram dificuldades técnicas para realizar a atividade proposta.

Encerramos a atividade com o conto, relacionando-o com o fato de o Círio de Nazaré ter sido reconhecido pela Unesco como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, no início do mês de outubro de 2014. As atividades em sala de aula com a leitura e discussão do conto “*Carro dos milagres*”, de Benedicto Monteiro, desenvolvidas em sala, tiveram a duração de 12 horas-aula.

3.3.4 Análise, a partir da leitura do conto

O conto “*O carro dos milagres*”, de Benedicto Monteiro, que também dá título ao livro, constituído de sete contos, é dividido em três partes, a primeira parte não é intitulada, a segunda é denominada “*A Basílica*” e a terceira, “*A cadeia*”. No conto, o narrador, empregando a linguagem peculiar do homem amazônida, que vive no interior, conta a aventura de um pagador de promessa, que necessita depositar o seu “barco à vela feito de tala de miriti”, no carro dos milagres, que faz parte do cortejo de romaria do Círio de Nazaré.

O conto apresenta um vocabulário repleto de termos próprios da linguagem nortista “...fiquei agarrado num pau, horas e horas de *bubuia*...” (MONTEIRO, Anexos, p. 113); “...ou se reparava a cumieira da casa que o vento *paresque queria porque queria* arrancar”. (MONTEIRO, Anexos, p. 113).

Outro recurso interessante, empregado pelo narrador, é a justaposição de palavras, transformando expressões em vocábulos compostos: por-cima; por-força; casca-e-tudo; pedaço-de-vela-feito-rede; rede-tufada-feito-vela; este-um; a-modo; cai-não-cai; queria-porque-queria.

Percebemos que o narrador faz questão de mostrar o Círio de Nazaré, e todos os aspectos que dele fazem parte, como a promessa da corda ou a noite dos fogos, a partir da perspectiva de um homem do povo, comum, um caboclo do interior, de forma a fugir da visão jornalística, oficial do evento.

O narrador vai, então, simbolizar o romeiro anônimo, que vem do interior e, ao mesmo tempo em que se deslumbra com a grandiosidade da festa, também fica assustado com a força daquela multidão com a qual se depara.

[...] Mar de gente, gente que anda, que anda, que reza, que fala, que chora, que canta, que impurra, que grita, que pisa, que olha mas não olha, onde de povo andando, sempre andando, tropeçando, caminhando, ruas, casas, edifícios, foguetes, fanfarras, pés sobre pés, chão passando... para-não-para, anda-não-anda, para, pedras, paralelepípedos... meu Deus! Minha Nossa Senhora! [...]
(MONTEIRO, Anexos, p. 118)

Na primeira parte do conto, vemos o narrador-personagem tentando cumprir a promessa feita pela mãe dele, mas, por ter bebido muito antes de iniciar sua empreitada, acaba por não conseguir concluí-la a contento. Nessa parte do conto é possível perceber

parte da ação relacionada à consequência da explosão da bomba a gás de encher balão, que será descrita no final do conto.

O conto é narrado em primeira pessoa por uma personagem, cujo nome não aparece nele, como acontece em muitas obras da literatura moderna. Este personagem-narrador tem por interlocutor um homem, também sem denominação, no conto, a quem ele trata de “compadre”. Apesar de dirigir-se ao compadre, durante a interação entre eles, não se percebe no conto a fala desse compadre. Só o personagem-narrador tem voz; como se desenvolvesse um monólogo, o leitor passa a exercer o papel desse interlocutor.

A narração inicia com os dois personagens bebendo cachaça de Abaeté enquanto aguardam o início da procissão do Círio de Nossa Senhora. O narrador conta para seu compadre o que o trouxe ali, explicando a situação que levou sua mãe a fazer a promessa, que ele iria pagar naquele Círio, ao depositar uma réplica do barco a vela no Carro dos Milagres. A santa com quem sua mãe se apegou naquela noite angustiante, Nossa Senhora do Retiro, equivale à Nossa Senhora de Nazaré, santa em torno da qual ocorre o Círio.

Durante a descrição do perigo, que correu naquela noite de temporal, a personagem narra, também, a impressionante história da rede da mãe dele, que por ter sido confeccionada pelo tecido de uma vela de um barco naufragado, naquela noite, quis voltar ao seu destino de vela, carregada pela ventania do temporal, pois, segundo o narrador, “Certas coisas, meu compadre, – o senhor pensa – trazem guardado o seu destino”. (MONTEIRO, Anexos, p. 114)

Foi a partir dessa situação da rede sendo puxada pela ventania, que a mãe da personagem, pensando no filho morto no naufrágio do barco, ao qual pertencia a vela transformada em rede, que ela pensou no perigo pelo qual passava o filho vivo e resolveu fazer a promessa, que resultou naquele barco de tala de miriti, com a vela feita do pano da rede. Promessa essa feita pela salvação de sua vida, que ele devia ao irmão morto e à mãe dele. “Minha mãe me disse que eu tinha que botar este barco com as próprias mãos no Carro dos Milagres. Vigie só – tem que ser, meu compadre – no carro andando, no meio de todo o povo e nos pés da Virgem de Nazaré”. (MONTEIRO, Anexos, p. 114)

O narrador prossegue, fazendo uma minuciosa descrição do carro dos milagres, o qual ele tinha visto ainda naquela manhã, bem cedo, onde deveria depositar o barco de miriti que trazia em sua mão.

[...] O Carro, a-modo, representava um barco. O Tinhoso, o Demo, estava figurado em forma de veado. Um cavaleiro correndo atrás do cujo, freava o animal no espaço, cai-não-cai no precipício. A Santa aparecia meio pregada no céu, entre raios de ouro luzindo no estandarte. E queria-porque-queria salvar o cavaleiro de cair no abismo. Abismo que também figurava como água, água que era mar, que era rio, que era igarapé, tendo uma canoa em terrível perigo de se afundar. [...] (MONTEIRO, Anexos, p. 114)

Preparando-se para entrar na procissão com seu compadre, prossegue bebendo mais um trago de sua cachaça sem se importar com as consequências daquela bebedeira: “o senhor acha então, que só estes três tragos de cachaça que nós bebemos dá mesmo, no duro, pra fazer esta maior e dificurtosa travessia?” (MONTEIRO, Anexos, p. 114).

A procissão inicia, mas, segundo o protagonista ela, na verdade, não tem início nem fim. O povo começa a chegar, e quando se percebe, a praça está cheia e o Círio já está formado. O que se sabe é:

[...] que o Círio de Nossa Senhora de Nazaré não tem começo nem fim. A gente sabe que a procissão começa mesmo na Catedral e se finda na Basílica. Isso todo mundo pensa e diz: que o trajeto do Círio anda pelas ruas principais. – Mas meu compadre, vamo tomar mais um gole de cachaça? – Olhe, o certo mesmo, de saída e de chegada, ninguém pode asseverar. [...] (MONTEIRO, Anexos, p. 115).

Na descrição que faz da procissão do Círio, percebemos que o narrador ressalta o protagonismo do povo e da Santa, elementos principais que compõem, verdadeiramente, a procissão, enfatizando que não há necessidade de autoridades ou celebridades para que ocorra, pois o Círio é feito do povo, que se une em razão de sua fé, “Quando este poder de povo tiver unido-unido, carne-e-unha, ombro com ombro, cabeça com cabeça, esprimido nas paredes, que zolho não for mais zolho, cara não for mais cara, e cor não for mais cor... então é porque vem vindo o Carro dos Milagres”. (MONTEIRO, Anexos, p. 116).

A personagem-narradora prossegue, e em resposta à reação do compadre, ao ser convidado a tomar mais um gole de cachaça, o interlocutor defende-se, argumentando que o seu comportamento com o dos outros romeiros:

[...] Nem me arrenege por causa disso, outros andam fazendo coisa muito pior. Olha o Jozias, o Sijismundo, o Zé da Praia, o Mané do Ó, que também trouxeram promessas pro Carro dos Milagres; Será que estão metidos no meio deste desconforme povo, ou já depositaram

suas promessas ao pé da Virgem ainda no Largo da Sé? [...] (MONTEIRO, Anexos, p. 115).

E convida o compadre a continuarem bebendo mais um gole de cachaça enquanto aguardam a procissão tomar forma de Círio quando, então, entrarão no meio da multidão para acompanhar o povo e, finalmente, depositar seu barco à vela feito de tala de miriti no carro dos milagres. “Olhe, compadre, vamo tomar mais uma birita dessa pinga boa, e deixa o Círio tomar forma. Beba este trago. Lhe juro que é cachaça da boa, deixa o povo ingrossar. Deixe tomar pareença e solenidade justa de uma digna procissão”. (MONTEIRO, Anexos, p. 115).

A narrativa prossegue, eles percebem a aproximação do Carro dos Milagres, tomam a última dose de cachaça e, finalmente, entram na procissão.

[...] Olhe, compadre, agora vamos beber a saideira, dupla talagada, reforçada, por-Deus! Definitivo trago, último, final! Porque o poder do povo está aumentando. – Veja bem: ninguém distingue mais uma pessoa inteira, completa total. A cor da roupa, a quem pertence? Pernas e braços, nem se fala... Evem! Evem Compadre, a cavalaria! Olha o piquete das fanfarras abrindo o cortejo do Carro dos Milagres. Agora! Agora está na hora de nós entrar no povo. E é já! Por favor não largue nem por um instante o rumo do barco-a-vela. Nem perca a direção do Carro dos Milagres. [...] (MONTEIRO, Anexos, p. 116).

O protagonista se perde de seu compadre no meio da multidão e, graças à embriaguez causada pela bebedeira, ele cai no meio da multidão, numa descrição repleta de imagens metafóricas, nos transportando para o cenário da ação:

[...] Só vejo pernas, pés e braços, sapatos e calcanhares. Um povo de cintura para baixo caminhando sem parar. Oh, minha Nossa Senhora, me diga, me diga mesmo, que este ajuntamento de gente seja uma digna procissão. Perdi primeiro meu compadre. Depois, a vela enjambrada da rede pela minha velha mãe, os balões prenderam e carregaram. Finalmente, o barco, o barco caiu no meio do povo. E foi pisado e repisado por não sei quantos pés. Agora pedi o rumo e o destino da minha promessa. Afogado estou agora na onda deste povo. Mar de gente, gente que anda, que anda, que reza, que fala, que chora, que canta, que impurra, que grita, que pisa, que olha mas não olha, onde de povo andando, sempre andando, tropeçando, caminhando, ruas, casas, edifícios, foguetes, fanfarras, pés sobre pés, chão passando... para-não-para, anda-não-anda, para, pedras, paralelepípedos... meu Deus. [...] (MONTEIRO, Anexos, p. 118)

Percebe-se nessa descrição que a personagem compara os apuros por que passa para seguir a procissão com os apuros sofridos, durante a tempestade, que enfrentou, em seu barco, nas muitas situações em que o perigo de naufrágio ronda sua lida de pescador. O barco de miriti, pisado pelas pessoas, assim com os barcos são esmagados pelas ondas fortes nas noites de tempestades. A vela feita da rede da mãe sendo carregada pelos balões, do mesmo modo como as velas dos barcos pesqueiros se rasgam e são levadas pela natureza enfurecida. E ele caído no chão, sendo pisoteado, sente-se como se estivesse se afogando nas águas revoltas pelo temporal.

[...] Agora a vela do meu barco engatou num monte de balões! Minha Nossa Senhora! Lá vai a velazinha pindurada: monte de cores carregando um pedaço de vela! Eita pedaço de promessa! Eita pedaço de rede! Será que tu vai mesmo direitinho pro céu? Oh, velazinha branca armada na tala de miriti, quantas cores te carregam? Quantos céus te abarcam? Quantas nuvens te esperam? Eu sei que já correste no rio entre árvores e flores, já correste no mar voando sobre as ondas... já até ensaiaste carregar nossa barraca feito barco no arrocho do temporal. Qual será teu destino agora, nas asas deste vento, no meio de tantas cores e por cima de tantas cabeças? [...] (MONTEIRO, Anexos, p. 117)

Na segunda parte do conto, denominada “A *Basílica*”, a personagem acorda e relata ao compadre o que ocorreu nos instantes que sucederam sua queda e “desmaio” por ter bebido muito. Suas lembranças são confusas, mas pelo que consegue recordar, percebe-se que ele foi arrastado pela multidão para o entorno da corda de promesseiros, que puxam o andor da Santa. Mais uma vez, nos deparamos com a relação entre a procissão do Círio e as aventuras do pescador nos rios marajoaras.

[...] Mas nesse dia, quando errei o rumo do Carro dos Milagres e cheguei bem perto da corda da berlinda, fiquei igualzinho como naquela noite quando escapuli e caí entre o rebocador e o batelão de gado, no meio da imensa baía. O instante que mergulhei e o salto que dei pra segurar na amarra da popa, só me salvaram de ser misgalhado pela pá da hélice. Mas fiquei entre a vida e a morte, sustido apenas na sustança do tendão esticado deste braço. A escura noite, a fria água no peito, a espuma na cara, o ardume no zolho, a falta de fôlego, o barulho do gado no porão da lancha, a zoada da hélice puxando a água do meu lado, o zunir do vento, o marulhar das ondas, a descarga do motor vomitando fumaça e faísca – posso dizer agora – que nem seacompara com a violência, violência do povo, que tive que enfrentar, somente pra agarrar na corda da berlinda. [...] (MONTEIRO, Anexos, p. 120)

A personagem acorda de madrugada, no arraial da festa, numa calçada ao lado da Basílica de Nazaré, bem perto das vendedoras de tacacá, no momento do espetáculo dos fogos de artifício. Então, ele recorda-se da promessa e resolve procurar pelo Carro dos Milagres na Basílica. Ao deparar-se pela primeira vez com a beleza do prédio, a personagem faz uma descrição do interior da Basílica, deixando transparecer, claramente, a interferência do autor e seu conhecimento de história da arte, de técnicas de arquitetura clássica, uma vez que emprega termos como “abóbada”, “nave”, “candelabros”, “vitral”, “adro”, que, dificilmente, seriam de domínio de uma personagem, que não tem conhecimento técnico da arte, a exemplo do narrador da história, sobre o qual não é referido no conto a sua educação formal, conforme suas palavras, ao descrever a porta da Basílica:

[...] Pela primeira vez entrei na Basílica de Nazaré. Ah, compadre, nem lhe conto, quando subi a enorme escada que enfrentei a pajureba porta... Porta de bronze, o senhor pensa, toda de bronze, com caras de santos e anjos desenhados em relevo, reluzentes de luz como o diacho. [...] (MONTEIRO, Anexos, p. 122)

Ou, ainda, quando fala a respeito da luz, que desvenda para ele o ambiente interno da Basílica de Nossa Senhora de Nazaré:

[...] Que eu entrei de repente, acabou a madrugada. O buraco que eu tinha no estômago se juntou com o frio no fio do espinhaço. E a dor de cabeça e o gosto amargo na boca, faziam de mim um miserável cristão, triste devoto esmagado, tonteado e até meio abobalhado no meio de tanta luz. Luz, meu compadre, velas e círios, lâmpadas, lâmpadas, lâmpadas, brilhos e rebrilhos: luz! luz de tanta luz! E quantos candelabros! Feixes de lâmpadas, cachos de lâmpadas, diz que até nas mãos dos anjos, no meio dos ouros e mármore, saindo das colunas, baixando das abóbadas e compondo todos os altares; refletindo ouro, prata, vidro, paredes inteiras de imagens, santos e anjos nenhum pedaço de chão, de forro, de adro, de coluna deixava de brilhar. [...] (MONTEIRO, Anexos, p. 122)

Algum tempo depois de entrar na Basílica, as luzes se apagam, então, a personagem relaciona o ambiente em que se encontra ao das florestas, após uma tempestade com ventania: estratégia do narrador para mostrar que a reação da personagem ao desconhecido é de sempre buscar uma referência no ambiente que lhe é familiar.

[...] Eu disse e comparei malacomparado a Catedral: nave-igreja-feito-mata, mata bruta, negra floresta, floresta negra, depois que os galhos, os ramos e as folhas se aquietam no escuro, sombra, musgo. Sombra, vento frio entrecortado, a escuridão... Não, não podia ouvir as músicas do Vento nos galhos e nas folhas que sempre toca na floresta. Entre paredes, no escuro, paresque o vento se agasalha e produz o maior silêncio: o que se ouve, são ecos abafados e retornos profundos de antigos sons. [...] (MONTEIRO, Anexos, p. 123)

O protagonista finalmente encontra o Carro dos Milagres em um pátio da Basílica. Encara-o e, ao perceber a calma em que ele se encontra, como se fosse uma embarcação ancorada ali, inquire-o, já que quando tanto necessitou, não conseguiu alcançá-lo no meio da multidão e agora se depara com ele ali, inerte, imóvel, solitário:

[...] Cadê o mar de povo? Águas e águas de gente corrente? Ondas e ondas de ombros e tumultos de ventos fazendo correntezas de cabeças? Cadê o velame dos coloridos e voejantes balões? Das desfraldadas Bandeiras? Dos rubros pálios e estandartes? Cadê as fanfarras abrindo no meio do povo e no ventre da cidade o caminho triunfal? Han han, sim senhor, te vejo agora, barco veloz das águas do Círio, agora-que-te-pego, encalhado e adernado neste seco... Que ma'pregunte: – Fugindo será das tempestades? Ou esperando na curva deste mangue parado a reponta da maré? Que cargas trazes no porão? Foi longa, será, a viagem do asfalto? ou estafante a trepidação dos ombros, braços e paralelepípedos? Nem me diga que é só balata. Muita seringa? Maçaranduba? Castanha? Semente? Coco de fruta? Fruta do mato? Ou só trazes mesmo muito padecer? [...] (MONTEIRO, Anexos, p. 123)

Admira-se do destino do Carro dos Milagres, que após a glória do cortejo do Círio, termina encalhado, sem *glamour*, num canto escuro da Basílica, abarrotado de promessas:

[...] Promessas feitas promessas pagas: na cera, na madeira, no vidro, no barro, na fita... isso eu vejo por demais. Meu Deus, parece até que as gentes desses sítios deixaram o retrato da miséria neste barco em seco! Ah, barco viajero, quem te via, correndo mundo por cima de ombros e cabeças! Quem podia maginar que tua glória se esconde do mundo, neste escuro escuro-sombreado desta imensa sacristia! E agora, triste atolado no desenho deste mármore [...] (MONTEIRO, Anexos, p. 124)

E, contemplando os ex-votos ali depositados, imagina as dores e padecimentos das pessoas que deixaram no Carro dos Milagres a paga de suas promessas. O narrador, neste ponto, enfatiza a partir do olhar da personagem, a fé da população, através das

promessas depositadas no carro, que representam os mais diferentes pedidos, os sofrimentos amenizados, as doenças curadas, “Os padecimentos, sim, os padecimentos. Todos os padecimentos em forma de milagres trazendo a marca de tanto padecer”. (MONTEIRO, Anexos, p. 124)

O narrador retoma o diálogo com seu compadre, quando percebe um pedaço de pano muito parecido com a vela feita de rede do seu barco de tala de miriti, que ele garantia que não era a mesma que foi levada pelos balões a gás, mas que a visão daquele pano causou-lhe inquietação “Susto e medo, remorso e espanto!” (MONTEIRO, Anexos, p. 124), pois lembrou da promessa não cumprida. E enquanto contemplava aquele pedaço de pano, que pensara ser a vela de seu barco, mas que na verdade era uma camisinha de bebê, juntamente com as outras muitas promessas depositadas ali, foi surpreendido por três mulheres, devotas ou beatas, com véus e livro de missa nas mãos, que vão logo acusando-o de querer queimar o carro ou roubar os objetos, que ali se encontravam. Chamam o padre e a polícia

Percebemos nessa cena a total ausência de espírito cristão das pessoas, pois mesmo em se tratando de devotas e de um padre dentro de uma igreja, nem ao menos se preocuparam em perguntar ao homem o que fazia naquele recinto, foram logo acusando-o e solicitando sua prisão ao policial. O padre recomenda, ainda, que ele seja retirado pelos fundos para que a cena não fosse testemunhada pelas pessoas que estavam chegando para a missa matinal. Trata-se do preconceito, que há por parte de alguns com as pessoas oriundas do interior. Preconceito esse que até hoje se observa em nossa sociedade.

O conto, então, encaminha-se para a terceira parte, intitulada “A cadeia”. Ao chegar na delegacia, o narrador-personagem identifica os outros presos por suas diferentes naturalidades e nacionalidades, e afirma que só não ficou mais assustado porque encontrou um compadre, o qual também não recebe denominação. E só sabemos que não se trata do primeiro compadre, seu interlocutor, porque esse, que está na delegacia, ao contrário do primeiro, é um “Compadre que não bebe e tem raiva até de quem ao menos cheira ofensa de bebida”. (MONTEIRO, Anexos, p. 126)

O protagonista até pensou por um momento que seu compadre tivesse mudado e encontrava-se ali por causa de bebida, mas rapidamente arrepende-se daquele pensamento. Foi conversar com ele e descobriu que o compadre não era acusado e sim vítima de algo, que o protagonista denomina como um vício, que chega a ser comparado por ele com o da bebida. O vício do compadre era o de soltar balões coloridos. Então,

através da inquirição do delegado, tomamos conhecimento do ocorrido, que ocasionou a presença do homem naquela delegacia.

Desejando festejar a ocasião soltando balões a gás, o compadre manda o filho comprá-los perto de onde se encontravam na procissão. O protagonista apresenta o filho do compadre a partir das lembranças que tinha dele quando o viu em ocasião anterior, enfatizando que o maior orgulho daquele pai era o fato de o filho não beber:

[...] Já era um moleque taludo, bom mesmo na popa da canoa, no leme, na verga, na rede de pescaria, na vela, de viajar de noite-e-dia. Por água-e-por-terra ele sabia de um tudo: era um mestre. Muito em antes no retiro, meu compadre me falava: – “Eu só quero que você veja, compadre, esse menino do retiro agora como estudante dos artífices: um pilintra! Olhe, é tanto como eu, ele não bebe, nem beberica. Graças a Deus! Agora, não sei se fuma, e tem outros vícios... Mas garanto que ele não bebe, isso eu garanto! - Meu compadre Sempre falava. [...] (MONTEIRO, Anexos, p. 128)

Surge, na narrativa, o atestado de óbito do filho do compadre. O delegado quer saber o que fazer com aquele documento e solicita ao inquirido que continue a contar os fatos ocorridos para que possa tomar seu depoimento. O compadre relata que seu filho foi comprar os balões e demorou a voltar. Já estavam começando a se preocupar com a demora quando ocorre uma explosão, então ele e a mulher descobrem que foi com a bomba de encher balões, e têm o pressentimento de que algo de ruim ocorreu com seu filho. Na confusão, os dois foram empurrados pela multidão e acabaram parando no local da explosão, deparando-se com a tragédia:

[...] Ai, então, que a comadre deu com os acidentados, os mutilados. Só foi então um medonho grito, um senhor grito, grito de mãe como se sabe. Largou o braço do compadre e correu pelo meio do povo sem respeitar as ordens da polícia. Acho que ficou meio alucinada. Pois minha comadre tinha fama de ser bastante calma. Mas nessa hora ela ia correndo, gritando, empurrando o que via pela frente. E que paresque ela tinha visto o filho morto. Mãe, já sabe, conhece o filho pela sombra, pelo rastro e até pelo cheiro. O rapaz estava com a roupa do colégio e o corpo estava todo chamuscado. Faltava um pedaço do braço e o rosto estava irreconhecível. A comadre porém não teve dúvida de que era o seu menino. [...] (MONTEIRO, Anexos, p. 129)

O narrador mais uma vez insere a cena dos balões a gás coloridos soltos no céu, pois a primeira reação do pai ao ver o corpo, que ele julgava ser do filho, estirado no chão, olhou para o céu em busca dos balões e, ao avistá-los, ficou imaginando se algum deles teria escapulado das mãos de seu finado filho.

Em seguida, ocorre o embate entre os pais e a polícia, pois queriam levar o cadáver, mas eles não concordavam, pois queriam dar um enterro digno ao filho. Ao serem indagados da prova de que aquele corpo era do filho deles, a mãe agarrou-se ao menino, de tal forma que convenceu os policiais.

Eles dirigem-se à casa dos amigos, onde estavam hospedados para realizar o funeral do filho. O narrador descreve no conto a solidariedade, que é característica das pessoas de classes sociais menos privilegiadas bem como mostra as condições precárias em que elas vivem, na área suburbana da cidade, morando em palafitas, em área de lama, cujas ruas são constituídas de pontes de madeira.

[...] Apesar de todo-o-mundo estar acompanhando o Círio ainda tinha muita vizinhança no subúrbio. Foi o que valeu o compadre, porque ajudaram carregar o corpo do menino que naquela hora parecia muito grande, por cima da lama onde tinham que atravessar andando por cima de uma ponte muito comprida. A casa de madeira ficava distante naquele alagado, tanto que o cadáver teve que ser carregado aos tombos por cima dos estrados. Depois tiveram que juntar duas mesas pra poder aguentar o corpo que paresque na viagem tinha esticado por demais [...] (MONTEIRO, Anexos, p. 130)

O narrador também enfatiza a solidariedade entre as pessoas mais humildes, através do fato de os amigos terem aceitado o funeral em sua casa, mesmo tendo sido surpreendidos por aquela situação, em sua casa, ao chegarem da procissão do Círio. Mostra, também, que os vizinhos se solidarizam, ao lamentarem o defunto, apesar de nunca o terem conhecido. Temos, aí, o verdadeiro espírito cristão, símbolo do Círio de Nazaré, que faltou às beatas e ao padre para com o protagonista do conto.

[...] O que salvou meus compadres foi que não foi preciso explicar nada pra pessoas tão simples diante da morte. Os donos da casa foram chegando do Círio e encontrando o defunto em cima da mesa e chorando e abraçando os compadres na maior compreensão de parentes e amigos. Tiveram também logo a maior intimidade com o defunto. [...] (MONTEIRO, Anexos, p. 130)

O velório prossegue, com os pais do menino desolados pelo ocorrido com o filho. No meio da tarde, o pai lamentava-se por não ter conseguido soltar os balões coloridos para festejar o Círio. Lamentava-se, também, por ter um filho de quem se orgulhava por não ter o vício da bebida, mas um filho morto, cujo corpo deveria enterrar no dia seguinte pela manhã.

Foi quando, assustando-se com o barulho de uns foguetes, que haviam soltado nas redondezas, olhou, lá longe, para o início da ponte, e avistou um rapaz que vinha cambaleando de bêbado. Interrompendo o depoimento, o compadre começou a chorar alto.

O protagonista segue sua narração, explicando que não soube qual foi a reação do compadre, ao receber o filho, que chegava vivo e bêbado, mas relata a revolta do pai com as pessoas que fugiram do velório, confundindo seu filho vivo com alma de outro mundo.

Após a alegria dos pais com a descoberta do filho vivo, surge questão: o que fazer com aquele cadáver desconhecido, o qual os donos da casa solicitaram que ele entregasse imediatamente à polícia? Esse era o motivo de o compadre estar ali na delegacia. O problema era que havia um reconhecimento de corpo e um atestado de óbito.

E o narrador prossegue, informando que, após o compadre terminar seu depoimento, no qual defendeu a bebedeira do filho, alegando que ele tinha sido influenciado por maus amigos e que tinha sido a primeira vez, o protagonista passa a dar o próprio depoimento sobre o caso de sua prisão na Basílica, que ele sentia em seu coração que podia falar de tudo o que tinha ocorrido, menos de que o pano da vela feita da rede de sua mãe tinha sido levado por balões a gás coloridos para o céu.

Com esse final, o narrador relaciona os dois fatos, mostrando o quanto de mistério pode haver por trás de situações, que envolvem os atos de fé, que ocorrem durante o Círio de Nazaré.

3.4 AULA 4 – LEITURA DO POEMA “BATUQUE” DE BRUNO DE MENEZES

3.4.1 Conversa com os alunos

O quarto texto lido foi o poema “*Batuque*” (MENEZES, Anexos, p. 133) de Bruno de Menezes. Iniciamos com uma conversa a respeito dos ritmos de dança brasileira, pedimos para fazerem anotações. Os alunos citaram várias danças de que gostam, como o *funk*, o *rap*, o *treme*, o *carimbó*, o *samba*, entre outros. Em seguida,

conversamos sobre os ritmos próprios da Amazônia. Perguntamos a eles se sabiam o que era batuque e entre as respostas alguns se referiram ao ritmo utilizado na Umbanda, que eles denominaram de macumba.

Após debate a respeito dos termos “batuque”, “macumba” e “Umbanda”, em que procuramos estabelecer as semelhanças e diferenças entre eles, explicamos que o poema a ser lido naquele dia seria “*Batuque*”. Entregamos a eles cópia do poema, apresentamos o livro “*Batuque*”, em que ele foi publicado e falamos sobre Bruno de Menezes, autor do poema.

3.4.2 Introdução do autor e do poema

Bento Bruno de Menezes Costa, conhecido como Bruno de Menezes, nasceu em Belém em 21 de março de 1893. Foi patrono da cadeira nº 2 do Instituto Cultural do Cariri. Cursou apenas o primário.

Foi aprendiz de encadernador, funcionário público estadual do Tesouro do Estado, na Secretaria de Agricultura, Diretor do Departamento Estadual de Cooperativismo. Fundou em 1923, a revista Belém Nova.

Tornou-se membro da Academia Paraense de Letras em 30 de maio de 1944, da qual chegou à presidência. Em 1920, membro da Academia dos Poetas Paraenses, publicou seu primeiro livro de poesia, *Crucifixo*.

Em 1923, fundou a revista literária “Belém Nova”, responsável pela divulgação da poesia modernista no Pará. Em 1920 publicou “*Crucifixo*”, seguiram-se “*Bailado lunar*”(1924); “*Poesia*” (1931), “*Batuque*” (1931), “*Lua sonâmbula*” (1953), “*Poema para Fortaleza*” (1957) e “*Onze sonetos*” (1960). Nos anos seguintes, escreveu peças teatrais juninas para o grupo Pirapema e, em 1950, publicou a novela “*Maria Dagmar*”.

Em 1954, tornou-se membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e da Comissão Paraense de Folclore e lançou o romance “*Candunga*”, com o qual ganhou o Prêmio Estado do Pará. Publicou diversos livros sobre folclore, em 1958 e 1959, entre os quais “*Boi Bumbá*” e “*Auto Popular*”. Faleceu em Manaus no dia 2 de julho de 1963.

O livro “*Batuque*”, de Bruno de Menezes, publicado em 1931, retrata, entre outras questões, o folclore amazônico e a presença negra no Pará, apresentadas, de maneira magistral e poética, por Bruno de Menezes, e que, segundo Paulo Mendes, em texto que prefacia a publicação “*Obras completas de Bruno de Menezes*”, de 1993, contribuiu de forma revolucionária e criadora para a poesia no Pará. Para Mendes, “*Batuque*” representa a “[...] verdadeira “descoberta” para a construção de uma poesia

original e regional, realizando, desse modo, um “modernismo” caracteristicamente nosso. Foi esta a sua contribuição maior e mais valiosa para a poesia paraense”. [...]. Pela importância e valiosa contribuição que a obra “Batuque”, de Bruno de Menezes, representou para a literatura brasileira da Amazônia paraense, é que optamos por ler o poema “*Batuque*” com nossos alunos, conforme passamos a descrever a seguir.

3.4.3 Leitura e discussão do poema

Foi realizada uma primeira leitura silenciosa, em seguida fizemos a leitura em voz alta, pronunciando as palavras de forma clara, e empregando ritmo e entonação adequados. Realizamos, então, uma terceira leitura do poema. Desta vez, feita em voz alta e em conjunto.

Dividimos a turma em dois grupos para ler o poema em forma de jogral. Em seguida, indagamos se desconheciam o significado de alguma palavra e eles demonstraram uma certa dificuldade na compreensão do poema por causa do grande número de palavras, que desconheciam. A cada dúvida apresentada fomos orientando-os a descobrir o significado delas pelo contexto do poema; e para as que eles tiveram dificuldades em decifrar, procuramos o significado no dicionário.

Enfatizamos a eles as diferentes origens das palavras utilizadas por Bruno de Menezes e explicamos que muitas expressões empregadas pelo poeta eram originárias da língua de etnias africanas. Observamos que havia diversas palavras relacionadas à dança, como cadência, desnalgamentos, bamboleio, cirandeio, umbigada; bem como relacionadas à música, como lundu, samba, toada; e às plantas aromáticas, como patchouli, cipó-catinga, priprioca, orisa, bunduns.

Prosseguimos a atividade com a análise do poema estrofe por estrofe. Nessa análise, os alunos constataram que o poema tratava de dança, música, ritmo e trazia referências à escravidão. Retomamos as respostas que os alunos apresentaram, no início da atividade, a respeito do significado da palavra batuque, e encaminhamos uma discussão, confrontando as respostas anteriores com o real significado da palavra.

Aproveitamos a leitura do poema para debater sobre “consciência negra”, já que todos na escola estávamos desenvolvendo atividades para o Projeto Pedagógico “Semana da Consciência Negra”, que ocorreria na última semana de novembro.

Para finalizar a atividade de leitura com o poema, cada aluno escolheu uma estrofe ou um verso para ler, explicando o motivo da escolha e o que entendeu sobre a estrofe ou o verso escolhido. Muitos deles citaram o verso/estribilho “Maribondo Sinhá!”, (MENEZES, Anexos, p. 133). Uns por achar engraçado, outros por achar

interessante o disfarce utilizado pela escrava para negar a dança; e muitos por indignação pelo fato de a negra não ter liberdade nem para dançar.

A aluna A. C. destacou o verso “Mãe Preta deu sangue branco a muito “Sinhô moço”...” (MENEZES, Anexos, p. 134), explicando sua escolha pelo fato dele mostrar que muitas pessoas, que hoje discriminam os negros, tiveram antepassados, que foram amamentados por escravas negras. Então, o sangue negro está em suas veias até hoje.

Em seguida, assistimos ao vídeo-poema “*Batuque*”, produzido por Vocalize, disponível na Internet: <https://www.youtube.com/watch?v=8JFGtojXZu0>.

As atividades em sala de aula com a leitura e discussão do poema “*Batuque*”, de Bruno de Menezes, desenvolvidas em sala, tiveram a duração de 9 horas-aula.

3.4.4 Análise, a partir da leitura do poema

O poema “*Batuque*”, de Bruno de Menezes, faz parte do livro também intitulado “*Batuque*” (1931). O poema é composto de quarenta e cinco versos, distribuídos em treze estrofes, entre as quais um estribilho, que se repete total ou parcialmente entre os quarenta e cinco versos. A musicalidade, já antecipada pelo título, é o mote utilizado pelo poeta para apresentar os elementos que constituem o universo do negro amazônida, descendente do negro africano, que foi arrancado de sua terra para sofrer os horrores que a política escravocrata impunha aos negros trazidos para o Brasil como escravos.

O poema inicia com um estribilho contendo quatro versos: “Nêga qui tu tem?/ - Maribondo Sinhá!/ - Nêga qui tu tem?/ - Maribondo Sinhá!” (MENEZES, Anexos, p. 133)

Nesse estribilho, o poeta enfatiza a necessidade de que a negra tinha em disfarçar sua dança, seu gingado, escondendo sua habilidade do branco opressor, que não permitia ao seu servo a possibilidade de diversão. A negra, ao ser flagrada dançando, disfarça para a Sinhá, dizendo que foi picada por um maribondo. A linguagem empregada por Bruno de Menezes representa a fala coloquial da escrava.

Na segunda ocorrência, o estribilho é repetido por inteiro, mas nas outras ocorrências são retomados apenas palavras, ou um ou mais versos do estribilho inicial, como ocorre no terceiro, composto de dois versos, em que aparece a palavra maribondo: “- “Eu tava na minha roça / maribondo me mordeu!...” (MENEZES, Anexos, p. 133)

No terceiro estribilho, também composto por dois versos, um deles é repetição de um verso do primeiro estribilho: “- “Maribondo no meu corpo! / - Maribondo Sinhá.!” (MENEZES, Anexos, p. 133).

No quarto estribilho, há repetição dos dois versos iniciais do estribilho de abertura do poema: “- “Nêga qui tu tem / - Maribondo Sinhá! / - Maribondo num dexta / - Nêga trabalha!...” (MENEZES, Anexos, p. 134).

E no último estribilho, com o qual o poeta encerra o poema, temos a retomada integral do quarto estribilho, que é constituído por dois versos bem como a repetição dos dois últimos versos do quinto estribilho: “- “Maribondo no meu corpo! / - Maribondo Sinhá! / - É por cima é por baxo! / - E por todo lugá!” (MENEZES, Anexos, p. 134).

No decorrer do poema, o poeta utiliza um vocabulário repleto de termos que remetem à dança, à música, à cultura e aos costumes do povo africano. Palavras como *jongo*, que significa *música*; *cabindas*, que são as nativas de Cabinda (na Angola); e *cubata*, que é uma espécie de casa rústica africana.

Com esse vocabulário, Bruno de Menezes põe em evidência a herança cultural trazida pelos negros de sua terra natal, o continente africano. Dessa herança fazem parte a música, as danças, a sensualidade, a organização social, que inicia dentro das próprias casas, as “cubatas”, cujos compartimentos são ocupados pelos moradores, de acordo com a hierarquia de cada habitante na sociedade da qual o negro faz parte,

Na sinestesia utilizada pelo poeta, evidencia-se o sentido do olfato. Ele enumera diversas ervas e plantas utilizadas nos banhos, nas lavagens de roupas e para confeccionar os perfumes utilizados pelas pessoas retratadas no poema. “Patchouli cipó-catinga priprioca/ Baunilha pau-rosa orisa jasmim./ Gaforinhas riscadas abertas ao meio,/ crioulas mulatas gente pixaim...” (MENEZES, Anexos, p. 133). Algumas plantas aromáticas vieram com eles da África e juntaram-se aos aromas das ervas amazônicas.

Aos perfumes misturam-se as *sudorâncias* e os *bunduns*, resultantes do esforço físico, demandado pela dança que eles praticam, à noite, nas senzalas, “Sudorâncias, bunduns mesclam-se intoxicantes/ no fartum dos suarentos corpos lisos lustrosos./ Ventres empinam-se no arrojo da umbigada,/ as palmas batem o compasso da toada”. (MENEZES, Anexos, p. 133).

São os odores da sensualidade, dos balanços dos corpos inebriados pelos sons e pelo ritmo do batuque, do lundu, da umbigada; espécie de movimentos, que compõem o compasso dos corpos suados e das palmas que acompanham o ritmo, dança esta que não pode ser de conhecimento dos senhores, dos opressores, que não permitem ao negro a mais simples diversão, o que leva a escrava a mentir que foi picada por marimbondo quando é flagrada pela sinhá em seu rebolado. Afinal, é sabido que muitos dos senhores

mantinham relacionamento amoroso com as escravas, às vezes por período duradouro, o que incomodava as suas mulheres, que, assim como a sinhá retratada no poema “Batuque”, faziam o possível para reprimir a sensualidade das negras escravas.

Na sétima estrofe do poema, o poeta conclama as personalidades, que contribuíram na luta pelo fim da escravidão, como Euzébio de Queiroz, autor da Lei, que reprimiu o tráfico negreiro e estabeleceu sua posterior extinção; Patrocínio, uma das figuras mais importantes do movimento abolicionista no país que, em 1881, em seu jornal “Gazeta da Tarde”, deu início à campanha abolicionista, realizou conferências públicas, ajudou a fuga de muitos escravos, organizou núcleos abolicionistas, militando, ativamente, até o triunfo da causa, em 13 de maio de 1888; e Visconde do Rio Branco, que lutou pela aprovação da Lei do Ventre Livre. Além da Princesa Isabel, que assinou a Lei Áurea, a qual pôs fim à escravidão no Brasil.

Ainda nesta estrofe, o poeta também mostra que a dança e a música serviam de catarse contra a condição de cativos em que os negros se encontram, pois, dançando e cantando, eles tentavam esquecer da “tragédia da raça” (MENEZES, Anexos, p. 134).

A estrofe seguinte, a oitava, é formada por um único verso, que se refere a uma força monumental, que é a da “Mãe Preta (que) deu sangue branco a muito “Sinhô moço...” (MENEZES, Anexos, p. 134). O poeta exalta o importante papel que as mães de leite tiveram na formação das crianças alimentadas por elas no período da escravidão no Brasil.

Na nona estrofe, temos o terreiro que, de dia, assiste ao trabalho suado dos negros em sua servidão, lavando e perfumando as roupas rendadas de suas sinhás, e, à noite presencia os requebros das danças sensuais dos negros. Esse terreno, onde se encontravam as acomodações dos negros escravos, e onde, no final do dia, eles se viam livres da presença do branco e podiam entregar-se aos enleios de suas danças, de suas músicas, de seus entrelaçamentos amorosos.

A décima estrofe é toda construída em aliteração para enfatizar o ritmo, a cadência e a sensualidade, que compõem o movimento da dança e da música que embalam as noites dos cativos em sua senzala: “E rola e ronda e ginga e tomba e funga e samba,/ a onda que afunda na cadência sensual./ O batuque rebate rufando banzeiros,/ as carnes retremem na dança carnal!...” (MENEZES, Anexos, p. 134).

Bruno de Menezes encerra o poema, enfatizando o descontrole que toma conta do corpo quando se deixa levar pelos ritmos do batuque, que dá título ao poema, mostrando a flagrante cadência, que tomou conta do corpo da negra: - “Maribondo no

meu corpo!/ - Maribondo Sinhá!/ - É por cima é por baixo!/ - E por todo lugá!” (MENEZES, Anexos, p. 134).

3.5 AULA 5 – LEITURA DO CONTO “AMOR DE MARIA” DE INGLÊS DE SOUSA

3.5.1 Conversa com os alunos

O quinto texto lido foi o conto “*Amor de Maria*” (SOUSA, Anexos, p. 135) de Inglês de Sousa. Antes de iniciar o trabalho com o conto, conversamos sobre namoro, casamento, amor e paixão, gerando uma discussão sobre o que uma pessoa é capaz de fazer por amor. Pedimos para fazerem anotações.

A aluna C. M. relatou que uma prima dela se suicidou aos quatorze anos, quando descobriu que o namorado a traía.

Em seguida, explicamos para eles que o conto a ser lido naquele dia seria “*Amor de Maria*” de Inglês de Sousa. Entregamos a eles cópia do conto, apresentamos o livro “*Contos Amazônicos*”, no qual ele foi publicado e falamos um pouco sobre Inglês de Sousa, e do conto, conforme veremos a seguir.

3.5.2 Introdução do autor e do conto

O escritor paraense Herculano Marcos Inglês de Sousa, conhecido na Literatura brasileira como Inglês de Sousa, nasceu em Óbidos, em 28 de dezembro de 1853. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Inglês de Sousa escreveu seus primeiros livros com o pseudônimo Luiz Dolzani.

Inglês de Sousa também teve notável carreira política. Começou como militante do Partido Liberal em 1878. Tendo sido eleito deputado provincial pela província de São Paulo, foi Nomeado Presidente das províncias de Sergipe e do Espírito Santo.

Foi convidado várias vezes para integrar o Supremo tribunal, porém nunca aceitou. Publicou os seguintes romances em 1876, “*O cacaulista*” e “*História de um pescador*”, aos quais seguiram-se mais dois, “*O coronel Sangrado*” (1877) e “*O missionário*” (1891). Em 1893 publicou “*Contos Amazônicos*”

Com Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e Silva publicou, a partir de 1877, a Revista Nacional, versando sobre ciências, artes e letras. Faleceu no Rio de Janeiro, no dia 6 de setembro de 1918.

O conto “*Amor de Maria*”, segundo Marcela Ferreira (2015, p. 06), foi publicado, pela primeira vez, no periódico “*A Academia de S. Paulo*” no dia 8 de maio de 1876, com o título “*Amor que mata*”, e só receberá o título atual quando publicado no livro “*Contos amazônicos*” em 1893. O conto relata a trágica história de Mariquinha e Lourenço. A moça apaixonou-se por Lourenço e, ao perceber que não era alvo da atenção do rapaz, resolve recorrer à magia, servindo ao moço uma bebida, que, segundo sua ama Margarida, faria o rapaz apaixonar-se por ela. Entretanto, a bebida causa a morte de Lourenço. Marcela Ferreira (2015) destaca que no conto,

[...] Inglês de Sousa dá ênfase para a descrição da paisagem circundante, mostrando como se caracterizava um povoado da Amazônia no século XIX. Além disso, mostra o que essas pessoas faziam para se divertir, com os bailes e reuniões em casa de família, os passeios por entre as matas, principalmente para chegar aos vizinhos, e no rio, dentre outros. (FERREIRA, 2015, p. 08)

A leitura do conto “*Amor de Maria*”, que possibilita, entre outros aspectos, a reflexão a respeito de sentimentos como amor, paixão, ciúme e desejo, foi uma das atividades desenvolvidas em nossa turma de terceira etapa do ensino fundamental da educação de jovens e adultos (EJA), conforme relato a seguir.

3.5.3 Leitura e discussão do conto

A atividade foi iniciada com a leitura silenciosa do conto. Em seguida, fizemos a leitura do conto em voz alta, de forma cadenciada, marcando pontuações, pausas e ritmo de forma que o aluno percebesse essas nuances do conto. Em seguida, foi feita a leitura em voz alta pela turma, em que cada aluno leu um parágrafo do conto. Dividimos a turma em grupos e eles realizaram a leitura dramática do conto.

Solicitamos, então, aos alunos, que expusessem suas dúvidas sobre o vocabulário, buscando elucidar, em conjunto, com a turma, o significado das palavras citadas, através do contexto e, em seguida, pesquisamos no dicionário as palavras, cujos significados eles não conseguiram elucidar. Algumas das palavras, com as quais eles tiveram dificuldades, foram as seguintes: túrgidos, lisonjeiro, abjeção, ensandecia, inolvidáveis, imposturas, plácida, abóbada, brejeiras, cálido, emulação, volubilidade, lisonjeiras.

Solicitamos aos alunos, que expusessem suas impressões gerais sobre o conto. O aluno G. S. observou que naquela época todos os moradores de uma cidade se conheciam e hoje é bem diferente.

O aluno D. A. lembrou das erveiras, que eles conheceram na excursão ao Ver-o-Peso. As erveiras são mulheres que vendem perfumes e ervas, e que, segundo elas, servem, entre outros fins, para atrair o ser amado.

A aluna I. S. falou que não utilizaria desse tipo de estratégia para atrair alguém porque acredita que a pessoa deve ficar com o outro porque gosta e não porque é forçado. Outros alunos concordaram com ela.

A aluna L. A. comentou que, assim como Margarida, algumas pessoas ficam “cegas” e “caem na conversa” do homem, achando que eles estão apaixonados, quando na verdade, só querem se aproveitar da ingenuidade delas.

Após essa conversa, pedimos aos alunos que relatassem casos reais que conheciams e que fossem parecidos com o narrado no conto.

A aluna M. L. contou uma história com uso de ervas, que não era por motivo de namoro, mas que ela acha que é parecido com o da narração. Ela contou que seu pai sempre bebeu muito e que um dia ensinaram para a mãe dela um remédio que ela deveria colocar na comida dele, que o faria enjoar a bebida para sempre. A mãe dela preparou o remédio, que era feito com folhas e cascas de plantas, e, para assegurar-se de que ia dar certo, fez uma dosagem mais forte do que deveria e colocou no almoço do pai dela. Quando ele comeu, passou tão mal, que quase morreu. Elas nunca contaram para ele sobre o remédio, que, afinal, não deu certo porque ele continua bebendo até hoje.

Continuamos a atividade de leitura do conto com um debate em que os alunos se posicionaram a favor ou contra a atitude da protagonista do conto.

Para finalizar a atividade com o conto, montamos um júri simulado para julgar a personagem Margarida. Para a realização da atividade, formamos três grupos, em que dois foram constituídos de debatedores e o terceiro formou o júri popular, responsável pelo veredicto. Estipulamos o tempo de dez minutos para cada grupo se apresentar. Por fim, o júri popular se reuniu para conversar e decretou o veredicto, considerando Margarida culpada pela morte de Lourenço. As atividades em sala de aula com a leitura e discussão do conto “*Amor de Maria*”, de Inglês de Sousa, desenvolvidas em sala, tiveram a duração de 6 horas-aula.

3.5.4 Análise, a partir da leitura do conto

O conto “*Amor de Maria*”, de Inglês de Sousa, é narrado em terceira pessoa, por uma personagem intitulada de Procurador, que conta a história de Mariquinha ao seu atento ouvinte, o velho Estêvão. Mariquinha, afilhada do tenente-coronel Álvaro Bento, que alguns comentavam ser sua filha natural, foi autora e vítima de uma desgraça

resultante do amor que teve por Lourenço, filho do capitão Amâncio de Miranda. A trama é ambientada em Vila Bela, vilarejo de Parentins.

Por meio da descrição de Mariquinha, o personagem-narrador enfatiza a forte impressão que a jovem causava naqueles que a conheciam, fazendo com que as atitudes que a levam ao crime que cometeu causem incredulidade nas pessoas. Segundo o procurador, Mariquinha era

[...] a mais gentil rapariga de Vila Bela! Era uma donzela de dezoito anos, alta e robusta, de tez morena, de olhos negros, negros, meu Deus! de cabelos azulados como asas de anem! Era impossível ver aquele narizinho bem-feito, aquela mimosa boca, úmida e rubra, parecendo feita de polpa de melancia, as mãozinhas de princesa e os pés da Borracheira, impossível ver aquelas perfeições todas, sem ficar de queixo no chão, encantado e seduzido! (SOUSA, Anexos, p. 135)

O narrador continua a descrição de Mariquinha, destacando o encantamento que ela causava nos rapazes, em um quê de magia, que enfeitiçava e seduzia àqueles que a viam, poder do qual Mariquinha não se dava conta, o que a levou a se valer “de credices tolas e de meios aconselhados pela ignorância, de mãos dadas com a superstição” (SOUSA, Anexos, p. 135) para tentar conquistar o rapaz por quem apaixonou-se perdidamente.

Quem nunca viu a afilhada do Álvaro Bento (...) não pode ajuizar das graças daquela moça, que transtornava a cabeça a todos os rapazes da vila, obrigava os velhos a tolices inqualificáveis e deixava no coração dos que passavam por Vila Bela uma lembrança terna, um doce sentimento, um desejo vago. Quando nas contradanças a moça embalava brandamente os quadris de mulher feita e os seios túrgidos tremiam-lhe na valsa, um murmúrio lisonjeiro enchia a casa, era como um encanto mágico que percorria os ares, prendendo com invisível cadeia os corações masculinos aos passinhos miúdos da feiticeira. Feiticeira, sim [...] mas com um poder real, um elixir perigoso que tonteava e ensandecia, transformando a gente em coisa sem vontade, pela demasiada vontade que dava! (SOUSA, Anexos, p. 135)

O procurador prossegue com a descrição de Vila Bela, um típico vilarejo amazônico, valendo-se dela para enaltecer as cidades do interior amazônico.

[...] antes uma povoação do que uma vila. Três pequenas ruas em que as casas se distanciam dez, vinte e mais braças umas das outras; se estendem, frente para o rio, sobre uma pequena colina, formando todo o povoado. No meio da rua principal, a capelinha que serve de matriz ocupa o centro de uma praça, coberta de matapasto, onde vagam vacas de leite e bois de carro. (SOUSA, Anexos, p. 135)

O narrador interrompe sua descrição para fazer uma crítica ao prejuízo que as contendas políticas de seus dias interferem na tranquilidade, que as vilas da beira dos rios outrora possuíam,

Depois que o povo começou a tomar a sério esse negócio de partidos, que os doutores do Pará e do Rio de Janeiro inventaram como meio de vida, numa aldeola de trinta casas as famílias odeiam-se e descompõem-se, os homens mais sérios tornam-se patifes refinados, e tudo vai que é de tirar a coragem e dar vontade de abalar destes ótimos climas, destas grandiosas regiões paraenses, ao pé das quais os outros países são como miniaturas mesquinhas. (SOUSA, Anexos, p. 136)

Enfatizando que na época em que se passou a tragédia de Mariquinha reinava “a melhor harmonia entre os habitantes e a maior cordialidade nas relações familiares” (SOUSA, Anexos, p. 136), o que reforça o quanto foi chocante, para as pessoas dali, o fato ocorrido.

A narrativa do procurador prossegue, com o relato da vida social agitada de Mariquinha, que sempre era convidada pelas amigas para passar o dia com elas; e tantos convites recebia, que era necessário esforço para atender a todas de forma a não causar contrariedades.

O procurador também enumera os diversos pedidos de casamento, recusados por Mariquinha, que afirmava não ter pressa em se casar, pois levava uma vida folgada e leve.

Assim plácida e feliz corria aquela existência. Querida e festejada de todos, era a princesa do Parentins, o beijinho das moças, a adoração dos rapazes, a loucura dos velhos, a benevolência das mães de família. O único defeito que lhe imputavam as amigas era a faceirice. E tinha na verdade esse pecado, se pecado é em moça bonita, pois que eu, com esses cabelos de sal e pimenta, morro pelas raparigas faceiras. (SOUSA, Anexos, p. 136)

Essa estratégia de Inglês de Sousa serve para antecipar o quanto vai ser importante para a protagonista o envolvimento dela com a personagem Lourenço.

Surge na narrativa, a personagem Lourenço, rapaz orgulhoso, que se considerava melhor do que os outros por ter ido estudar na capital, e que, todo cheio de si, acreditava em seu poder galanteador, que fazia cair aos seus pés qualquer daquelas moças a quem cortejava, e pelas quais não tinha nenhum respeito, pois eram interioranas sem atrativo maior. O procurador faz dele a seguinte descrição:

O filho do capitão Amâncio era um rapaz alto e louro, bem-apeesoado. Imaginem se devia ou não agradar às moças de um lugarejo, em que toda a gente é morena e baixa. Acrescia que Lourenço tinha uns modos que só se encontram nas cidades adiantadas, vestia à última moda e com apuro, falava bem e era desembaraçado. Quando olhava para algum dos rapazes da vila, através de sua luneta de cristal e ouro, o pobre matuto ficava ardendo em febre. Demais, chegara do Pará, sabia as novidades, criticava com muita graça os defeitos das moças. E montava a cavalo com uma elegância nunca vista, e que eu (apesar de já ter estado no Pará, no Maranhão e na Bahia) não podia deixar de admirar. (SOUSA, Anexos, p. 137)

A chegada de Lourenço foi um acontecimento na cidade, causando em parte da população não tão boa impressão pelos seus modos petulantes, inclusive, também foi a impressão inicial de Mariquinha. Porém, ela muda de ideia, ao encantar-se pelo rapaz num passeio ao lago Macuranim. “Os galanteios de Lourenço, as suas maneiras delicadas, a excitação da vaidade pela emulação provocada pela filha do juiz, despertaram no coração da afilhada do Álvaro Bento uma paixão profunda”. (SOUSA, Anexos, p. 138)

Nessa parte da narrativa, o procurador descreve o ambiente rural, típico da paisagem interiorana amazônica daquele tempo, que os encantava, pois apresentava uma flora muito diversificada

Seriam dez horas da manhã quando a comitiva atravessou a linda campina que se estende diante do cemitério e internou-se nas matas que cercam a pitoresca Vila Bela. O caminho para o Macuranim é uma estreita vereda, toda por baixo de árvores. Os araçazeiros, os maracujás, as goiabeiras, os caramurus, entrelaçando os galhos, formam uma abóbada de verdura. As folhas secas, que lastravam o chão, estalavam sob os pés dos transeuntes, (SOUSA, Anexos, p. 137)

Bem como diversificada era a sua fauna, com os pássaros que encantavam os que por ali passavam com seus cantos envolventes.

[...] e os bem-te-vis, os titipururuis, os alegres e farsantes japiins encantavam o ouvido com a sua vária melodia. De vez em quando, o leve murmúrio de algum regato, oculto entre moitas de flores silvestres, confundia-se com as diversas vozes da floresta dominadas pelo assovio agudo do urutaí, ao longe, na densidão do mato. A sombra de cajueiros folhudos, matizados de encarnado, chora a juruti

solitária, e responde-lhe a gargalhada zombeteira da maritaca. (SOUSA, Anexos, p. 137)

Descreve, também, o estado de espírito das pessoas que se deixavam envolver por aquele ambiente campesino, entregando-se à tranquilidade que os cercava.

Um perfume forte, um grande cheiro de flores e de frutas punha na alma uma disposição alegre de correr e de brincar pelas campinas, de mastigar folhas verdes, de vagar por entre os troncos cheios de seiva estival de dezembro, de se deixar queimar ao sol matutino, cujo ardor a brisa da floresta refrescava. (SOUSA, Anexos, p. 138)

É nesse passeio que Mariquinha se vê envolvida por Lourenço quando, enciumada, percebe o interesse da filha do juiz pelo rapaz, que, após ter passado o dia com a atenção voltada a Mariquinha, deixa-a de lado e passa a dar atenção à outra moça, o que desgasta seu humor.

À volta para a vila, a afilhada do Bento já não corria, já não trepava às árvores, não ocultava mesmo a tristeza que se apoderara de seu coração. Vinha séria ao lado do padrinho, mas não tirava os olhos de Lourenço e da filha do juiz, que andavam desta vez atrás de todos, conversando, rindo, perseguindo borboletas como duas crianças. Mariquinha detinha os passos para acompanhar os movimentos dos dois jovens, dolorosamente ferida pelo que, no íntimo, chamava inconstância de Lourenço. Poucas horas havia que o moço se mostrara apaixonado por ela e agora namorava às claras a Lucinda, a filha do juiz, a moça mais feia de Vila Bela. Forçoso era crer na volubilidade dos moços do Pará, de que tanto lhe falara a sua ama-de-leite, a boa Margarida. Com a alma ulcerada pelo ciúme e espezinhada na vaidade de moça bonita, sempre até ali preferida, Mariquinha caminhava em silêncio, afetando fadiga. (SOUSA, Anexos, p. 139)

Nesse momento da narrativa, o narrador apresenta a personagem Margarida, ama-de-leite de Mariquinha, que tem um papel fundamental na trama. É nos braços da querida ama, que conhece muito bem suas inquietações, que a jovem vai se aninhar chorosa e triste para esconder dos outros o sentimento recentemente despertado em seu coração e que

[...] produziu-lhe grande mudança nos hábitos, nos modos e no gênio. Vivia triste e aflita, vítima indefesa de uma paixão ardente, de uma dessas paixões que a gente só admite nas novelas, mas que também existem na vida real, principalmente entre as mulheres de nossa terra, impressionáveis em extremo. A moça passava dias sem comer, noites sem dormir, e quando alguma nova proeza do rapaz vinha lhe matar alguma pequenina esperança que alimentara no intervalo, chorava, e

chorava no seio da Margarida, de sua querida mãe preta. (SOUSA, Anexos, p. 139)

O procurador destaca o espírito inconstante e despreocupado com o sentimento alheio, que caracteriza o caráter de Lourenço,

[...] um desses moços que julgam ser-lhes tudo permitido. Acostumado aos namoros fáceis do Pará, pensava que em Vila Bela, na vida estreita da aldeia, podia impunemente brincar com o sentimentalismo das raparigas, sem refletir que as nossas moças não estão como as da cidade, fartas de ouvir galanteios nos passeios e nos bailes. As daqui tomam tudo a sério, acreditam em tudo. Lourenço, porém, pouco se lhe dava do que resultasse. Vivia alegre, gozando a licença, namorando claras e trigueiras, declarando o seu amor às caboclinhas do peito duro e às moças de família, franzinas e pálidas. [...] (SOUSA, Anexos, p. 139)

Por causa de sua inconstância, Lourenço acaba reacendendo as esperanças de Mariquinha, ao declarar-se para ela como costumava declarar-se às outras meninas. Mas a felicidade da moça dura pouco, pois Lourenço,

[...] por uma inexplicável contradição, foi todo atencioso e desvelado para a filha do juiz, sem se importar com o despeito visível daquela a quem na véspera jurara um sincero amor. Lourenço e Lucinda, ao abrigo das liberdades do jogo, trocaram abraços e beijos, galanteios recíprocos à vista de todos, enquanto Mariquinha ralava-se de ciúmes e de raiva, reduzida a ouvir as amabilidades insulsas do dr. Filgueiras. A formosa moça retirou-se cedo e, quando chegou a casa, rompeu num pranto soluçado que terminou por um vagado de três horas. (SOUSA, Anexos, p. 140)

Neste ponto da narrativa é que ocorre a conversa entre Mariquinha e Margarida, que, tocada pelo sofrimento de sua protegida, sugere que ela utilize a beberagem que enfeitiçaria Lourenço, fazendo com que ele se apaixonasse pela moça. Nesse diálogo, o narrador evidencia a capacidade argumentativa da mãe preta, que convence a menina a fazer o que ela sugere, como se pode confirmar nos acontecimentos seguintes da narrativa.

Ao visitar o padrinho de Mariquinha para despedir-se, pois viajaria dali a três dias, Lourenço bebeu o café, que Mariquinha temperou com uma porção da raiz do tajá. “Lourenço, ao tomar o café, coitado! Bebeu-o de um trago, sentiu fogo vivo a abrasar-lhe as entranhas. Deitou a correr pelas ruas como um louco. Meia hora depois, falecia

em convulsões medonhas, com o rosto negro, e o corpo abriu-se-lhe em chagas”. (SOUSA, Anexos, p. 142)

O procurador encerra sua narrativa, informando o triste fim que tiveram Margarida, que morreu na cadeia, e Mariquinha que desapareceu de Vila Bela sem que jamais se descobrisse seu paradeiro. Dela e “dos seus infaustos amores só resta como lembrança em Vila Bela o nome de Amor de Maria, dado pelo povo ao terrível tajá que matou o filho do capitão Amâncio”. (SOUSA, Anexos, p. 143)

O conto “*Amor de Maria*” nos leva a uma reflexão a respeito das consequências decorrentes de atitudes impensadas, que a paixão desenfreada pode ocasionar. O conto também desperta a nossa atenção para o poder de argumentação, que algumas pessoas possuem, cujos conselhos podem conduzir para o Bem ou para o Mal. Outra questão muito importante, levantada pelo conto, é o valor do caráter de cada pessoa, que pode ver no outro um ser igual a ele, mas pode também julgar-se superior aos outros, como foi o caso de Lourenço, que por viver em um centro urbano; julgava inferiores as pessoas que moravam no vilarejo.

3.6 AULA 6 – LEITURA DO POEMA “PRECE DE NATAL” DA ANTÔNIO TAVERNARD

3.6.1 Conversa com os alunos

O sexto texto lido foi o poema “*Prece de Natal*” (TAVERNARD, Anexos, p. 144) de Antônio Tavernard. Iniciamos com uma conversa a respeito do significado do Natal para cada um dos alunos. Pedimos para fazerem anotações. A aluna R. B. falou que adora o período de Natal, mas também fica triste porque muitas famílias pobres não conseguem fazer uma ceia de Natal nem dar presentes para seus filhos.

A aluna M. L. afirmou que muitas pessoas esquecem que o Natal é a comemoração do nascimento de Jesus e só querem saber de comprar presentes, roupas novas, enfeitar casas, deixando de lado o verdadeiro espírito de Natal.

Em seguida, explicamos para eles que o poema a ser lido naquele dia seria “*Prece de Natal*”, de Antônio Tavernard. Entregamo-lhes cópia do poema, apresentamos o livro “*Místicos e Bárbaros*”, em que ele foi publicado e falamos um pouco sobre Antônio Tavernard, autor do poema.

Os alunos ficaram surpresos ao saber que a casa em que o poeta viveu o final de sua vida está localizada em Icoaraci, distrito de Belém do Pará, que se localiza bem próximo ao bairro em que fica a escola e onde a maioria deles residem. Eles sugeriram

fazer uma excursão até o local, mas explicamos que, pelo estado de abandono em que se encontra a casa, é perigoso entrar lá. Eles lamentaram o descaso do poder público com a preservação de ambientes históricos da cidade.

3.6.2 Introdução do autor e do poema

Antônio de Nazareth Frazão Tavernard nasceu em 10 de outubro de 1908, na Vila de São João do Pinheiro, atual Icoaraci, onde iniciou seus estudos.

Aos 19 anos, Tavernard conseguiu o segundo lugar em um concurso de contos trágicos, pela revista “Primeira”, no Rio de Janeiro. Escreveu dois livros de contos: “*Fêmea*”, editado em Belém, em 1930, e o inédito “*Vozes Tropicais*”. Escreveu também um romance inédito conhecido como *Sacrificados*. Compôs também as peças teatrais “*A menina dos 20.000*”, de 1930, escrito em parceria com Paulo Castro; “*A casa da viúva Costa*”, “*Seringadela*”, “*Que tarde!*” e “*Parati*”. Foi redator-chefe da revista “*A Semana*”, além de trabalhar em periódicos de publicação nacional.

Antônio Tavernard faleceu em Belém, no dia 02 de maio de 1936, aos 28 anos, devido à hanseníase. Em 1953 foi publicada a obra póstuma “*Místicos e bárbaros*”, uma antologia poética, que conta com um estudo sobre Tavernard, de autoria de Georgenor Franco.

O poema “*Prece de Natal*” de Antônio Tavernard foi publicado em seu único livro de poemas, o “*Místicos e Bárbaros*”, publicado postumamente em 1953, dezessete anos após a sua morte. Em “*Prece de Natal*”, o poeta, em forma de oração, como anuncia o título do poema, dirige-se a Jesus Menino, pedindo por paz na vida de um eu poético, que está cansado de sofrer, que não aguenta mais tanta dor.

Nos vinte e oito versos, repletos de eloquência, que compõem o poema, percebemos a aflição de um homem, que, vendo o tempo se esgotando, recorre a Jesus, implorando a clemência de quem já sofreu na cruz a sua própria dor e Paixão para que o Menino se compadeça de quem está com o corpo destruído, sofrendo de tanta dor e necessitado de paz, que só Jesus Menino pode lhe conceder. “*Prece de Natal*” foi o terceiro poema estudado em sala de aula na turma de terceira etapa do ensino fundamental da educação de jovens e adultos, conforme relato a seguir.

3.6.3 Leitura e discussão do poema

Os alunos fizeram uma leitura silenciosa do poema e, em seguida, fizemos a leitura do poema em voz alta para eles, procurando marcar a entonação e o ritmo para que percebessem as nuances, que são próprias de um poema.

Fizemos uma terceira leitura do poema e depois, divididos em dois grupos, os alunos leram o poema em forma de jogral.

Prosseguimos, tirando as dúvidas sobre o vocabulário, buscando o significado das palavras citadas através do contexto e, em seguida, com o auxílio em dicionário para as palavras, cujos significados os alunos não conseguiram elucidar. Por ser um poema com linguagem simples, eles não tiveram grandes dificuldades com o vocabulário do poema “*Prece de Natal*”.

Em seguida, pedimos aos alunos que expusessem suas impressões iniciais sobre o poema. Conversamos a respeito do título do poema, explorando as relações que ele estabelece com o restante do poema.

Continuamos a atividade de leitura, realizando a análise do poema a cada estrofe. Os alunos destacaram os versos dos quais mais gostaram, explicando o motivo da escolha. Em sua análise, eles relacionaram o tom melancólico do poema à situação de doença em que o poeta se encontrava, ao compor o poema.

O aluno D. P. achou o poema bem triste e destacou os versos “Venho de muito longe, de um passado / vivido em turbilhão... Estou cansado... / Não quero sofrer mais!”, comentando que deve ser muito triste saber que se vai morrer tão jovem. (TAVERNARD, Anexos, p. 144)

O aluno M. S. citou os versos “Jesus querido, meu Jesus Criança, / que morta linda a última esperança!...” (TAVERNARD, Anexos, p. 144), afirmando que achou interessante a forma que o poeta utilizou para falar que a esperança é a última que morre.

A aluna R. B. destacou os versos iniciais do poema “Olhe aqui, Jesus Menino: / na folha do meu destino, / escreva a palavra “paz!” (TAVERNARD, Anexos, p. 144), afirmando que é muito difícil conseguir a paz hoje em dia quando as pessoas estão mais preocupadas consigo mesmas do que com os outros.

O aluno P. B. também destacou os versos “Jesus querido, meu Jesus Criança, / que morta linda a última esperança!...” (TAVERNARD, Anexos, p. 144), dizendo que Natal representa vida, mas que para o moço do poema estava representando morte.

Encerramos as atividades de leitura do poema com um recital, no qual os alunos leram outros poemas com a temática de Natal, que eles pesquisaram, a nosso pedido. Entre os poemas recitados, muitos eram letras de cantos evangélicos da igreja a que a maioria dos alunos pertence.

As atividades em sala de aula com a leitura e discussão do poema “*Prece de Natal*”, de Antônio Tavernard, desenvolvidas em sala, tiveram a duração de 9 horas-aula.

3.6.4 Análise, a partir da leitura do poema

O poema “*Prece de Natal*” apresenta-se como uma oração entoada por alguém que, ao se deparar com a proximidade da morte, suplica por paz ao Jesus Menino. O título já antecipa a ideia de que se trata de uma prece.

Na estrofe inicial, o eu poético demonstra seu cansaço com a vida turbulenta que viveu e implora por paz ao Jesus Menino, recusando-se a sofrer mais do que já sofreu em sua vida.

Na segunda estrofe, o poeta utiliza a comparação com uma taça de cristal partida para falar da fragilidade em que se encontra a vida do eu que sofre, que foi explorada por “deuses” e “animais”, levando-o a tal sofrimento, que ele se recusa veementemente a sofrer novamente. “Não quero – não! Não posso! Minha vida/ é como taça de cristal partida/ em que beberam deuses e animais”. (TAVERNARD, Anexos, p. 144)

Na terceira estrofe, ele lamenta-se pelos atos passados, realizados com indiferença, confessando ter cometido tanto o mal quanto o bem, porém de forma despreocupada, descuidada, sem um objetivo específico, como atitude própria de quando um homem se sente feliz.

Na quarta estrofe, utilizando o jogo metafórico da antítese, Antônio Tavernard apela ao caráter benevolente de Deus que perdoa os arrependidos por quem sofreu na cruz. Para o eu poético, passado o período de felicidade, vem a dor, que ele sentiu com muita intensidade, mas à qual entregou-se, cumprindo o que o destino determinou para ele. Então evoca a história de sofrimento de Jesus, que por ter sentido tanta dor em sua Paixão, cujo destino também já estava traçado, que sofreu com a traição de seus apóstolos, Judas, que o entregou e Pedro, que o negou três vezes, como ele havia predito que ocorreria. Jesus sofreu o flagelo, foi torturado, espancado e crucificado, morreu como se fosse um criminoso. Por todo o sofrimento infligido a Jesus, é que o eu poético recorre a Ele, pois o Menino Jesus conhece o sofrimento sobre o qual ele está falando.

Ele fala a Jesus, que está na hora desse sofrimento cessar e que a sua esperança é a morte. Num jogo de palavras com a expressão “A esperança é a última que morre”, o poeta mostra um ser descrente de uma melhora para quem, por causa da dor tão intensa que sofre, a morte se afigura como algo lindo, que virá lhe trazer a paz.

Entregando-se ao seu destino, que seguramente será a morte, o eu que sofre clama ao Jesus Menino por paz, essa paz que o abandonou nos seus últimos anos, pois deseja “dormir” serenamente como um arcanjo adolescente que não sinta mais dor, não sonhe, que durma para sempre. “Portanto, Jesus Menino,/ na folha do meu destino,/ escreva a palavra “paz!”/ Para que eu durma, então, serenamente/ com um sono de arcanjo adolescente/ e não sinta, e não sonhe, e não desperte mais”. (TAVERNARD, Anexos, p. 144)

O eu poético, nos últimos versos do poema, vê na morte a solução para encerrar o seu sofrimento, a sua aflição, pois, por ter sentido tanta dor, ele necessita da paz, que só Jesus Menino pode lhe conceder.

3.7 AULA 7 – LEITURA DO CONTO “A “SERENATA” DE SCHUBERT” DE JOÃO MARQUES DE CARVALHO

3.7.1 Conversa com os alunos

O sétimo texto lido foi o conto “A “*serenata*” de Schubert” (CARVALHO, Anexos, p. 146), de João Marques de Carvalho.

Iniciamos a aula com a audição da música “*Serenata de Schubert*”. Explicamos que se tratava de uma música clássica do século XIX. Em seguida, conversamos a respeito da preferência musical de cada um e dos sentimentos, que afloram, quando escutamos determinada música. Pedimos para fazerem anotações.

Alguns alunos afirmaram que não gostavam desse tipo de música que escutamos, pois preferem músicas mais agitadas como o *tecno* e o *rap*. A aluna A. B. falou que essa serenata lembrou-lhe dos desenhos animados mais antigos, a que assistia na infância e que utilizavam músicas nesse estilo.

Explicamos para eles que o conto a ser lido naquele dia seria “A “*serenata*” de Schubert” de João Marques de Carvalho. Entregamo-lhes cópia do poema, apresentamos o livro “*Contos Paraenses*”, no qual ele foi publicado e falamos sobre João Marques de Carvalho, autor do conto.

3.7.2 Introdução do autor e do conto

João Marques de Carvalho nasceu em Belém em 1866. É autor da obra naturalista “*Hortênsia*”, de 1888, ambientada em Belém. Em 1884, iniciou a carreira de jornalista como colaborador do Diário de Belém. Em 1887, foi um dos fundadores e redator-chefe do diário Comércio do Pará. Em 1888, publicou sua obra máxima, “*Hortênsia*”, que foi reeditado, em 1989, e por último em 1997.

Em 1891, iniciou a carreira diplomática como cônsul brasileiro em Georgetown. Em 1896, demitido do cargo diplomático, voltou para Belém, reiniciando as atividades jornalísticas em A Província do Pará. Em 1898, foi condenado por peculato, grau médio, no Supremo Tribunal Federal. Foi absolvido no ano seguinte.

Em 1900, fundou a Academia Paraense de Letras, que só iria se estabelecer de fato em 1913. Achando-se doente, fixou residência em Nice, onde faleceu, no dia 11 de abril de 1910.

3.7.3 Leitura e discussão do conto

A atividade foi iniciada com a leitura silenciosa do conto. Em seguida, fizemos a leitura do conto em voz alta, de forma expressiva, marcando pontuações, pausas e ritmo, de forma que o aluno percebesse essas nuances do conto. Depois foi feita a leitura em voz alta pela turma, em que cada aluno leu um parágrafo ou uma frase do conto. Solicitamos aos alunos, que expusessem suas dúvidas sobre o vocabulário, buscando elucidar, em conjunto, com a turma o significado das palavras citadas através do contexto e, em seguida, consultamos em dicionário as palavras, cujos significados eles não conseguiram elucidar.

Eles tiveram uma certa dificuldade com o vocabulário, pois desconheciam o significado de grande parte das palavras do conto. Explicamos a eles que isso se dava por causa de o conto ter sido escrito no século dezanove e que, mesmo com a ortografia atualizada, o vocabulário representava o modo de falar daquela época.

Após a leitura, solicitamos que eles identificassem os diferentes sentimentos expressos no conto, indicando o parágrafo ou frase em que perceberam cada sentimento. Eles identificaram solidão, saudade, alegria, prazer, amor e aborrecimento.

Para finalizar as atividades com o conto, sugerimos aos alunos que assistissem a um filme ambientado no século XIX para reconhecerem elementos presentes no conto. Para a realização desta atividade, sugerimos os seguintes de filmes: “Razão e Sensibilidade”; “O Brilho de Uma Paixão”; “Gangues de Nova York”; “Oliver Twist”; “Mauá, o imperador e o rei”.

Na aula seguinte, os alunos que assistiram aos filmes, comentaram os elementos que observaram, dando destaque para a música e vestimentas das personagens. As atividades em sala de aula com a leitura e discussão do conto “A *“serenata” de Schubert*”, de João Marques de Carvalho, desenvolvidas em sala, tiveram a duração de 6 horas-aula.

3.7.4 Análise, a partir da leitura do conto

O conto “*A “serenata” de Schubert*” está dividido em quatro partes. Na primeira parte, o narrador apresenta a personagem principal, João, cujas memórias constituem a narrativa do conto.

João encontra-se longe de casa, vivendo em no estado de Pernambuco, quando, deitado em sua rede, lendo um livro, ouve, ao longe, os acordes de um piano, que toca a *Serenata de Schubert*, a composição de que ele mais gostava e que o levou a lembranças “[...] dos seus antigos episódios de amores [...]” (CARVALHO, Anexos, p. 146), pois para ele,

Como todas as músicas sentimentais, a *Serenata de Schubert* possui isto de extraordinário: prende o espírito de quem a ouve, e leva-o ao centro da meditação tranquila e saudosa das grandes cousas passadas, e que são sempre, quer dolorosas quer alegres, um grato consolo para a alma. (CARVALHO, Anexos, p. 147)

A audição da *Serenata de Schubert* transportou-o para o passado, no Pará, quando sua noiva, naquela época, hoje sua esposa, executava, primorosamente, no piano a composição, que agora embalava seu espírito saudoso.

Entrou João a imaginar que estava no Pará, ao lado de sua querida companheira, junto ao piano dela, no perfumado sossego da sala deserta, extasiado na audição daquela fantasia esplendida! E logo, por uma transformação imaginativa, o piano da desconhecida vizinha tomou aos ouvidos dele um som particular, intimo, que o comovia todo, chamando-lhe duas lágrimas aos cantos dos olhos! E, por esta causa também, à sua alma pareceu ver desfilar nas pacíficas paredes da casa fronteira um tranquilo quadro do seu passado, o qual dera-lhe outrora tantos prazeres, e que tinha presentemente a expressão poética, porém saudosíssima, de uma tela de Watteau. (CARVALHO, Anexos, p. 148)

Na segunda parte do conto, o narrador passa a descrever aquele momento do passado ao qual João foi transportado em seus pensamentos quando ouviu a *Serenata*. Era uma noite de Natal e João estava na casa da noiva Dhália, juntamente com a família desta. O narrador descreve a cena familiar, repleta de ternura familiar e carinho maternal, enfatizando o quanto aquele quadro entenece a alma de João, que nasceu órfão.

Na sala a conversa era geral. Uma criancita formosamente encantadora sugava a extremidade de um tubo de mamadeira, sobre o colo de sua virtuosa mãe, a qual, suposto conversar com o extremoso marido, não afastava do rosto da filha os grandes olhos expressivos, flutuando num lago de ternura meiga e imaculável como um beijo maternal.

Contemplando este quadro rubenesco, João pensava nos santos prazeres do lar, - ele, que era um mísero órfão, um desgraçado pária do amor! (CARVALHO, Anexos, p. 148)

De repente, ouve-se uma cantiga, que vinha da rua, cuja letra o narrador apresenta no corpo do conto. A composição exalta a noite de Natal e encerra-se falando da efemeridade do tempo e conclamando os jovens a aproveitar a vida enquanto a velhice não chega. Esta última parte, entoada lá na rua, enfurece o velho Antônio, que pragueja contra o cantador:

- Tolo! - exclamou, referindo-se ao cantor, cuja voz perdia-se agora ao longe, na extremidade da rua. - Pois que venha cá, a ver se os velhos não têm amores e prazeres!.. Que venha presenciar a este quadro e me dirá ao depois se eu não amo as minhas queridas filhas, o meu bondoso Braga, o meu Theodoro e a inocentinha que aí dorme sob as bênçãos do meu olhar! (CARVALHO, Anexos, p. 149)

Tocada com e expressão de carinho de Antônio, Dhália abraça-o e agradece pedindo a ele que não se afligisse

[...] que não desse importância a semelhantes asneiras. Todos sabiam perfeitamente com que intensidade ele amava a família, e que suaves prazeres tirava desse amor. E demais, aquela noite era de festa, como dissera o desconhecido cantor, não valia a pena entristecer-se. (CARVALHO, Anexos, p. 149)

E, então, ela se dirige ao piano e toca a música, que ora embala as lembranças de João.

A terceira parte do conto é uma descrição primorosa do devaneio, que toma conta do espírito de João, ao ouvir, em sua imaginação, os primeiros acordes tocados pela moça,

Uma figura, ao princípio flutuante e indecisa, mas que logo tomou relevo, aparecendo em primeiro plano, desenhou-se na tela da imaginação do moço. E surgiu então um jovem de bandolim em punho, debaixo dos balcões floridos de um elegante castelo, que se erguia a meio de uma paisagem germânica, onde os robles

farfalhavam à borda dos lagos tranquilos, sobre cujas superfícies grandes garças deslizavam elegantes, ruflando as brancas penas em donosa majestade. E a voz dele era meiga qual um canto mágico de Iara amazônica, sentida como uma recriminação paternal, doce como um beijo apaixonado. De seus lábios cor de papoula destilava-se o mel da música de Schubert, que ia cair com uma suavidade de bálsamo sobre a alma enamorada de uma jovem castelã formosa, oculta entre os refolhos das colgaduras das janelas! (CARVALHO, Anexos, p. 149)

Na quarta e última parte do conto, o narrador traz João de volta ao tempo presente da personagem, descrevendo a emoção que ele sente por ter tido sua memória avivada por “tão grata lembrança de seu venturoso passado, - agora que ele estava ausente do querido solo natal, onde moravam todos os que possuíam-lhe a flor do afeto”.

E contemplando o belo céu com a lua crescente, que avistava de onde encontrava-se deitado, repleto de saudades dos momentos do passado, permite-se mais um devaneio e, “por um impulso de agradecimento, o espírito de João partiu pelo infinito a fora, chegou ao Pará, atravessando a cidade, e foi ajoelhar-se piedoso à modesta pedra gradeada, que sela o túmulo venerando de Antônio, o estremecido pai de sua noiva”. (CARVALHO, Anexos, p. 150)

Nas aulas que se seguem, apresentamos propostas de leitura dos textos, que não foram trabalhados em sala de aula, pelos motivos que mencionamos no início deste capítulo.

3.8 AULA 8 – LEITURA DO POEMA “ENCHENTE AMAZÔNICA” DE RUY BARATA

3.8.1 Conversa com os alunos

Iniciamos as atividades de pré-leitura, indagando aos alunos se já presenciaram uma situação de enchente e, em caso positivo, pedimos que relatem o ocorrido, levando-os à discussão sobre os problemas causados por uma cheia.

Após a discussão, entregamos aos alunos cópia do poema “*Enchente Amazônica*” (BARATA, Anexos, p. 151), apresentamos o livro em que o poema foi publicado e damos informações sobre Ruy Barata, autor do poema.

3.8.2 Introdução do autor e do poema

Ruy Guilherme Paranatinga Barata nasceu em Santarém, em 25 de junho de 1920. Foi alfabetizado pelo pai. Aos dez anos, em Belém, prosseguiu seus estudos. Iniciou-se na poesia, escrevendo na revista Terra Imatura quando cursava o pré-jurídico no Colégio Estadual Paes de Carvalho.

Em 1938 entrou para a Faculdade de Direito do Pará. Em 1943, formou-se em Direito Trabalhou na redação do jornal Folha do Norte. Em 1943, publicou seu primeiro livro de poemas “*Anjo dos abismos*”.

Aos 26 anos, em 1946, foi eleito deputado para a Assembleia Constituinte do Pará pelo Partido Social Progressista (PSP). Foi reeleito em 1950. Em 1951, publicou “*A Linha imaginária*”. Em 1959, saudou a revolução cubana com o poema “*Me trae una Cuba Libre/ Porque Cuba libre está*”. Nessa época, provavelmente, deu início à construção de “*O Nativo de câncer*”. O primeiro canto do poema foi publicado em fevereiro de 1960, no jornal Folha do Norte.

Em 1964, foi preso, demitido de seu cartório e aposentado, compulsoriamente, do cargo de professor da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Pará, com menos de 10% de seus proventos. Passou a exercer a advocacia no escritório de seu pai, Alarico Barata e escreveu artigos e reportagens com pseudônimos, como Valério Ventura, para os jornais Folha do Norte e *Flash*. A partir de 1967, passou a compor em parceria com seu filho Paulo André Barata. Em 1978, lançou mais um capítulo do estudo sobre a Cabanagem, a revolução paraense de 1835, cuja publicação iniciara no ano anterior pela revista do Instituto Professor Sousa Marques (Rio de Janeiro).

Em 1979, foi reintegrado ao quadro de professores da UFPA. Ruy Barata morreu em 23 de abril de 1990, durante uma cirurgia, em São Paulo, para onde viajara, a fim de coletar dados sobre a passagem de Mário de Andrade pela Amazônia. Pouco depois de sua morte, foi lançada a segunda edição, revista e ampliada, do livro “*Paranatinga*”.

Em 2000, foi lançado o livro “*Antilogia*”, uma coletânea de poemas, organizada e revisada pelo próprio Ruy, entre janeiro e fevereiro de 1990, pouco antes de sua morte, cuja edição reúne catorze poemas e uma das correspondências, que lhe foram enviadas pelo poeta Mário Faustino.

3.8.3 Leitura e discussão do poema

Iniciamos, então, a leitura do poema, de forma silenciosa. Em seguida fazemos a leitura do poema em voz alta, procurando marcar a entonação e o ritmo de forma, que o aluno perceba a cadência própria de um poema. Depois realizamos com os alunos a leitura do poema em voz alta.

Os alunos, organizados em grupos, realizam a dramatização do poema. Podemos pedir que eles construam um cenário para enriquecer a performance.

Solicitamos aos alunos que exponham suas dúvidas sobre o vocabulário, buscando elucidar em conjunto com a turma o significado das palavras citadas através do contexto e, em seguida, buscamos auxílio em dicionário para as palavras, cujos significados eles não conseguiram elucidar. Realizamos uma reflexão a respeito dos termos coloquiais regionais utilizado por Ruy Barata na composição do poema.

Solicitamos, então, aos alunos, que exponham suas impressões gerais sobre o poema. Conversamos a respeito do título do poema, explorando as impressões que eles expuserem. Realizamos com os alunos uma análise oral verso a verso ou estrofe por estrofe do poema. Solicitamos que cada aluno destaque oralmente a estrofe ou o verso do poema de que mais gostou e explique o que o motivou a fazer a referida escolha.

Solicitamos que os alunos pesquisem e reúnam vídeos de reportagens sobre o drama das enchentes na região amazônica. Em seguida, organizamos uma seção de projeção dos vídeos coletados. Após a sessão, estabelecemos um debate a respeito do tema, levando os alunos a relacionarem o conteúdo dos vídeos ao poema estudado. Esta atividade pode ser substituída por ou complementada com uma exposição de painéis construído com imagens sobre enchente, coletada pelos alunos em jornais e revistas, ilustrando o poema estudado.

3.8.4 Análise, a partir da leitura do poema

O poema “*Enchente amazônica*”, que possui sessenta e cinco versos, distribuídos em sete estrofes, apresenta, já a partir do título, uma situação de enchente, expondo a agonia do eu poético quanto às providências imediatas, a serem tomadas, diante da força que se aproxima. A enchente é realidade da população ribeirinha da Região Amazônica e ano após anos desabriga e causa prejuízo a essas pessoas que, por não terem alternativa se submetem a essa mazela que é morar em lugar tão inseguro.

Empregando a linguagem coloquial, com características típicas do falante ribeirinho e em tom de discurso direto, o eu poético, a partir da primeira estrofe, conclama os companheiros, provavelmente parentes e vizinhos a juntarem suas posses e seus pertences e fugirem correndo das águas que “vêm vindo”, inundando tudo.

Na segunda estrofe, o apela pelo socorro divino, ao perceber que a água já começava a cobrir tudo “os teso sumindo. / (Valha-nos Deus!)” (BARATA, Anexos, p. 151), pois, para ele, só a força divina pode conter a força da natureza, que, ano após ano, destrói tudo o que encontra pela frente, fazendo com que a vida dos ribeirinhos seja feita de aflição e susto.

A enchente que iniciou de véspera já toma proporção ameaçadora, inundando as vilas próximas à que ele se encontra. O rio vem, aos poucos, saboreando o que encontra pela frente, “lambendo calmo”, “comendo chão” (BARATA, Anexos, p. 151).

Na quarta estrofe, o poeta retoma as recomendações feitas na primeira estrofe, que, prevendo que a enchente vai ser grande, pois “não é cheia só pru gasto” (BARATA, Anexos, p. 151), insiste que seus companheiros tomem as providências, que urgem diante da cheia que se apresenta. “Corre, corre Zé Basto,/ corre no pasto,/ junta o que é teu./ E te açulera Celecindo,/ as águas vêm vindo” (BARATA, Anexos, p. 151).

E para justificar sua inquietação, na quinta estrofe, o eu poético enumera os estragos causados pela enchente nos lugarejos por onde passou, mostrando-se desesperado com a tragédia que se pronuncia. Relata os prejuízos das pessoas que já foram surpreendidas pela cheia: “Disque no São Raimundo/ um curral no fundo amanheceu./ E que nas Três mulatas/ Das trinta vacas/ Já dez morreu. /Disque no Salé/ sucuriju e jacaré/ come o que qué/ e no estirão do Nhamundá,/ só vendo lá,/ não sobrou juta nem pru chá”. (BARATA, Anexos, p. 152).

Ele prossegue, enumerando os prejuízos causados pela cheia, acrescentando as mazelas e doenças, que acompanham a inundação, que “vem de piracema, no subir das água”. (BARATA, Anexos, p. 152), causando-lhe dor por não dar indícios de que vai parar.

Na última estrofe, o poeta mostra a aflição dele, na apelação para o Senhor Bom Jesus e para a Virgem da Conceição, que o socorram da situação tão desesperadora que se aproxima com a enchente.

Encerra o poema com a retomada da primeira estrofe, onde o eu poético conclama aos companheiros que ajam rápido para salvarem o que podem da enchente do rio que se aproxima. “Corre, corre Zé Basto,/ corre no pasto,/ junta o que é teu./ E te

açulera Celecindo,/ as águas vêm vindo/ os tesos sumindo./ (Valha-nos Deus!)” (BARATA, Anexos, p. 153).

3.9 AULA 9 – LEITURA DO POEMA “LARGO DO RELÓGIO” DE JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO

3.9.1 Conversa com os alunos

Iniciamos as atividades de pré-leitura, pedindo aos alunos que citem de elementos e situações, que marcam os tempos presente, o passado e o futuro. Indagamos se eles já estiveram ou passaram pelo Largo do Relógio, que fica na área comercial de Belém, e solicitamos, aos que já viram, que descrevam o local.

Após a conversa, entregamos cópia do poema “*Largo do Relógio*” (LOUREIRO, Anexos, p. 154), apresentamos o livro *Altar em chamas* e outros poemas, de onde ele foi retirado e damos informações sobre João de Jesus Paes Loureiro, autor do poema.

3.9.2 Introdução do autor e do poema

O poeta João de Jesus Paes Loureiro nasceu em Abaetetuba, Pará, em 26 de junho de 1939. Professor de Estética, História da Arte e Cultura Amazônica, na Universidade Federal do Pará.

Mestre em Teoria da Literatura e Semiótica, PUC/UNICAMP/São Paulo, e Doutor em Sociologia da Cultura pela Sorbonne, Paris, França. Possui diversas obras publicadas, como o livro “*Cultura amazônica - Uma poética do imaginário*”, tese de doutoramento na Universidade de Paris V (Sorbonne, França).

Parceiro como poeta de vários compositores paraenses, tais como Wilson Dias da Fonseca. Doutor em Sociologia da Cultura e mestre em Teoria Literária e Semiologia. Prêmio de melhor livro de poesia em 1983, pela Associação de Críticos de Arte, com o livro “*Altar em chamas*”.

3.9.3 Leitura e discussão do poema

Iniciamos a leitura do poema, de forma silenciosa. Em seguida, fazemos a leitura do poema em voz alta, procurando marcar a entonação e o ritmo, de forma que o aluno perceba a cadência própria de um poema. Em seguida, realizamos, em conjunto, a leitura do poema em voz alta.

Dividimos os alunos em cinco grupos para realizarem a leitura do poema. Para cada grupo indicamos um dos seguintes sentimentos: tristeza, alegria, surpresa, agonia e indiferença. O grupo escolhe um aluno, que fará a leitura do poema exprimindo o sentimento determinado para seu grupo.

Indagamos aos alunos as dúvidas sobre o vocabulário do poema, buscando elucidar o significado das palavras citadas através do contexto e, em seguida, buscamos auxílio em dicionário para as palavras cujo significado não foram descobertos.

Em seguida, solicitamos aos alunos que exponham suas impressões gerais sobre o poema, conversamos com eles a respeito do título do poema e os convidamos a analisar o poema oralmente, explorando verso a verso ou estrofe por estrofe.

Cada aluno destacará oralmente a estrofe ou o verso do poema de que mais gostou, explicando o motivo da escolha.

A atividade é finalizada com uma excursão à Praça do Relógio, com o objetivo de fotografarem-na e construir um painel com o poema ilustrado com fotos dos elementos da Praça. O painel é exposto no ambiente escolar.

3.9.4 Análise, a partir da leitura do poema

O poema “*Largo do Relógio*” possui treze versos, organizados em três estrofes. O poeta já anuncia no título do poema, que se trata de uma descrição poética do “*Largo do Relógio*”, pequena praça, com um belo relógio em seu centro, que fica no comércio de Belém, às margens da Baía do Guajará, no Ver-o-Peso.

Na primeira estrofe, ao caracterizar o local como uma “praça cheia de horas” (LOUREIRO, Anexos, p. 154), percebemos uma referência metafórica ao relógio. O tempo é elemento fundamental no poema, tempo que passou, tempo que vai chegar, tempo que passa rápido para os que passam apressados por ali, atrasados para algum compromisso, tempo que se arrasta para os enamorados, que sentam nos bancos ou namoram nas sacadas dos casarões antigos, que ficam ali próximo.

Nos bancos, que não podem se expressar, que são afásicos, pessoas solitárias travam diálogos internos, aproveitando o silêncio da praça para conversarem consigo mesmas.

E da praça observam do outro lado nos sobrados antigos, revestidos de azulejos, as sacadas e as calçadas. Enquanto isso, os namorados inundam o ambiente de amor que por ali, voa “de alto a baixo” (LOUREIRO, Anexos, p. 154).

3.10 AULA 10 – LEITURA DO CONTO “*PROMESSA EM AZUL E BRANCO*” DE ENEIDA DE MORAES

3.10.1 Conversa com os alunos

Iniciamos as atividades de pré-leitura, solicitando aos alunos que falem a respeito de sua infância e de suas relações com as pessoas mais velhas da família deles.

Após a conversa, entregamos cópia do conto “*Promessa em azul e branco*” (MORAES, Anexos, p. 155), apresentamos o livro “*Aruanda*”, de onde ele foi retirado e damos informações sobre Eneida de Moraes, autora do conto.

3.10.2 Introdução do autor e do conto

Eneida de Villas Boas Costa de Moraes nasceu em Belém do Pará, em 23 de outubro de 1904. Foi jornalista, escritora, militante política e pesquisadora brasileira. Ainda criança, participou de um concurso de jovens escritores, obtendo o primeiro lugar, com um texto que falava do imaginário de um caboclo amazônida.

Durante os anos 20 e 30, colaborou em jornais como o Estado do Pará, Para Todos (RJ), e nas revistas Guajarina, A Semana e Belém Nova. Em 1930, fixou residência no Rio de Janeiro, onde iria filiar-se ao Partido Comunista do Brasil (PCB). Envolveu-se nas revoluções de 1932 e 1935, que resultou em 11 prisões durante o Estado Novo, além de torturas, clandestinidade e exílio. Na prisão, conheceu Olga Benário e Graciliano Ramos, que a imortalizou em Memórias do cárcere.

Atuou como jornalista profissional em periódicos partidários e da grande imprensa, nas funções de repórter e de cronista. Publicou 11 livros e várias traduções.

Entre os livros publicados, estão “*Terra verde*”, em 1929; “*Cão da madrugada*” e “*Alguns personagens*”, em 1954; “*Aruanda*”, em 1957; “*História do carnaval carioca*”, em 1958; “*Caminhos da terra: URSS, Tchecoslováquia*”, “*China e Copacabana: história dos subúrbios*”, em 1959; “*Banho de cheiro*”, 1962; “*Molière narrado para crianças*”, em 196. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de abril de 1971.

3.10.3 Leitura e discussão do conto

Iniciamos a leitura do conto, de forma silenciosa. Em seguida, fazemos a leitura do conto em voz alta, de forma cadenciada, marcando pontuações, pausas e ritmo de forma que o aluno perceba essas nuances do conto.

Depois os alunos fazem a leitura do conto em voz alta, com cada aluno lendo um parágrafo ou uma frase do conto. Dividimos a turma em grupos para que eles realizem a leitura dramática do conto.

Em seguida, solicitamos aos alunos que exponham suas dúvidas sobre o vocabulário, buscando elucidar, em conjunto, com a turma o significado das palavras citadas através do contexto e, em seguida, buscamos auxílio em dicionário para as palavras cujos significados eles não conseguiram elucidar.

Solicitamos aos alunos que exponham suas impressões gerais sobre o conto. Após essa conversa, pedimos aos que relatem casos reais, que conhecem, a respeito de promessas cumpridas ou não.

Em seguida, organizamos um debate entre os alunos a respeito da proibição do choro, apresentada no conto.

Retomamos a leitura do parágrafo do conto em que ocorre a invasão da casa da personagem pela polícia, e conversamos com os alunos a respeito desse período na história do país, instigando-os a expressarem sua opinião a respeito da ditadura.

A atividade com o conto pode ser encerrada com a exibição do curta-metragem “*Promessa em Azul e Branco*”, produzido pela ZFilmes.

3.10.4 Análise, a partir da leitura do conto

No conto “*Promessa em azul e branco*”, Eneida narra a história de uma menina, cuja avó fez uma promessa à Nossa Senhora de Nazaré, de que ela só vestiria vestidos nas cores azul-claro e branco até completar quinze anos, como agradecimento à saúde recuperada de seu pai.

O conto inicia com um diálogo travado entre uma menina e a mãe dela, em frente a uma vitrine de loja de roupas infantis, presenciado pela personagem-narradora da história. Ela critica a atitude da mãe, que impõe, de forma ríspida, sua vontade à filha, argumentando que os adultos não sabem falar com crianças, e, então, nasce em seu espírito uma grande vontade de recordar seus vestidos de infância. Questiona-se a respeito do porquê estar-se incomodando com a situação ali presente entre mãe e filha que não conhece.

A narradora continua, dando voz aos questionamentos da personagem, que se pergunta:

Por que sou capaz de lembrar assim fatos de épocas longínquas? Por que a qualquer momento uma estória qualquer se presta à ressurreição de atos, vozes, gestos e até mesmo olhos, narizes, cabelos, mãos, coisas que nenhum retrato guardou e que tomaram parte ativa na minha vida passada? Por que está tudo assim tão gravado em mim? Nem sequer preciso fechar os olhos para encontrar figuras de minha

infância; nada preciso para recompor hoje - tantos anos depois - gestos, palavras, comportamentos. (MORAES, Anexos, p. 155)

E prosseguindo em seus questionamentos, a personagem duvida de suas lembranças, perguntando-se se realmente viveu realmente tudo o que relembrava. A narradora prossegue, conduzindo a personagem na narração de suas lembranças de infância. Presenciar aquele diálogo provocou nela um desejo de reviver um trecho de seu passado, então ela conta a respeito do dia em que questionou a sua mãe a respeito de só vestir-se com roupas nas cores azul-claro e branco. A mãe conta-lhe sobre a promessa da avó e ela questiona o fato de ter que se vestir assim até os quinze anos. Nesse ponto, a narradora, por meio da personagem, faz uma reflexão a respeito da efemeridade do tempo e da ideia que se tem da velhice quando se é tão jovem.

A personagem continua, lembrando que, desde criança, lhe ensinaram que chorar é uma covardia, e esse ensinamento é ilustrado com uns versos de um soneto composto pelo avô, que sempre o citava e que surge novamente, em diversos momentos da narrativa:

"porque um soldado não chora / venham os maltratos embora / seu peito dilacerar." O soneto - também só soube mais tarde - é ruim, mas quando surgia em qualquer um de nós a vontade de extravasar sentimentos ou manhas com lágrimas, o soneto ruim vinha com efeitos terapêuticos exigindo dignidade e tanta coragem que chegamos a odiá-lo. Para não ouvi-lo engolfamos lágrimas, nunca chorávamos, nunca choramos; antes da lágrima nascer, nós mesmo começávamos a repetir: "porque um soldado não chora"(MORAES, Anexos, p. 156).

Ao reclamar novamente para sua mãe a obrigação de ter que cumprir a promessa até os quinze anos, ouve desta uma bela justificativa, com argumentos repletos de carinho pelo gesto da avó da menina e com uma estratégia em relação às cores de vestidos, com a seguinte proposta:

Vamos fazer uma coisa: não pensar que existem vestidos verdes, amarelos, vermelhos. Faz de conta que só existem vestidos brancos e azul-claros. Você os terá todos, muitos, quantos quiser. Esqueça que eles são obrigação e pense que são amor. Imagine quando você puder vesti-los de outras cores como vai ser bom. Imagina você com quinze anos, de vestido verde. Não vai ser ótimo? E a coragem, hein? Que beleza a coragem que você terá, usando apenas azul e branco. (MORAES, Anexos, p. 156)

A narradora prossegue a narrativa, mostrando que a menina, provavelmente por causa dos argumentos convincentes da mãe, segue vivendo sua vida, de forma alegre e divertida, como uma criança feliz, cheia de imaginação e sonhos pueris, afirmando que não valia a pena sofrer por causa da cor dos vestidos diante de uma infância tão bela.

Um dia, a avó morre e a mãe escreve-lhe uma carta informando-lhe o ocorrido e dizendo que ficaria a critério da menina continuar ou não com a promessa. Neste ponto, percebe-se uma referência aos reais acontecimentos de perseguição política, que Eneida sofreu, por causa de sua militância, quando a personagem fala da importância que tinham para ela as cartas escritas pela mãe e que em uma revista na casa dela foram levadas pela polícia:

Possuí durante muito tempo essas cartas de minha mãe, escritas para o internato onde eu crescia. Sempre as escondi, amei-as com um exagerado ciúme, o mesmo ciúme que tenho dos meus livros, dos retratos, das cartas de meus amigos. Andavam comigo empalidecendo numa caixa de macaúba rajada. Possuí essas cartas muito tempo, até que um dia - outro dia de há vinte anos - a polícia invadiu minha casa. Queria papéis importantes, muito importantes, que eu devia possuir. Havia resolvido fazer-me heroína à força. Papéis importantes, planos de subversão da ordem (que ordem?) não existiam, naturalmente. Então, na fúria que marca os homens da polícia sempre, levaram aquelas cartas que eu guardava com tanto amor, que escondia com cuidado, muito cuidado, que reli muitas vezes sentindo sempre, como da primeira vez que o fizera, um nó na garganta, um bater apressado de coração enquanto uma voz repetia: "porque um soldado não chora" (MORAES, Anexos, p. 158).

A personagem resolve deixar de lado a promessa ao deparar-se com um belo vestido azul-marinho em uma vitrine, único vestido do qual se lembra de sua infância. A promessa foi esquecida. No entanto, a personagem afirma que, ao contrário do que esperavam que fosse sua reação, gostava muito de branco e azul-claro. Retorna, então, para a cena, que presenciou no início do conto, perguntando-se onde ela se encontraria agora e se por acaso vestia a roupa que odiou antes de possuir. E encerra o conto, lembrando “Como foram bonitos os meus dias vestidos de branco, parecidos com os dedos longos e rosados de minha mãe apontando caminhos! Com aquele vestido azul-marinho começou uma outra etapa de minha vida; nasceu minha vaidade”.

Considerações finais

Ao iniciar a construção das atividades de leitura do texto literário brasileiro da Amazônia paraense, a partir de poemas e contos dos séculos XIX e XX, para a terceira etapa do ensino fundamental da educação de jovens e adultos (EJA), a primeira dúvida que tivemos foi quanto à recepção por parte dos alunos. Nosso receio era de que eles não gostassem dos poemas e contos que estávamos selecionando. Na época lemos mais de cem textos para escolher os primeiros cinquenta, que constituiriam o projeto inicial, e, a partir desses cinquenta, chegamos aos dez, cinco poemas e cinco contos, que utilizamos para a elaboração das dez aulas, que apresentamos nessa dissertação.

Se tínhamos dúvidas e estávamos inseguros quanto aos textos literários, que apresentaríamos aos alunos, essa insegurança se dissipou logo na primeira aula quando apresentamos o poema “*Ver-o-peso*” do poeta paraense Max Martins. Eles ficaram envolvidos com o poema, desde a primeira leitura, que fizemos para eles. E o envolvimento deles continuou nos textos seguintes. Benedicto Monteiro, contista paraense, autor de “*Carro dos Milagres*”, conto extenso, quase uma novela, que lemos, durante várias aulas, deixava-os encantados, ao ponto de reclamar quando o barulho na área externa da sala de aula atrapalhava a leitura do conto.

Emocionaram-se com o poeta paraense Antônio Tavernard, ao lermos o poema “*Prece de Natal*” e divertiram-se com a palavra “marimbondo”, ao conhecerem o poema “*Batuque*”, do poeta Bruno de Menezes, e depois perceberam que se tratava de um poema que levava a uma reflexão a respeito da escravidão negra, que fez parte da história do Brasil e se envolveram nessa discussão.

Perceberam-se na personagem principal do conto “*Zeus ou a menina e os olhos*”, da contista paraense Maria Lúcia Medeiros, pois, assim como eles, a personagem também tinha suas queixas contra a escola em que estudava. Enfim, conscientemente ou não, eles vivenciaram cada poema e cada conto que lemos, nas atividades de leitura do texto literário brasileiro da Amazônia paraense.

Certa vez, numa sexta-feira, em que teríamos só uma aula com a turma, exatamente a última da noite, de 21h55 às 22h30, eles não tiveram nenhuma das outras aulas, e como estávamos ministrando aula em outras turmas, não pudemos antecipar a deles, então, quando chegamos na porta da sala deles, fomos recebidos por um aluno com a seguinte fala “Professora, só fiquei até agora porque é a sua aula. A sua aula é divertida, a gente lê histórias interessantes e podemos falar o que pensamos, nas outras

temos que ficar calados”. Nem todos os alunos ficaram esperando, porém a maioria estava ali, não por nossa causa, mas pelo prazer que a leitura daqueles poemas e contos estava causando neles, sem até que eles mesmos percebessem.

Uma outra situação interessante, que aconteceu nessa turma, foi que lá pela terceira ou quarta aula em que estávamos realizando a discussão a respeito das observações deles sobre o texto lido, um aluno, referindo-se a um colega de quem, nas primeiras aulas, nós sempre chamávamos a atenção porque ficava bagunçando ou fazendo piadinhas, que atrapalhavam as atividades, fez a seguinte observação: “Professora, só a senhora mesmo para fazer o D. participar da aula, prestar atenção no texto e falar sobre ele sem ficar fazendo ‘gracinhas’. Ou seja, o aluno D. mudou de comportamento e passou a participar das atividades de leitura, o que foi perceptível para os colegas.

Acredito que essa mudança de atitude não só de D., mas da maioria da turma se deva à natureza das atividades de leitura que estávamos desenvolvendo, pois foram atividades que os levaram à reflexão a respeito de si mesmos e do mundo que os rodeia. Tiveram oportunidade de dar voz às suas inquietações, interagir com os colegas e com a professora em uma troca de experiências, que proporcionou muita aprendizagem a todos, incluindo a nós, que passamos a conhecê-los um pouco mais, a partir da fala deles e nos mostrar bem mais próximos deles do que seríamos sem os momentos de leitura e reflexão, que vivenciamos juntos.

Creditamos também às aulas de leitura do texto literário brasileiro da Amazônia paraense o bom índice de frequência e a permanência da maior parte da turma na escola, pois, se em anos anteriores, turmas da mesma série terminavam o ano letivo, com menos de 50% dos alunos frequentando, no ano de 2014 encerramos com mais de 70% dos alunos dessa turma frequentando as aulas.

Então, podemos considerar positivo o resultado do trabalho, que foi sobre Literatura, mas que é de Língua Portuguesa, disciplina responsável pelo ensino da leitura e escrita, pois percebemos na prática, na frequência, a permanência deles na escola. As atividades de leitura do texto literário brasileiro da Amazônia paraense culminaram numa mudança de comportamento dos alunos e também num bom desenvolvimento no processo de produção de texto, que não apareceu nessa dissertação porque a atividade proposta foi a de leitura, mas deu resultado na melhoria da produção escrita, na frequência, na permanência em sala de aula e na aprovação final, que foi de

93% dos alunos da turma, que encerraram o ano letivo de 2014, na disciplina Língua Portuguesa.

O trabalho que realizamos representa uma resposta ao anseio que possuíamos em tornar nossas aulas mais atraentes, ao mesmo tempo em que pudéssemos proporcionar aos nossos alunos o acesso à literatura, em particular, aos textos literários produzidos no Pará. O PROFLETRAS nos oportunizou a reflexão a respeito de como conduzir as aulas de leitura, de forma que os alunos fossem atores na construção de seus próprios conhecimentos.

Há algum tempo, pensar em uma aula que fosse integralmente ocupada com a leitura de um texto em sua totalidade, estava fora de nossos propósitos. Afinal, a ideia que tínhamos era a de que, com aulas assim, estaríamos tomando o tempo que seria necessário para cumprir conteúdos programáticos. Entretanto, após a aplicação de nossa proposta, percebemos quão enriquecedoras foram as aulas que dedicamos para a leitura dos textos literários na íntegra, em sala de aula. Passar várias aulas dividindo a leitura de contos e poemas com nossos alunos foi uma experiência muito boa, que, certamente, ficará marcada na memória deles, assim como nos marcou profundamente.

A partir dessa experiência, estamos convictos de que é necessário investir o tempo de sala de aula com atividades de leitura, principalmente de leitura de textos literários, entre eles, os produzidos no Pará, pois o resultado da aplicação de nossa proposta, na turma de terceira etapa da Educação de Jovens e Adultos com a qual trabalhamos, é a prova concreta de que esse é o caminho certo.

Nestas considerações finais, damos voz, também, aos alunos, fonte de inspiração e principais atores das atividades de leitura apresentadas nessa dissertação de mestrado.

Encerrado o desenvolvimento das atividades de leitura do texto literário brasileiro da Amazônia paraense, reunimos os alunos para uma avaliação oral a respeito do trabalho com os textos literários de autores paraenses, e descrevemos, a seguir, a impressão relatada por alguns deles.

A reação dos alunos às atividades foi bastante positiva. O aluno G. S. falou que gostou muito do poema “*Ver-o-peso*”, achou interessante pelo fato de o poema tratar da vida de pescadores, falando da luta que eles travam no mar, enfrentando sol e chuva para conseguir o peixe que eles vendem para “tirar o seu sustento”, mesmo sendo tão barato.

Sobre o conto “*Carro dos Milagres*”, o aluno achou impressionante o fato de a personagem ter sido tão irresponsável em beber antes de pagar uma promessa feita pela mãe dele, mas que, mesmo bêbado, conseguiu um feito que o próprio aluno reconhece não ser capaz de fazer, mesmo lúcido.

Quanto ao poema “*Batuque*”, o que impressionou G. S. foi o fato de, mesmo sendo uma época de muito preconceito, as mulheres negras amamentavam os filhos de seus senhores, e a junção de luta e dança, que faziam na capoeira como forma de se preparar para a própria defesa sem que seus senhores desconfiassem. Quanto ao poema “*Prece de Natal*”, ele achou triste, entendeu que o eu poético passava por conflitos pessoais. Ele identificou-se com a personagem principal do conto “*Zeus ou a Menina e os Óculos*”, pois alguns anos antes preferia trabalhar a ir para a escola, mas critica pais que deixam crianças trabalharem para ajudar no sustento da casa.

O aluno M. S. falou que gostou de saber que o Pará tem bons escritores. Por ser negro, ele identificou-se com o poema “*Batuque*” por mostrar a cultura e danças dos escravos e por mostrar que eles tinham que esconder o que sentiam como, por exemplo, a negra disfarçar a sua dança em ataque de marimbondos. Elogiou a linguagem popular que Max Martins empregou no poema “*Ver-o-peso*”. Gostou muito do poema “*Prece de Natal*”, por tratar de paz, felicidade e falar do passado e do futuro.

O aluno T. J. afirmou que achou muito boa a disciplina de Língua Portuguesa no ano de 2014 porque “falamos” dos escritores do Pará. Destacou o conto “*Carro dos Milagres*”, pois gostou da descrição da Basílica. Achou engraçada a palavra “marimbondo”, que aparece no poema “*Batuque*”; e afirmou que, de todos os textos trabalhados, o que mais gostou de ler foi o poema “*Ver-o-peso*”, por tratar de pessoas que acordam cedo para poder ajudar suas famílias.

O aluno R. N. achou bom cada um dos sete textos que “passaram por nós”, pois cada um falava de um assunto interessante. Ele afirmou que aprendeu muita coisa, que não sabia, e acredita que vai servir para algo que vai realizar no futuro e, principalmente, com algum emprego e outras situações que virão. Destacou o conto “*Zeus ou a Menina e os Óculos*” por ter adorado o fato de a personagem preferir ficar no restaurante a ir à escola. A aluna R. B. afirmou que achou interessante o trabalho com os textos, principalmente, porque aprendeu muito. Destacou o poema “*Ver-o-peso*” por mostrar como é difícil a vida do pescador, e o conto “*A Serenata de Schubert*”, por contar a história de uma pessoa que estava em outro estado, e, ao ouvir uma música, lembrou-se do Pará.

A aluna L. A. achou muito boas as leituras, afirmando que elas “mexeram” muito com ela, principalmente o conto “*Amor de Maria*” por tratar-se de um amor que acabou numa tragédia. O aluno M. M. falou que achou os textos muito “legais” e que gostou muito do poema “*Prece de Natal*” porque é um poema que fala sobre Jesus Cristo. A aluna A. B. afirmou que gostou muito de conhecer um pouco cada história, principalmente por serem de autores paraenses. Gostou de saber que aqui no Pará existem muitos escritores competentes e que trabalham muito bem, escrevendo histórias interessantes. Destacou o conto “*Zeus ou a Menina e os Óculos*” porque a protagonista não deixa perceberem que fica entediada com a escola e sua preferência pelo restaurante em que fica aos sábados; o conto “*A “Serenata” de Schubert*” porque, assim como a personagem, ela também gosta de lembrar-se do passado quando ouve algumas músicas; o poema “*Prece de Natal*”, porque fala de paz, de amor e do Menino Jesus; e do conto “*Amor de Maria*”, porque a personagem envenenou o rapaz por engano, pensando que ele ia se apaixonar por ela quando bebesse o chá.

O aluno D. G. falou que ficou muito impressionado com os textos, pois nunca havia lido na igual. Destacou o poema “*Ver-o-peso*” porque não sabia que a vida de pescador era tão difícil, que eles passavam tantas dificuldades. O aluno F. N. afirmou que gostou muito dos textos, principalmente do poema “*Ver-o-peso*”, pois desconhecia como é triste a vida de uma pessoa que não sabe se vai comer no dia seguinte sem poder dar uma vida digna para sua família. Sobre o poema “*Batuque*”, destacou como era sofrida a vida dos negros antigamente, quando a empregada tinha que mentir para poder dançar, tendo que falar que era marimbondo. Gostou também do poema “*Prece de Natal*”, pois entendeu que o eu poético tinha muita fé em Jesus, pois pedia muita paz para quando morresse ele fosse de consciência limpa, sabendo que não deixou coisas pendentes.

Consideramos o resultado do desenvolvimento das Atividades de Leitura do texto literário brasileiro da Amazônia paraense bastante positivo, pois enriqueceu as atividades de leitura em sala de aula, ao mesmo tempo em que proporcionou aos alunos da terceira etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola estadual de Ensino Fundamental e Médio a oportunidade de conhecer alguns escritores paraenses dos quais eles não tinham conhecimento.

Costumamos dizer que não necessitamos de planos “mirabolantes” para resolver o problema de leitura de nossos estudantes: basta dar-lhes a oportunidade de ler, e é isso que propomos nessa dissertação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- BARATA, Ruy Guilherme Paranatinga. *Linha Imaginária*. Belém, Edições Norte, 1951.
- BELINTANE, Claudemir. *Vozes da escrita: em tempos de crianças e menestréis*. Estilos da Clínica, 2008, vol. XIII, n. 25, p. 36-51.
- BOSI, A. (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. Secretária de Educação Fundamental: *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília: A Secretaria, 2001.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. 2 ed. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1980.
- _____. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- CARVALHO, J. Marques de. *Contos do Norte*. Belém: Editor - Alfredo Augusto Silva, 1907.
- _____. *Contos paraenses*. Belém: Pinto Barbosa & C. Editores, 1889.
- _____. *Entre as nymphaeas*. Buenos Aires: Arnoldo Moen – editor, 1896.
- CEIA, Carlos. *O que é ser professor de literatura?* Lisboa: Edições Colibri, 2002.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014.
- FAUSTINO, Mário. *Poesia-experiência*. Benedito Nunes (org.). São Paulo: Perspectiva, 1977.
- FERREIRA, Marcela. *Literatura e imprensa: os contos de Inglês de Sousa nos periódicos*. (Enviado para publicação) 2015.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores associados/Cortêz, 1988.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidade, desafios e perspectivas*. 2004. In: Caderno de Textos. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006. P. 75-81

FUNARI, Sueli. *Caminhos da educação de adultos no município de São Paulo: o livro didático e a abordagem do texto literário*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

HOHLFELDT, Antonio Carlos. *Conto brasileiro contemporâneo*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1981.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*, volume 1. São Paulo: Editora 34, 1996.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6 ed. São Paulo: Ática, 2005.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Do coração e suas amarras*. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

_____. *Obras reunidas: Poesias. volume I*. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

MARTINS, Max. *Anti-Retrato*. Belém: Gráfica Falângola, 1960.

_____. *Caminho de Marahu*. Belém, Grapho/Grafisa, 1983.

_____. *Poemas Reunidos, 1952 – 2001*. Belém: EDUFPA, 2001.

MASSAUD, Moisés. *A criação literária: prosa – I*. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

MEDEIROS, Maria Lúcia. *Antologia de contos*. Belém: Editora Amazônia, 2003.

_____. *Céu Caótico*. Belém: SECULT, 2005.

_____. *Zeus ou a menina e os olhos*. 2. ed. Belém: Supercores, 1994.

MENEZES, Bruno de. *Obras Completas - volume 1, Obras Poéticas*. Belém: Secretaria Estadual de Cultura: Conselho Estadual de Cultura, 1993. (Lendo o Pará, 14).

MONTEIRO, Benedicto. *O carro dos milagres*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Cultura, 1980.

MORAES, Eneida de. *Aruanda: banho de cheiro*. Belém: SECULT/FCPTN, 1989.

NASCIMENTO, Maria de Fátima do. *Benedito Nunes e a moderna crítica literária brasileira (1946-1969). Vol I.* Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012.

_____. *Benedito Nunes e a moderna crítica literária brasileira (1946-1969). Vol II.* Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, Alfredo. *Ruy Guilherme Paranatinga Barata.* Belém: Editora Cultural CEJUP, 1990.

RIOLFI, C. et al. Capítulo 8. Especificidades do ato de ensinar e aprender a escrever. In: *Ensino de Língua Portuguesa.* São Paulo: Thomson Learning, 2008. P. 113-133.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.* 11. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SOUSA, Inglês de. *Contos Amazônicos.* Belém: EDUFPA, 2005.

TAVERNARD, Antônio. *Obras reunidas - Volume I – Poesias.* Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1986.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura.* 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1991.

ANEXOS

VER-O-PESO²

A canoa traz o homem
a canoa traz o peixe
a canoa tem um nome
no mercado deixa o peixe
no mercado encontra a fome

a balança pesa o peixe
a balança pesa o homem
a balança pesa a fome
a balança vende o homem

vende o peixe
vende a fome
vende e come

a fome
vem de longe
nas canoas
ver o peso

come o peixe
o peixe come

- o homem?

o homem não come
come o homem
compra o peixe
compra a fome

vende o nome
vende o peso

- peso de ferro

² MARTINS, Max. Poemas reunidos: 1952-2001. Belém: Ed. da UFPA, 2001. p. 307.

- homem de barro

pese o peixe
pese o homem
é a fome
vem do barro
vem da febre
(a febre vê o homem)
veja a lama
veja o barro
veja a pança

o homem
come a lama
lambe o barro

ver o verde
ver o verme
o verme é verde

está na lama
está na alma
é só escama
a pele do homem

está com fome
vê o peixe
vê o prato
não tem peixe
tem fome
a fome pesa
o peso da fome
peça por peça
pese o peixe
deixe o peixe
veja o peso

peixe é vida
peso é morte
homem é fome
peso da morte
peixe de morte
a sorte do peixe
é o peso
azar do homem

pese o peixe
pese o homem
o peixe é preso
o homem está preso
presa da fome

ver o peixe
ver o homem
vera morte
vero peso.

ZEUS OU A MENINA E OS ÓCULOS³ de Maria Lúcia Medeiros

Passeava pelas mesas nos fins-de-semana apenas. Só aos sábados penetrava no cenário das toalhas xadrez, dos pratos de rosinhas, dos copos coloridos de suco.

Antes disso, guardava qualquer cenário dentro da pasta escolar, junto às canetas, aos cadernos e aos papéis coloridos de “sonho de valsa”.

Desenhava, cantarolando, as espessas sobancelhas da professora, debruçada na carteira da escola. Enjoava. Entediava-se.

Não acreditava no Arroio-Chuí. Não conseguia viajar pelos afluentes da margem esquerda nem atravessar depois para a margem direita. A professora era feia. A cor da saia da professora era feia. O giz colorido era úmido e não desenhava o cachorro de coleira e sapatos.

Voltava pra casa com o sol a pino, suor escorrendo pelas costas, vontade de fazer xixi, em meio às pastas, sacolas e folhas de cartolina, no meio dos irmãos, no banco traseiro, no Volkswagen azul do pai.

Gostava de banana quando ela já ia ficando passada com uns pontos pretinhos na casca. Ficava mais doce, mais cheirosa, mas macia. Mas gostava de banana assim, sem entusiasmo como ouvia as conversas à noite na cozinha. Sem entusiasmo.

Roía as unhas nem que estivessem pintadas com o esmalte da empregada. Roía o esmalte, sim.

Foi por essa ausência de entusiasmo que começou a passear por entre as mesas, aos sábados.

Oferecia seus préstimos e a mãe, atarefada com os fregueses esperando, aceitava que ela passeasse por entre as mesas ajudando, conversando.

Equilibrando bandejas de *fayança* ela trazia os sucos e anotava as preferências: limão, abacaxi, limão de novo, laranja...

Botava também o aventalzinho xadrez, *like mumie*, e passeava.

O senhor grisalho que perguntava seu nome, o outro que queria saber o que ela havia aprendido de matemática, e a moça loura que brincava beliscando, de leve, o seu braço: “Oi menina!”.

E os copos tilintando, derramando, coloridos, gelados no calor de sábado.

³ MEDEIROS, Maria Lúcia. Zeus, ou, A menina e os óculos. São Paulo: Roswitha Kempf, 1988. p. 15.

Longe do pensamento, agora ocupado, ficava a professora, ficava a escola, o olho azul do menino que sentava ao seu lado nas aulas.

Agora reinavam as mesas, o xadrez das toalhas, o barulho da registradora. O cenário perfeito. As pessoas perfeitas. O sábado perfeito. – Qual o suco por favor? E a voz cálida, suave, vinha do freguês que tinha muita pena da menina que trabalhava aos sábados como gente grande.

Uma vez uma mulher espigada achou de lhe fazer perguntas: Qual a capital da Checoslováquia? E da Turquia? Qual o rio que banha Porto Alegre?...

Mas ela não ligava. Nem pras perguntas (que ela não sabia) nem pra mulher, nem pra nada. Ninguém ia saber daquele cenário preferido. Ninguém ia saber do sabor que tinha esperar o sábado sem aulas, sem notas, sem a chatice de ir e vir, sem vontade.

Para o sábado ela se guardava se dava inteira, menina ainda. Ninguém desconfiaria que a menina antes de penetrar no cenário tirava os óculos e, míope, percorria as mesas, vendo as silhuetas dos fregueses, não vendo nariz nem cílios.

Ninguém saberia que ela usava óculos de lentes claras e que ela dispensava a nitidez e algumas formas. Que era como se visse tudo pelas suas próprias lentes e mergulhasse assim no cenário agradável com cheiro de sábado, com imagem não muito nítida que ela recobria do jeito que bem entendia e queria sem medo, sem óculos, ela os usara sempre desde muito tempo, para ver melhor...

O CARRO DOS MILAGRES⁴ de Benedicto Monteiro

Olhe compadre, nem quero lhe contar a triste sina deste meu barco à vela feito de tala de miriti. Eu trouxe ele mas foi pra colocar no Carro dos Milagres.

Promessa feita e jurada ao pé da imagem de Nossa Senhora do Retiro, na noite de lua cheia, três noites depois do medonho temporal.

Tive que correr terra – o senhor pensa – pra cumprir dita promessa. E trazer com minhas próprias mãos, esta veleira copiada da finada canoa que o vento e a água reduziram a fanico na contracosta da Baía do Marajó. Só este criado seu escapou são e salvo por obra e graça de Deus e Nossa Senhora de Nazaré. Já não digo do forte vento, nem da furiosa chuva, nem dá medonha água, que se coliam com a noite e o raio pra fazer aquele poder de inferno no meio do caminho que a gente tinha que passar. A água não tem cabelo. E a triste noite era tão lisa e desconforme, que é a lua, as estrelas, a brisa andavam escondidas nos escuros escaninhos dos horizontes sem fim.

Eu mesmo não sei contar nada, depois que velas e mastros foram arrancados. Só sei que a canoa ficou totalmente desamparada no meio da mais negra escuridão. E só estou contandozinho esta história, porque fiquei agarrado num pau, horas e horas de bubuia, até que a maré vazante encalhou meu corpo entre raízes do mangue que fica bem na entrada do igarapé. Mas assim como a noite botou o inferno no meu caminho, o dia trouxe a Providência Divina pra me socorrer. Esse mesmo temporal medonho e desconforme pampeiro de chuva, vento e raio bateu ainda por-cima da maré cheia, pras nossas bandas, onde a minha velha mãe rezava e pensava na nossa canoa, que nesse exato momento devia de estar fazendo a desinfeliz travessia.

Ela, coitada, a pobre velha, não sabia se rezava pra Nossa Senhora se acendia a lamparina, se desamarrava a rede, ou se reparava a cumieira da casa que o vento paresque queria porque queria arrancar. Na noite se benzia no estralo do trovão, no clareio do relâmpago e corria na praia açoitada, pra tomar do vento em remoinho, a porta do japá.

A pobre velha – o senhor pensa – apesar de sozinha na barraca invadida pela chuva, inda teve o expediente de enfiar o quadro de Nossa Senhora entre as palhas da parede, que o forte vento não tinha conseguido despregar. Mas a rede, a branca rede, da minha velha mãe, tinha criado alma de vela e estava enfunada, por-força querendo

⁴ MONTEIRO, Benedicto. *O carro dos milagres*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Cultura, 1980. p.17

carregar com casca-e-tudo pro meio da procela e navegar paresque, em riba das enormes ondas rumo à perigosa travessia. Minha mãe diz: que se não encontrasse terçado, e cortasse a corda da rede, o pano branco voltaria ao seu antigo destino. Era muito capaz de transformar esteios, caibros, palhas e japás, numa jangada que, depois de afrontar os ventos, seria jogada numa distante praia sujeita somente às correntezas das marés. Certas coisas, meu compadre, – o senhor pensa – trazem guardado o seu destino. Um belo dia ou uma triste noite: rasgam o céu como um raio; aparecem de repente como uma estrela; brotam inocente como uma semente; ou explodem em vida como uma flor. Esse pano branco da rede da minha velha mãe era um pedaço da vela-mestra de uma canoa naufragada que meu finado irmão guardava num baú velho como lembrança de tanta luta pelo mar. Minha mãe se lembrou disso na hora da tempestade. Tratou de cortar a corda da rede, pra evitar que o pedaço-de-vela-feito-rede carregasse a barraca inteira pro meio do temporal. Coração de mãe – o senhor pensa? – nunca se engana. E na hora do maior perigo é sempre o que fala mais certo. A velha então, quando viu a rede-tufada-feito-vela, pensou logo na alma do meu irmão. E pensando no morto, rezou pelo vivo, que era eu e que estava no maior perigo na justa hora da mais difícil e aguniosa travessia.

Aí então, foi que surgiu a promessa deste barco. A rede foi cortada, o barco foi talhado, dias e dias armado e desarmado, assinzinho como o senhor está vendo: de pano de rede e tala de miriti. Todos dizem: que a minha vida, é o milagre desta promessa. Porque os outros tripulantes da canoa bateram o pacau. E devem de andar pelos cafundós do Judas servindo de comida pra piranha nos peraus dessa imensa baía.

Agora o senhor veja: abaixo de Deus e Nossa Senhora, foi meu finado irmão e minha velha mãe com sua promessa, que salvaram este-um, que está contandozinho esta história aqui em riba desta canoa ancorada na lama deste cais. Mas o senhor acha então, que só estes três tragos de cachaça que nós bebemos dá mesmo, no duro, pra fazer esta maior e dificurtosa travessia? Minha mãe me disse que eu tinha que botar este barco com as próprias mãos no Carro dos Milagres. Vigie só – tem que ser, meu compadre – no carro andando, no meio de todo o povo e nos pés da Virgem de Nazaré.

Já tive olhando pro carro parado no Largo da Sé, bem em frente à Catedral. Estava vazio de milagres, porque ainda era no lusco-fusco da manhã. O Carro, a-modo, representava um barco. O Tinhoso, o Demo, estava figurado em forma de veado. Um cavaleiro correndo atrás do cujo, freava o animal no espaço, cai-não-cai no precipício. A Santa aparecia meio pregada no céu, entre raios de ouro luzindo no estandarte. E queria-

porque-queria salvar o cavaleiro de cair no abismo. Abismo que também figurava como água, água que era mar, que era rio, que era igarapé, tendo uma canoa em terrível perigo de se afundar.

Mas quando dei por mim, chegava gente por todos lados: com-pouco a praça estava cheia. Os sinos das igrejas começavam a tocar. Mas o senhor que é caboco acostumado nestas festas sabe muito bem, que o Círio de Nossa Senhora de Nazaré não tem começo nem fim. A gente sabe que a procissão começa mesmo na Catedral e se finda na Basílica. Isso todo mundo pensa e diz: que o trajeto do Círio anda pelas ruas principais. – Mas meu compadre, vamo tomar mais um gole de cachaça? – Olhe, o certo mesmo, de saída e de chegada, ninguém pode asseverar. Os preparativos, acompanhamentos, dispositivos de pessoas gradas e gentes religiosas que constituem em ordem esta digna procissão, é coisa difícil, bem difícil de se acompanhar. Onde está o Padre, por exemplo? O Bispo? O Chefe de Polícia e o Governador, o senhor sabe? Desde que hora o povo está nas ruas esperando o Círio? Da véspera? Da ante-véspera? Donte? Dontonte? Desta noite ou des da manhã, o senhor sabe? E qual seja o digno trajeto, a passagem oficial dos peregrinos que vêm de todos os cantos para essa tamanha procissão? O senhor imagina que é nas avenidas que o Círio trafega até chegar no arraial? Isso, por mais que me bote a maginar não entra na minha mente, compadre velho. – Vamos tomar mais uma, uma proncha de cachaça com este pedaço de peixe-frito. – Olhe, esta farinha amarela, até que serve como tira-gosto, é obra dos cabocos do Acará. – Um gole, mais um gole, talagada bruta da maldita! – Não faça cara feia, meu compadre, que a Santa castiga! Mas o senhor acha que todo o povo que veio pro Círio está enchendo estas ruas? Esperando nas calçadas? Entupindo as igrejas? Esparramado nas praças e olhando das portas e janelas desses enormes edifícios? Olha eu, por exemplo, com este meu barco-a-vela que tenho na mão pra depositar no Carro dos Milagres, estou por acaso rezando? Cantando? Em comportamento justo de devoto promesseiro esperando a milagrosa Santa? Nem me arrenegue por causa disso, outros andam fazendo coisa muito pior. Olha o Jozias, o Sijismundo, o Zé da Praia, o Mané do Ó, que também trouxeram promessas pro Carro dos Milagres; Será que estão metidos no meio deste desconforme povo, ou já depositaram suas promessas ao pé da Virgem ainda no Largo da Sé? Nem diga, que esse mundão de gente que horas e horas passa na nossa frente, é o Círio propriamente dito. Cadê o Padre? O Bispo? O andor da Santa? Cadê o Carro dos Foguetes e a Berlinda? Sim, cadê o Carro dos Foguetes? As fanfarras? E cadê a cavalaria da Polícia Militar? Olhe, compadre, vamo tomar mais uma birita

dessa pinga boa, e deixa o Círio tomar forma. Beba este trago. Lhe juro que é cachaça da boa, deixa o povo ingrossar. Deixe tomar parecença e solenidade justa de uma digna procissão. Quando este poder de povo tiver unido-unido, carne-e-unha, ombro com ombro, cabeça com cabeça, esprimido nas paredes, que zolho não for mais zolho, cara não for mais cara, e cor não for mais cor... então é porque vem vindo o Carro dos Milagres. Não vá pensar que nessas horas, eu nem me mexa, estirado no baileu desta canoa. Papel desses, seu compadre não faz. Lhe juro que não fico que nem esse-um, aí do lado, que não guentou o baque da maldita e nem o Círio apreceia do fundo de sua cachaça, feito mulambo em riba do toldo da “flor do Arari”. Não, compadre, papel desses, seu compadre não faz. Cachaça pra mim é solavanco, é djutório perfeito, reforço desmedido de empreitada difícil, pra cair na água no lavar da malva, pra aguentar o bruto sol ardendo no espinhaço ou pra enfrentar qualquer perigo de maior trabalho sem rir e sem chorar.

Agora vigie só: o chão sumiu por um encanto! A rua ficou muito estreita de tanta gente. Nossa vista não abarca nem começo nem fim. Mundão de gente, meu compadre! Chegou a hora de entrar neste fordução. É agora e já, meu compadre, o senhor me acompanhe. Eu tenho que roer-uma-pupunha pra chegar no Carro dos Milagres, carregando este barco-a-vela por cima de tantas cabeças. Mas ele vai, lhe garanto que ele vai: ora suspenso no aperto do povo, ora imprensado, espremido, empurrado, pisado, varando gente, gente, gente, até chegar no ponto de botar o barco no carro andando. Evem ele! Evem ele dê do largo, recolhendo as promessas na procissão. Olhe, compadre, agora vamos beber a saideira, dupla talagada, reforçada, por-Deus! Definitivo trago, último, final! Porque o poder do povo está aumentando. – Veja bem: ninguém distingue mais uma pessoa inteira, completa total. A cor da roupa, a quem pertence? Pernas e braços, nem se fala... Evem! Evem Compadre, a cavalaria! Olha o piquete das fanfarras abrindo o cortejo do Carro dos Milagres. Agora! Agora está na hora de nós entrar no povo. E é já! Por favor não largue nem por um instante o rumo do barco-a-vela. Nem perca a direção do Carro dos Milagres. Preste atenção na cor da blusa. E olhe: qualquer coisa agarre. Agarre no cós da minha calça. Vombora! Vombora e já! Mas não patete, não trasteje! E trate sério: que evem o bruto Círio da Virgem Nossa Senhora de Nazaré.

Agora é que é: no meio deste povo, com este barco na mão, nem posso falar com o meu compadre. Se virar a cabeça pra trás, posso até perder o rumo da viagem. Posso até comprar briga-de-festa, pisando em falso na prancha dum vivente. Por Deus,

que eu não sei como vou tintear esse barco na mão por cima de ombros e cabeças. Qualquer descuido, pisar em falso, brusco impurrão, acocho, aperto, arrocho, onde de povo se espremendo, se empurrando, se imprensando... Ei! Compadre, me responda, ao menos responda, que eu quero ao menos ouvir o rumo da sua voz. Faça como naquela noite, que tivemos que atravessar com a água no peito o Igarapé da Mata na varja-alta do teso do Catauari. Trouxa de roupa na cabeça, facão e garrafa de cachaça na cintura, igarapé lambendo a ribanceira... O senhor se alembra quando a luz da lamparina mergulhou de vez na água daquela baixa? Foi medonho estrupício de sombras fugindo pelas quebradas da mata. Depois, a escuridão de bubuia borbulhando na lama. O rumo só era dado pela voz: oi! oi! oi! Basta responder como naquela noite no rumo da festa: oi! oi! Só mesmo os gritos descobriram o caminho e a distância que o escuro da noite acabava de esconder. Pisar na lama do fundo, meter o pé num buraco, topiar de chofre numa raiz, esbarrar num peixe, estremecer de choque e susto de puraquê; Isso tudo sem deixar a roupa-de-festa se molhar na água do rio. O senhor bem que se lembra dessa feita. Mas o senhor acha mais fácil ou muito mais difícil, que carregar na mão como promessa, por cima de tantas cabeças, este barco-a-vela de tala de miriti?

Não lhe disse, compadre, pra se agarrar no cós da minha calça? Agora é tarde, muito tarde. Sei que tenho que enfrentar sozinho essa ruma desconforme de gente. Será que esse pessoal danado, que cerca o Carro dos Milagres, vai mesmo deixar eu botar a minha promessa no devido lugar e com todo o respeito? Jogar por cima das cabeças paresque assim não serve. Pelo menos, não é conforme o prometido pela minha velha mãe. Pronto! Compadre, não lhe disse? Agora a vela do meu barco engatou num monte de balões! Minha Nossa Senhora! Lá vai a velazinha pindurada: monte de cores carregando um pedaço de vela! Eita pedaço de promessa! Eita pedaço de rede! Será que tu vai mesmo direitinho pro céu? Oh, velazinha branca armada na tala de miriti, quantas cores te carregam? Quantos céus te abarcam? Quantas nuvens te esperam? Eu sei que já correste no rio entre árvores e flores, já correste no mar voando sobre as ondas... já até ensaiaste carregar nossa barraca feito barco no arrocho do temporal. Qual será teu destino agora, nas asas deste vento, no meio de tantas cores e por cima de tantas cabeças?

Oh! Minha nossa senhora! Como é possível cumprir a sua promessa no meio deste povo. Se fosse pra chegar num brejo, passar no atoleiro, varar na mata escura, atravessar um rio a bado ou vencer um igapó, este seu criado e muito que devoto romeiro já tinha chegado a que tempo! Até com aturá de castanhola na costa, cambada

de peixe na vara, ruma de seringa no ombro, peso no ombro de duas postas de pirarucu, a senhora sabe que faço sem dificuldade qualquer travessia. Não tremo nem trastejo quando pulo em cima de um tronco de bubuia. E não sinto menor sobroço quando pesco em riba de lama gulosa fazendo ponte de toro de açai. Mas agora, eu sei que nem inteira vai chegar esta promessa, já que a velazinha branca os balões coloridos carregaram... Agora resta só o casco... nem sei se vale a pena pagar uma promessa assinzinha desfigurada. É o diacho: ter que forçar esta barreira de homens e polícias de braços dados, formada pra proteger o Carro dos Milagres que recolhe no caminho tanto padecer. Me ajude agora, Nossa Senhora, que eu vou passar neste tamanho aperto. A promessa que eu trago foi feita da maior angústia, no maior carinho e desespero, assim foi prometido em canto e reza em sobroço de alvoroço na mais angustiada devoção.

Pronto! Agora que aconteceu o pior: o barco escapuliu da minha mão. – Oh! Minha Nossa Senhora, estou quase desconfiado que o Demônio está solto neste meio. – Cadê o barco, cadê o barco, minha gente? Agora sem vela, sem tolda, sem mastro, sem leme, deve estar pisado que nem casca de banana. Não impurra, su mano, credo! Tenham modos. Nunca pensei que o Círio de Nossa Senhora fosse pior que o estouro da boiada, pior que cardume de peixe na malha da rede, pior que manada de búfalo solta no campo. Se um lote de cavalos estivesse passando por cima do meu corpo, talvez fosse menor o meu desespero.

Procurando meu barco, perdi até o tamanho da rua. Perdi a distância das sarjetas, a grandeza da cidade e a cor e o espaço do céu. Só vejo pernas, pés e braços, sapatos e calcanhares. Um povo de cintura para baixo caminhando sem parar. Oh, minha Nossa Senhora, me diga, me diga mesmo, que este ajuntamento de gente seja uma digna procissão. Perdi primeiro meu compadre. Depois, a vela enjambrada da rede pela minha velha mãe, os balões prenderam e carregaram. Finalmente, o barco, o barco caiu no meio do povo. E foi pisado e repisado por não sei quantos pés. Agora pedi o rumo e o destino da minha promessa. Afogado estou agora na onda deste povo. Mar de gente, gente que anda, que anda, que reza, que fala, que chora, que canta, que impurra, que grita, que pisa, que olha mas não olha, onde de povo andando, sempre andando, tropeçando, caminhando, ruas, casas, edifícios, foguetes, fanfarras, pés sobre pés, chão passando... para-não-para, anda-não-anda, para, pedras, paralelepípedos... meu Deus! Minha Nossa Senhora! Nenhum olhar, nenhuma cor, nenhum aceno de mão de gente conhecida, nenhum sinal de norte ou sul. O vento. Até o vento de onde vem? Para onde

vai? De onde foi? O rumo, onde está o rumo? Onde está? Onde é que está? Onde é que estou?

Se fosse ao menos na baía, de noite, me guiava pelo setestrela. Se fosse na mata fechada, me guiava pela cor das folhas, pela pegada dos bichos, pela direção dos ventos, pelo jeito dos paus. Mas nesse mar de gente, qual é o ponto? Qual é o rumo que possa me agarrar? Pernas e pés andando, andando. Braços e mãos balançando, balançando. Calças e saias passando, passando, ondulando, movimento, movimento, cores, cores, mar de gente, gente, gente... Onde está o céu azul? Gente de umbigo para baixo, sem ombros, sem cabeças, sem mantilhas e sem chapéus. Foi por acaso no céu azul que os balões sumiram com a velazinha pindurada?

Égua! Inda mais este aperto querendo fechar minha garganta. Credo! Te esconjuro, cachaça mal-arrumada! Te aquieta aí por baixo mesmo, que agora eu preciso demais desta cabeça pra saber onde é qu'estou. De pernas, nem tanto preciso: posso ir até ajoelhado pagando promessa, cumprindo penitencia pelo barco-a-vela que inútil, inútil se perdeu. Ah? Cachaça abaeté pura, queres mesmo derrubar será este velho conhecido? Bebedor afamado, duro na queda, seguro no copo, nunca, nunca jogado no chão. – Escolheste o povo para tanta testemunha. Porque escolheste o povo para tanta testemunha? – O Círio, a Santa, a manhã clara, a festa inteira da Virgem Padroeira, vão será ver a bruta queda destezinho aqui o teu comparsa? Não respeitas será a devoção do pobre para fazer tamanha desavença? Queres mesmo derrubar o céu azul na minha cabeça? Queres falsear pra mim até a linha do horizonte? Queres cavar buraco à-toa à-toa até embaixo dos meus pés? S'inda fosse de noite, no terreiro, ou na praia bem deserta, ainda desculpava esta zonzeira, esta tonteira, que aperta minha cabeça e fecha cada vez mais minha garganta. Parece que o povo todo já está de cabeça para baixo: pernas e pés, calças e saias, sapatos e sandálias marchando contra o céu.

Mas aqui, no meio deste povo, depois que perdi o meu compadre, depois que perdi minha promessa, que enxerguei bem pertinho, agarra-não-agarra, a Milagrosa Santa; e me perdi que me perdi – não, cachaça maldita – não desgraçada bebida, não sujeita aguardente. Má comparada consciência do Tinhoso: contigo eu luto! Luto que brigo, salto, piso, grito, choro que choro, mas não entrego este corpo, nem esta alma, que deviam de estar depositando santa promessa, no Carro dos Milagres, conforme o prometido desejo de minha velha mãe. Inda mais este maior aperto na garganta! Credo! Três vezes credo! Te esconjuro, péssimo vazio no estômago e maldito descontrole na cabeça!

Que o mundo girasse, cachaça maldita... que o mundo sumisse... que todas as cores se misturassem... meu fraco entender apagasse de repente, por Deus, não era tamanha a tua malina traição! Mas ficar caído assim nessa sarjeta, no largo da festa no meio do povo, bem perto da igreja, quase na ilharga da Santa; te juro e te esconjuro, cachaça sujeita, – por Deus e Nossa Senhora, – noutra feita, tua forte malícia, traíçoeiro gosto, manhoso sojigar de forças e vontades, eu vomito. Te juro que eu vomito no primeiro arrote que vier nesta garganta.

A BASÍLICA

Olhe, compadre, nem lhe conto a desfeita que a maldita da cachaça de abaeté me fez: me jogou no chão, desgraçada. Em plena procissão da Virgem, me tonteou, me fez um reboliço danado no estômago, subiu de repente pra cabeça, que quando procurei pelo senhor, meu compadre, cadê tento e juízo pra caminhar no meio daquele povo desconforme de gente. Gente que queria-porque-queria se amontoar bem perto do Carro dos Milagres.

Acho que até na confusão danada, no meio do povo andando, errei o rumo do carro e cheguei bem perto da berlinda. O senhor sabe, o monte de gente que se amontoa para segurar na corda da berlinda... pois foi. Aí, eu nem sei se foi a cachaça que aumentou na minha cabeça, ou se foi o povo que ingrossou mesmo, querendo-porque-querendo segurar na corda que circundava o andor.

Puxa-prá-cá, puxa-prá-lá, impurra, grita, onda de povo, acocho, aperto, pisão, arrocho, ruma-de-gente, gente, gente andando, andando... todo-o-mundo querendo caminhar perto da berlinda e segurar na corda. A corda que circundava o andor da Santa não dava pra quem queria e era guardada por marinheiros e soldados da polícia.

Não me alembro bem se vi a Virgem no meio das flores, no ombro dos categas vestidos de casacas, maiorais do Governo e outras pessoas gradas, que caminhavam, impávidas, dentro do círculo. Mas se não fosse a tonteira, a zonzeira da cachaça, bem que eu tinha agarrado na corda, e agora, eu podia contar essa proeza, essa maior façanha, essa maior promessa, de consagrada peripécia e tamanha valentia. Mas mesmo sem agarrar na corda, compadre velho, dou agora maior valia aos que agarram. E o que contam, atesto – isso eu atesto – sustento e garanto que não é lembrança. Quando Bitica dizia, que era preciso ser macho inteirado e ter culhão-roxo pra segurar na corda milagrosa, a modo que eu achava que era lambança e pavulage. Mas nesse dia, quando

errei o rumo do Carro dos Milagres e cheguei bem perto da corda da berlinda, fiquei igualzinho como naquela noite quando escapuli e caí entre o rebocador e o batelão de gado, no meio da imensa baía. O instante que mergulhei e o salto que dei pra segurar na amarra da popa, só me salvaram de ser misgalhado pela pá da hélice. Mas fiquei entre a vida e a morte, sustido apenas na sustança do tendão esticado deste braço. A escura noite, a fria água no peito, a espuma na cara, o ardume no zolho, a falta de fôlego, o barulho do gado no porão da lancha, a zoada da hélice puxando a água do meu lado, o zunir do vento, o marulhar das ondas, a descarga do motor vomitando fumaça e faísca – posso dizer agora – que nem se acompara com a violência, violência do povo, que tive que enfrentar, somente pra agarrar na corda da berlinda.

Mas já lhe contei dessa promessa, que a minha mãe fez com a Virgem de Nazaré... Agora lhe digo: que o carro, o tal carro recolhedor dos prometidos pelos padecentes, eu não alcancei dessa viajada. Mas por mais que magine, não consigo me alembrar como cheguei no arraial da festa, e me acordei tarde hora deitado na calçada ao lado da Basílica bem perto das vendedeiras de tacacá.

Ah, compadre, já tenho me acordado de grandes porres: no bailéu da canoa em alto-mar, ou encalhado na praia deserta a espera da reponta da maré... Já tenho me acordado às vezes numa ribanceira de festa em sítio ermo, no tronco de uma árvore... Até na costa de um cavalo já dei fé de mim num imenso descampado... Mas quando abri o zolho naquela noite, meu compadre, o mundo ainda estava meio girando, e eu total encandeado com aquele poder de luz na minha venta. Parecia que o mundo todo tinha se derretido em chuva de estrelas que respingava sobre nós. Faíscas de todas as cores explodindo em forma de estrelas e estrelas em forma de faíscas, cores que eu pensei que nunca que existisse.

Dei graças a Deus ser na horinha dos fogos de artifício. Todo o mundo olhava pro céu intertido no espocar dos foguetes, que paresque ninguém viu eu me levantar da sargeta. Me levantei meio tonteado, o senhor pensa, um buraco no estômago, um gosto de fel na boca e uma estrepolia esquesita no coração.

Aquele poder de luz, vozerio do povo, as músicas, os foguetes e a baita festa não me deixaram ver logo que já era madrugada. Porque o senhor sabe: madrugada pra nós, é solenidade vazia e vazio silêncio; nem luz nem trevas... É entreabrir de pouca claridade se esvaindo em sangue. E ali, o povo fervilhava enchendo o largo, a praça, os brinquedos, gente, gente, muita gente, andando, saindo do teatro, todos olhando pra ver

o espetáculo dos fogos, desenhando aquelas lindezas de loucuras de todo colorido. No alto do negro céu, já meio cheio de fumaça: os tais malabarismos de fogos de artifício.

Aí, me lembrei da minha promessa e do prometido à Nossa Senhora pela minha velha mãe. Pensei que devia de chegar ao menos perto do Carro dos Milagres. Mas onde teriam largado será àquela hora o carro das promessas? Já teriam será desarrumado o barco de cima da carreta? Desmontado será a imagem pousada nas nuvens em aparecimento milagroso ao homem correndo atrás do veado cai-não-cai no medonho e infernoso precipício?

No largo não estava, que arraial era de passeios, folguedos e foguetes. Devia de estar na Basílica, entre grades e colunas, ou no porão, mergulhado no chão dos alicerces. Pela primeira vez entrei na Basílica de Nazaré. Ah, compadre, nem lhe conto, quando subi a enorme escada que enfrentei a pajureba porta... Porta de bronze, o senhor pensa, toda de bronze, com caras de santos e anjos desenhados em relevo, reluzentes de luz como o diacho. Que eu entrei de repente, acabou a madrugada. O buraco que eu tinha no estômago se juntou com o frio no fio do espinhaço. E a dor de cabeça e o gosto amargo na boca, faziam de mim um miserável cristão, triste devoto esmagado, tonteado e até meio abobalhado no meio de tanta luz. Luz, meu compadre, velas e círios, lâmpadas, lâmpadas, lâmpadas, brilhos e rebrilhos: luz! luz de tanta luz! E quantos candelabros! Feixes de lâmpadas, cachos de lâmpadas, diz que até nas mãos dos anjos, no meio dos ouros e mármore, saindo das colunas, baixando das abóbadas e compondo todos os altares; refletindo ouro, prata, vidro, paredes inteiras de imagens, santos e anjos nenhum pedaço de chão, de forro, de adro, de coluna deixava de brilhar.

Enorme, compadre, enorme e desconforme o tamanho das colunas, a altura dos forros, o vão da abóbada a quantidade de altares. Teba de nave! Baita de nave: nave-igreja, Basílica, Catedral!

Enquanto havia luz, brilho, lampejo, claridade, tudo claro, mais claro que dia, tamanho luzimento, por-Deus, que nem enxerguei a Santa Virgem de Nazaré. Os Santos, os anjos e as imagens se embaralhavam nas cores dos mármore, das pratas, dos ouros, olhos de vidro, cabelo de fogo, cara de luz: luz, meu compadre, luz de tanta luz!

De repente começaram a apagar todas as lâmpadas: por primeiro os candelabros, os feixes maiores, as pequeninas, as gitinhas, as gitinhazinhas, até que ficou num total escuro abafado de paredes. Apenas velas acesas perto da candeia vermelha do altar do Santíssimo.

Aí então, que apareceu a luz da madrugada: indecisa-meia-luz vindo de fora pedindo licença pra entrar pelas vidraças. Falsa claridade. Falsa e baça. Vidraças de todas as cores formando desenho de flores, de anjos, de santo ou somente vidraças de vitrais. Mal comparado, me sentia como no meio da floresta depois que abranda chuva e cessa o ribombo do trovão. O senhor, compadre, já deve ter se encontrado dentro do mato, embaixo da chuva e no meio de forte temporal... Quando para o relâmpago, que passa o vento, é que a gente sente o pé em riba da terra. Aí, toma o tino e o rumo da jornada, puxa o fôlego comprido e afrouxa o bater do coração. Assim, eu estava no meio da imensa nave. Eu disse e comparei malacomparado a Catedral: nave-igreja-feito-mata, mata bruta, negra floresta, floresta negra, depois que os galhos, os ramos e as folhas se aquietam no escuro, sombra, musgo. Sombra, vento frio entrecortado, a escuridão... Não, não podia ouvir as músicas do Vento nos galhos e nas folhas que sempre toca na floresta. Entre paredes, no escuro, paresque o vento se agasalha e produz o maior silêncio: o que se ouve, são ecos abafados e retornos profundos de antigos sons.

O silêncio da nave, a meia-luz da madrugada, a tamanha santidade dos altares, a modo que não calhava bem com essa estúrdia comparação. Mas também fiquei certo de uma coisa: cristão, de madrugada, assim numa igreja, grande, escura e deserta, é mesmo que vivente perdido em mata erma sem saída pra descampado. A gente sente que as grandes colunas e paredes trepam como as árvores num liso de clarume que escurece pro lado do infinito. Aí, ninguém sabe a altura do templo nem o tamanho da Floresta. Sabe sim, que o homem é pequeno demais nessas paragens... Mas quem procura o melhor caminho, toma tento do tronco das árvores, arrisca adivinhar o céu através de grossos ramos e densas folhagens. Assim, comecei a me mexer no meio dos bancos, cadeiras, altares, e logo percebi assim meio pela ilharga das colunas um clarão de velas acesas, espalhadas no puro chão dum compartimento que ficava assim meio de banda já pro outro lado, Era um pátio da igreja paresque servindo de garage pro Carro dos Milagres. O carro, o dito carro que eu tanto desejava alcançar pra depositar minha promessa, estava no meio dessa grande sala: abarrotado de milagres, meio encalhado, meio ancorado, meio adernado, na sombra desse abrigo. Frente a frente me encontrei com ele, que de perto eu vi que era um barco, oscilando na sombra, meio balançando na luz das velas, fazendo maresia nas paredes. Falei mais pra dentro de mim com medo que as minhas palavras ressoassem: – Agora no seco então, brigue velejante no mar de gente! Encalhado nessa maré vazante de triste lagedo dessa imensa sacristia! Cadê o mar de povo? Águas e águas de gente corrente? Ondas e ondas de ombros e tumultos de

ventos fazendo correntezas de cabeças? Cadê o velame dos coloridos e vovejantes balões? Das desfraldadas Bandeiras? Dos rubros pálios e estandartes? Cadê as fanfarras abrindo no meio do povo e no ventre da cidade o caminho triunfal? Han han, sim senhor, te vejo agora, barco veloz das águas do Círio, agora-que-te-pego, encalhado e adernado neste seco... Que ma'pregunte: – Fugindo será das tempestades? Ou esperando na curva deste mangue parado a repona da maré? Que cargas trazes no porão? Foi longa, será, a viagem do asfalto? ou estafante a trepidação dos ombros, braços e paralelepípedos? Nem me diga que é só balata. Muita seringa? Maçaranduba? Castanha? Semente? Coco de fruta? Fruta do mato? Ou só trazes mesmo muito padecer? Promessas feitas promessas pagas: na cera, na madeira, no vidro, no barro, na fita... isso eu vejo por demais. Meu Deus, parece até que as gentes desses sítios deixaram o retrato da miséria neste barco em seco! Ah, barco viajero, quem te via, correndo mundo por cima de ombros e cabeças! Quem podia imaginar que tua glória se esconde do mundo, neste escuro escuro-sombreado desta imensa sacristia! E agora, triste atolado no desenho deste mármore...

Os padecimentos, sim, os padecimentos. Todos os padecimentos em forma de milagres trazendo a marca de tanto padecer. Vigie só, essa perna quebrada de cera branca: morta morta no meio de tanta fita... Queda de cavalo, será? Mordida de cobra ou dentada de jacaré? Erisipela será? Ou filária? Tiro de armadilha ou tocaia do patrão? Maços de velas de cera, peças de fita de seda, caixas de foguetes, retratos, imagens, quadros, cartas, embrulhos, roupas, flores, frutas, dinheiro, promessas. Uma carga inteira de dores, gemidos e esperanças. Males sofridos, chagas curadas, amores perdidos e achados, distâncias e distâncias. Promessas e promessas. Promessas cumpridas no talho de pau, na forma de cera, no traste de barro, no metro de fita, na beleza das flores, no estrépito contido nos foguetes, no murmurar da reza, no grito de angústia e no gesto de dor.

Ah, compadre, nem lhe conto o montão de coisas que passou pela minha mente e pela minha vista. E o espanto que tive, quando vi no meio de tanto traste um pano igualzinho à vela de canoa feita de tala que no Círio escapuliu. Susto e medo, remorso e espanto! Mas a vela, tinha ou não tinha sumido no céu carregada nos balões? Era igual, isso eu lhe digo, mas não era a mesma, isso eu também garanto. Talvez a cor falasse... Mas ali não havia cor, havia sombra, sombras das grandes rodas ferradas da carreta: círculos e raios, oscilando no forro e dançando nas paredes. Havia promessas. Promessas e promessas, naufrágios, tempestades, doenças e distâncias. Um cacho de

banana, outro de pupunha, um cavalo-arreiado-de-balata, uma bola enorme de seringa, uma pequena rede feita de juta, uma penca de banana chorona, um rosário de coco de açaí. O pano que parecia a vela perdida na confusão do povo, agora estava bem visível, depois que os olhos se acostumaram com a mortiça luz. Era uma camisinha de criança, misturada com tantas mil promessas no tombadilho daquele estranho barco: barco trepado na carreta e atolado na sombra daquela mal alumiada sacristia. E aí, compadre, enquanto estava entertido com aquele monte de promessas, no meio das sombras dançando na parede, abriu-se uma porta que eu jurava que não tinha e entraram três mulheres de véu na cabeça e livros de missa nas mãos. Não eram freiras, eram devotas ou beatas. Foram logo falando, bradando, com a Cara ora no escuro, dizendo pra mim: – “Não queime o carro, seu hereje” – Não estou queimando, acho que respondi atrapalhado. – “E o que esta fazendo com a vela na mão, perto desse monte de fita? Não vê que as flores pegam fogo? Olhe os foguetes, seu maluco. Uma faísca neste carro põe fogo em toda a Basílica”.

– Tire a mão de perto do dinheiro, seu ladrão, disse a outra.

– Vai chamar o padre, disse a terceira, o padre e a polícia.

– Acende a luz, a luz não, abre a janela.

– Sim, abre a janela.

– Chama o padre e a polícia.

– E verdade, chame o padre e a polícia.

Acho que todas falavam ao mesmo tempo e diziam outras coisas que eu não entendia bem nem com os olhos nem com os ouvidos.

Aí, que eu vi que as paredes onde dançavam as sombras estavam cheias de janelas. A madrugada que estava presa na sala já era luz mortiça, espécie de sombra e zonzeira da cachaça adormecida na cabeça. Então, com a luz do dia, o carro ficou petrificado sem o menor sortilégio dos intensos sacrifícios.

A voz das mulheres era terrível:

– Fique perto dele, é um carbonário.

– Um bêbado e ladrão é o que ele é, chama a polícia.

Ainda ouvi o carrilhão tocando, os sinos batendo um por um e paresque o rumor da nave se enchendo. Aí eu pensei: que vale que vem gente. Mas de repente, chegou o padre. Atrás do padre e das mulheres com véus na cabeça e livros na mão, veio a polícia.

Lhe juro que fiquei completamente areado com o bater dos sinos e com o barulho da igreja. Paresque me chamava, chamavam o povo lá dos sítios e tocavam o chamamento de bronze pra primeira missa.

Foi tão depressa, seu compadre, que clareou o dia, que os sinos tocaram, que a sala se encheu de gente e que chegaram as mulheres e a polícia, que não tive tempo, lhe juro que não tive mesmo tempo, nem fala, nem tento, nem juízo... Enquanto isso, me agarravam pelos braços, me impurravam pelas costas e o padre dizia para os soldados: – “Não levem ele pela frente, tem muita gente chegando para a Santa Missa”. – “Não seu Vigário, respondeu um guarda, ele sai é mesmo pelos fundos, o carro da radiopatrulha já esta esperando. Temos severas instruções do Chefe pra agir com esses malandros que sempre se aproveitam das igrejas”.

Entrei no dito carro, impurrado, e fui jogado paresque por cima de um monte de viventes. Quando fecharam a porta, ou a tampa, senti como se tivessem me jogado no fundo e escuro porão de um barco de piratas, ou então entre patas de bois soltos no estrado de uma veleira açoitada pelo vento. O Carro pulava e corria. Aí, que eu senti também os duros choques dos paralelepípedos. Aí que eu senti a vida tremer nos alicerces.

A CADEIA

Pois foi na cadeia que encontrei consolação pra minha muita má-sorte. Havera de ter ali, parecereiro pobre mais infeliz do que eu no passar da festa. E tinha. Estava ali o meu compadre pra maior prova. Mas primeiro me jogaram num duro pátio. Era sujo e fedorento onde paresque ajuntaram e amontoaram a maior parte de todos os larápios. Lhe juro que nunca fiquei tão mal-acompanhado de gente, assim em misturado e terrível deboches. Acho que era também por causa da festa. Não tinha lugar nem pra gente se assentar no chão que fosse. Diz' que tinha ladrão até da Bahia. São Paulo, Rio de Janeiro e outras capitais. É o que eu digo. Pelo menos era o que chamavam: Baiano, Carioca. Goiano, Mineiro, Paulista, Gaúcho e outros, outros mais. Até estrangeiro tinha paresque: Alemão, Polaco, Judeu, Gringo, Cigano e Russo. Esses tinham vindo era se aproveitar da matutice da gente, eu acho, mas a polícia já sabia que eles queriam era mesmo roubar. Fora, os que tinham escapulido e ainda tinham conseguido acompanhar o Círio; ou andavam pelo largo executando as suas traficâncias de ruins serviços. Eu juro que não arrisquei nem de me encarar com esses viciosos, com medo do falsear dos

olhos deles que era pegajoso por demais. Eu defendi a minha mente dessa sujidade esconsa. Mas o que me salvou de ficar mais tempo no meio dessa corja, foi uma tal de triagem que os polícias fizeram já na porta. Apartaram a gente como se faz com os bois na porteira do curral. Queriam separar os que iam ficar guardados no “cofre” até a festa completamente passar. Quando um homem-de-gravata-e-chapéu chegou perto de mim e me olhou firme com rompância de chefe, eu vi logo que tinha chegado a minha hora. Mas no mesmo instante ele virou pros outros guardas e polícias e deu foi um enorme berro apontando na minha direção com o dedo em riste: – “este aqui, o que está fazendo no meio desta gente? Eu acho que não conheço esta cara. Ele é fichado? Cadê a ficha?” – Porque paresque eu não era fichado, e nem tinha ficha, me mandaram subir pro gabinete do chefe. Pra mim mesmo foi até um alívio. Foi aí então, que encontrei o meu compadre. Compadre que não bebe e tem raiva até de quem ao menos cheira ofensa de bebida. Vigiem só: se calhar o compadre também andou quebrando a jura e enfiando o corno na maldita? Eu maldei de mau juízo. Cachaça ele não bebia, esse meu compadre, como então haveria de estar envolvido agora com a polícia? Ah, bem, se calhar, até que podia estar ali por padecimento de puro furto como pessoa enganada por matutice. Mas a cara dele então era mais de vítima. Eu sempre ouvia dizer que porre mesmo não cai de cavalo, não alaga canoa, não é mordido de cobra, não é ferrado de arraia, e nem erra a porta de cemitério ou meretrício. Mas esse meu compadre que não bebe, paresque tinha errado era mesmo a porta da cadeia. Eu é que podia contar o quanto custa errar até mesmo a porta duma igreja, quanto mais,.. quanto mais... Mas não, esse meu compadre que não bebe, conforme eu já lhe disse, estava ali também, porque não tinha, o pobre, conseguido cumprir uma simples promessa com a Santa Virgem. Logo que me aproximei dele, ele me disse: – “Nem pudemos acompanhar o Círio, o senhor pensa, se ao menos fosse uma promessa, ou até podia conceber como castigo”. – Mas não era, pela cara eu vi logo que não era não senhor. Não era nem promessa, nem milagre recebido, nem doença curada, nem grande mal evitado. Era vontade de pura alegria, regozijo de festeiro, satisfação de vivente pelo simples fato de viver. Primeiro, pensaram em jogar um monte de foguetes, acender velas, agarrar na corda da berlinda, botar bilha cheia d’água na cabeça, vestir traje de mortalha ou acompanhar descalço todo o trajeto. Pensaram em outras formas de louvar e agradecer apenasmente a vida e a pura alegria da festa. - Acompanhar o Círio já era uma promessa. – O dinheiro até que dava para comprar umas dúzias de foguetes, maços de velas, peças de fitas... Mas esse compadre que não bebe, que não fuma, que não joga, tinha que ter uma mania qualquer

de vício. Pois foi a mania de soltar os balões coloridos. Ninguém, ninguém me contou, eu mesmo ouvi o Comissário dizer pra esse meu compadre naquele justo instante: – “Taí, essa mania de soltar balões de gás em que deu, encrenca na Polícia... Vamos, conte a sua história desde o começo... Então o senhor saiu cedo para acompanhar o Círio,.. e daí mandou o seu filho comprar os balões na bomba de gás que fica atrás da igreja... Era pra vender ou pra pagar promessa? Conte sem susto a historia do rapaz... ele aí entrou no meio do povo... E isso?” - Meu compadre, coitado, nem chegou paresque acompanhar o Círio. Ele que tanto que queria soltar um monte de balões do meio do povo. Que mal fazia soltar um monte de balões pra se espalhar no puro vento? Todo-o-mundo devia de olhar o céu, o povo todo espiando e os balões soltos subindo subindo... Meu compadre nem chegou a dizer para o filho que queria soltar os balões no meio do Círio. Era uma promessa? Mas inda recomendou com insistência: – só serve se for balão-de-gás, daqueles que sobem pra cima bem alto. Foi o que ele disse. O menino, esse eu conheci de outra viajada, mas muito em antes dele entrar no Instituto.

Já era um moleque taludo, bom mesmo na popa da canoa, no leme, na verga, na rede de pescaria, na vela, de viajar de noite-e-de-dia. Por água-e-por-terra ele sabia de um tudo: era um mestre. Muito em antes no retiro, meu compadre me falava: – “Eu só quero que você veja, compadre, esse menino do retiro agora como estudante dos artífices: um pilintra! Olhe, é tanto como eu, ele não bebe, nem beberica. Graças a Deus! Agora. não sei se fuma, e tem outros vícios... Mas garanto que ele não bebe, isso eu garanto! - Meu compadre Sempre falava e eu me lembrava dessas coisas enquanto o Comissário continuava o interrogatório sempre interrompido. Até que chegou um funcionário e entregou um papel que ele leu e depois disse: – “Muito bem, e agora o que vamos fazer com o atestado de óbito? Aqui tudo o que consta é que o morto é seu filho... Temos que esclarecer a questão dessa morte... Mas continue, continue... Enfim temos que tomar o seu depoimento... você estava dizendo. "Aí, ó meu compadre, tinha que buscar tudo dê do princípio. Começar tudo de novo. O homem da bomba de gás paresque não tinha troco. Eu já que faço um cálculo. E meu compadre ainda viu o filho assinzinho especulando a modo pelo meio do povo. Nisso, o largo ia se enchendo. O Círio começava tomar corpo. Paresque daí o rapaz desapareceu no alvoroço. Já um povo enorme tinha seguido na frente. Já tinha saído o carro das cornetas, o piquete da cavalaria da polícia, a banda dos bombeiros, o Carro dos Milagres, o carro dos anjos e o carro dos foguetes. Só faltava mesmo paresque sair o andor da Santa carregando a berlinda. E nada do rapaz chegar com os balões e com o dinheiro. Meu compadre e

minha comadre que era devota da Virgem, quando deram, já estavam completamente cercados e até ilhados pela enchente de povo. Foi quando ouviram o medonho estrondo, um senhor estrondo e rápido estremecimento. Tudo tremeu. Estremeceu. Fosse apenas o começo do Círio, haveria de ter outras bombas indicando o trajeto. Mas o que houve, foi um pior e mais medonho e demorado silêncio. Depois um grande murmúrio se espalhando pelo vento. Grito e gritos. Alaridos por todos os lados repetidos. A comadre acho que se agarrou com o compadre com o susto do maior medo. Houve também um pavoroso corre-corre e logo vieram a saber que tinha estourado uma bomba. Estourado não, explodido. Uma bomba daquelas que enchem de gás os balões coloridos. Os pobres compadres sentiram logo um aperto e um pressentimento de desgosto terrível. O rapaz que tinha ido comprar os balões ainda não tinha voltado nem com o dinheiro. Aí, os compadres sentiram medo de perguntar pelo menino. Eles chamavam de menino mas ele já era um moço... Não era nem uma criança, Mesmo criança ladina sabe muito bem na casca de pau onde se esfrega. Ora se sabe... Os compadres já nem sentiam vontade que o filho chegasse pra acompanhar o Círio. Queriam apenas que ele viesse porque o pressentimento era terrível. Mesmo com o medonho estrondo, o corre corre do povo, a chegada dos bombeiros, o carro da polícia, o Círio não parou. Nem podia parar com tamanho povo caminhando. O povo que já andava enchendo as ruas e se esparramando no rumo da Basílica, tinha que ir em frente. O povo paresque dava pra tudo: quem rezava, rezava; quem cantava, cantava; quem andava, andava; quem corria corria. E ainda sobrava gente para se amontoar nas cercanias do lugar onde tinha havido o estrupício. Só o rapaz não chegava pra se dar conta dos balões e do dinheiro. Ninguém podia chegar muito perto por causa da polícia. Mas o povo também não se arredava e cada vez mais se amontoava. Havia gente por toda a parte querendo romper o cerco. Meu compadre não soube informar se foi força divina, curiosidade louca, ou mau pressentimento de agonia de consciência. O certo é que havia uma força que empurrava os dois para o meio do povo. Isso ele não sabia explicar bem naquele ambiente de polícia. Ele mesmo não soube explicar pro Comissário como foi que eles chegaram assim tão perto. Na certa foram chegando, foram chegando, a comadre agarrada na ilharga até que puderam divisar os estragos do desastre e tanto que tinha sido. Falavam que tinha morrido oito, e que muita gente tinha ticado em pedaços. Muitos e muitos feridos... Ai, então, que a comadre deu com os acidentados, os mutilados. Só foi então um medonho grito, um senhor grito, grito de mãe como se sabe. Largou o braço do compadre e correu pelo meio do povo sem respeitar as ordens da polícia. Acho que

ficou meio alucinada. Pois minha comadre tinha fama de ser bastante calma. Mas nessa hora ela ia correndo, gritando, empurrando o que via pela frente. E que paresque ela tinha visto o filho morto. Mãe, já sabe, conhece o filho pela sombra, pelo rastro e até pelo cheiro. O rapaz estava com a roupa do colégio e o corpo estava todo chamuscado. Faltava um pedaço do braço e o rosto estava irreconhecível. A comadre porém não teve dúvida de que era o seu menino. Já o meu compadre quando viu estirado no chão o corpo do filho, olhou logo para o céu pra ver se enxergava ainda o monte de balões coloridos. Havia um bocado deles se indo no puro vento, mas já se espalhavam por muito alto. Haveria de alguns daqueles balões terem escapulado da mão do filho morto, à-toa se soltado no infinito. Ali mesmo, pros meus compadres, acabou-se a festa, acabou-se o Círio, acabou-se tudo. Tiveram logo que travar uma desconforme luta pra salvar o corpo do filho morto das mãos da polícia. Nem imaginaram que estavam naqueles dias na casa dos outros. Era preciso salvar o corpo do pobre rapaz de ir pro necrotério como defunto sem dono, a cargo da indigência. Protestaram então os dois compadres para enterrar o moço ao menos como gente, já que não fosse possível como cristão protegido de santo como pede o rito. Quando chegou a ambulância, a luta foi mais terrível: carrega-não-carrega, leva-não-leva, deixa-não-deixa, prende-não-prende, até que perguntaram as provas que davam de serem os pais do filho morto. Foi paresque o maior insulto. A comadre se abraçou com o cadáver e não houve mais força capaz que fizesse ela largar o filhinho já defunto. Isso, eu acho que convenceu totalmente a polícia que teve de tratar dos outros mortos e feridos e do dono da bomba que paresque tinha fugido. Mas tudo continuava no maior alvoroço quando chegou a outra ambulância: o corpo do moço foi agasalhado, com a mãe atracada, e o compadre dando endereço onde ficava a casa em que eles estavam apenasmente passando a festa.

Apesar de todo-o-mundo estar acompanhando o Círio ainda tinha muita vizinhança no subúrbio. Foi o que valeu o compadre, porque ajudaram carregar o corpo do menino que naquela hora parecia muito grande, por cima da lama onde tinham que atravessar andando por cima de uma ponte muito comprida. A casa de madeira ficava distante naquele alagado, tanto que o cadáver teve que ser carregado aos tombos por cima dos estrados. Depois tiveram que juntar duas mesas pra poder aguentar o corpo que paresque na viagem tinha esticado por demais.

O que salvou meus compadres foi que não foi preciso explicar nada pra pessoas tão simples diante da morte. Os donos da casa foram chegando do Círio e encontrando o defunto em cima da mesa e chorando e abraçando os compadres na maior

compreensão de parentes e amigos. Tiveram também logo a maior intimidade com o defunto. Que vale que havia cachaça pro almoço da festa e a comida era maniçoba, pato-no-tucupi, casquinho de muçã, molho de feijão com caranguejo. Compraram logo velas, arrumaram um crucifixo, enquanto o rádio baixinho na cozinha continuava a dar notícias do terminar do Círio e das vítimas do acidente. Os olhos da minha comadre não enxergavam um só instante de tanto chorar agarrada no corpo do filho morto. Meu compadre me disse que ficou por muito tempo apalermado, triste e mudo...

Mas foi já pelas três horas da tarde, que todos se deitaram na casa pra dormir a sesta, e os vizinhos se retiraram, que ficou o maior silêncio. Ninguém passava nem pelas compridas pontes. Nessa hora paresque o maior ruído naquele alagado vinha do soluço. A comadre soluçava e o compadre pensava que tinha que enterrar no dia seguinte o filho morto. E tanto que ele queria soltar no céu um monte de balões coloridos! Do meio do povo, do meio do Círio, todo-o-mundo olhando pra cima pra ver os balões subindo no céu se perder de vista. Tanto que ele também se gloriava do filho não-beber-bebida. Não ter esse péssimo vício. Agora tinha um filho de capricho mas um filho morto. Morto e bem morto. Num total silêncio. Silêncio de ponte comprida por cima da lama. Silêncio de capinzal sem um tico de vento, Silêncio de casa pequena e os donos dormindo a sesta. Silêncio de morto esticado em cima de duas mesas. Silêncio silêncio.

Mas foi aí que se ouviram os gritos e o barulho de foguetes. O compadre paresque acordou daquela meia madorna, olhou pro finzinho da ponte e perguntou pra si mesmo: quem será paresque aquele bêbado? Era um rapaz cambaleando. Isso se via, bêbado e quase menino caminhando por cima da ponte cai-não-cai na lama. Aí nesse pedaço, o compadre não aguentou e começou a chorar mesmo alto na frente do Comissário e interrompeu novamente o depoimento. O Comissário falou de novo: – “Não chore, mestre, o senhor tem que contar tudo por causa do inquérito. Sabe, houve muitas mortes e muitos feridos...” – Mas por causa desse interrompimento, eu nem vim a saber como a comadre acabou de chorar, nem como ela recebeu o filho vivo que chegava alegre e bêbado são-e-salvo por obra e graça da Santa Virgem. Só sei dizer que o compadre não achou de bom propósito os vizinhos correrem do filho que chegava vivo e porre. Como podiam àquela hora confundir o filho vivinho da silva, com alma d'outro mundo. Tomara ver o morto, o verdadeiro morto: nunca um morto ficou tão só e desvalido como nessa hora de alvoroço. Triste coisa deve ser defunto sem dono, estirado em cima da mesa dos outros. Era a situação daquele desvalido e abandonado.

Eu só posso imaginar, fazer um cálculo... Mas, por mais que me force, não posso imaginar a cara do compadre que tinha a maior quizilha com a cachaça. E ter de ver o filho vivo só porque estava bêbado! O resto eu entendia mais ou menos tudo. Principalmente essa outra alegria da comadre que em vez de chorar, cantava e ria com o filho porre em tropeços por cima da ponte. Também aí, acabou toda a intimidade com o defunto. Os donos da casa requereram logo que entregassem o cadáver sem dono à polícia. E era também a razão daquela discordância entre o compadre e o Comissário que eu acabava de ficar sendo testemunha.

Mas o Comissário era um bocado burro e paresque não sabia o que fazer com o atestado de óbito. Nem com o pobre cadáver devolvido. Ele dizia: – “Houve acidente, houve morte, pode até ter havido crime... Aqui no papel está escrito que o morto é seu filho”. – Mas o meu compadre, meio rindo e meio chorando, protestava: – Mas eu já lhe disse, seu Comissário, umas quantas vezes, que meu filho não está mesmo morto, ele só estava bêbado e paresque até perdido. Foi a pobre mãe dele, por demais aflita, que se enganou com o outro, pensando que era o nosso verdadeiro filho. Já lhe expliquei que isso tudo aconteceu porque eu tive de mandar ele comprar os balões de gás pra soltar no meio do Círio. Graças a Deus ele teve a lembrança de tomar uns tragos de cachaça, na certa por ruim influência de amigos. Mas ele só ficou mesmo porre porque paresque não tinha costume. Eu lhe garanto, isso eu lhe garanto. Eu sei que foi um engano horrível, Seu Comissário, mas lhe garanto e juro que eu não posso ficar com esse defunto. Já que ele não é meu filho, de direito ele pertence à polícia.

Quando meu compadre acabou e saiu, tive que dar também o meu depoimento sobre o caso, o outro caso que era o da minha prisão na sacristia da Basílica. Meu coração me dizia que eu podia falar pras autoridades de tudo o que tinha acontecido. Tanto do Círio, como do arraial da festa, como da minha triste canoazinha perdida por cima da tantas cabeças. Podia falar até nos anjos e santos de ouro e prata da Basílica. Mas o que eu não podia falar mesmo, era que as velas do meu barquinho de promessa tiveram de ser carregadas também por um monte de balões coloridos.

BATUQUE⁵ de Bruno de Menezes

- “Nêga qui tu tem?
- Maribondo Sinhá!
- Nêga qui tu tem?
- Maribondo Sinhá!”

Rufa o batuque na cadência alucinante
- do jongo do samba na onda que banza.
Desnalgamentos bamboleios sapateios, cirandeiros
cabindas cantando lundus das cubatas.

Patichouli cipó-catinga priprioca
Baunilha pau-rosa orisa jasmim.
Gaforinhas riscadas abertas ao meio,
crioulas mulatas gente pixaim...

- “Nêga qui tu tem?
- Maribondo Sinhá!
- “Nêga qui tu tem?
- Maribondo Sinhá!

Sudorâncias bunduns mesclam-se intoxicantes
no fartum dos suarentos corpos lisos lustrosos.
Ventres empinam-se no arrojado da umbigada,
as palmas batem o compasso da toada.

- “Eu tava na minha roça
maribondo me mordeu!...”

Ó princesa Izabel! Patrocínio! Nabuco!
Visconde do Rio Branco!

⁵ MENEZES, Bruno de. Batuque. 7. ed. Belém: SECTAM, 2005. p. 15.

Euzébio de Queiroz!

E o batuque batendo e a cantiga cantando
lembram na noite morna a tragédia da raça!

Mãe Preta deu sangue branco a muito “Sinhô moço”...

- “Maribondo no meu corpo!
- Maribondo Sinhá.!

Roupas de renda a lua lava no terreiro,
um cheiro forte de resinas mandigueiras
vem da floresta e entra nos corpos em requebros.

- “Nêga qui tu tem
- Maribondo Sinhá!
- Maribondo num dexta
- Nêga trabalha!...”

E rola e ronda e ginga e tomba e funga e samba,
a onda que afunda na cadência sensual.
O batuque rebate rufando banzeiros,
as carnes retremem na dança carnal!...

- “Maribondo no meu corpo!
- Maribondo Sinhá!
- É por cima é por baxo!
- E por todo lugá!”

AMOR DE MARIA⁶ de Inglês de Sousa

O procurador, cruzando os braços, cravou os olhinhos verdes no carão do velho Estêvão. Depois, com um sorriso entre sardônico e triste, começou:

Ainda me lembra a Mariquinha, como se a estivesse vendo. Tão profunda foi a impressão deixada no meu espírito pela desgraça de que foi autora e vítima ao mesmo tempo a afilhada do tenente-coronel Álvaro Bento, a mais gentil rapariga de Vila Bela! Era uma donzela de dezoito anos, alta e robusta, de tez morena, de olhos negros, negros, meu Deus! de cabelos azulados como asas de anum! Era impossível ver aquele narizinho bem-feito, aquela mimosa boca, úmida e rubra, parecendo feita de polpa de melancia, as mãozinhas de princesa e os pés da Borracheira, impossível ver aquelas perfeições todas, sem ficar de queixo no chão, encantado e seduzido!

Quem nunca viu a afilhada do Álvaro Bento (à boca pequena, se dizia ser sua filha natural) não pode ajuizar das graças daquela moça, que transtornava a cabeça a todos os rapazes da vila, obrigava os velhos a tolices inqualificáveis e deixava no coração dos que passavam por Vila Bela uma lembrança terna, um doce sentimento, um desejo vago. Quando nas contradanças a moça embalava brandamente os quadris de mulher feita e os seios túrgidos tremiam-lhe na valsa, um murmúrio lisonjeiro enchia a casa, era como um encanto mágico que percorria os ares, prendendo com invisível cadeia os corações masculinos aos passinhos miúdos da feiticeira. Feiticeira, sim, e não como a do Paranamiri, abjeção do sexo, do poder fantástico e, com licença, compadre Estêvão, inadmissível ante a boa razão e a lógica natural: mas com um poder real, um elixir perigoso que tonteava e ensandecia, transformando a gente em coisa sem vontade, pela demasiada vontade que dava! Pena é que a Mariquinha não se julgasse bem armada com o feitiço de seus inolvidáveis encantos e se valesse de credices tolas e de meios aconselhados pela ignorância, de mãos dadas com a superstição.

Vila Bela é antes uma povoação do que uma vila. Três pequenas ruas em que as casas se distanciam dez, vinte e mais braças umas das outras; se estendem, frente para o rio, sobre uma pequena colina, formando todo o povoado. No meio da rua principal, a capelinha que serve de matriz ocupa o centro de uma praça, coberta de matapasto, onde vagam vacas de leite e bois de carro. Quando eu lá morava, as famílias da vila entretinham as melhores relações, e não acontecia o que agora se dá em quase

⁶ SOUSA, Inglês de. Contos Amazônicos. Belém: EDUFPA, 2005. p. 56.

todas as nossas povoações, onde os habitantes são inimigos uns dos outros. A maldita política dividiu a população, azedou os ânimos, avivou a intriga e tornou insuportável a vida nos lugarejos da beira do rio.

Depois que o povo começou a tomar a sério esse negócio de partidos, que os doutores do Pará e do Rio de Janeiro inventaram como meio de vida, numa aldeola de trinta casas as famílias odeiam-se e descompõem-se, os homens mais sérios tornam-se patifes refinados, e tudo vai que é de tirar a coragem e dar vontade de abalar destes ótimos climas, destas grandiosas regiões paraenses, ao pé das quais os outros países são como miniaturas mesquinhas. Sem conhecerem a força dos vocábulos, o fazendeiro Morais é liberal e o capitão Jacinto é conservador. Por mim, entendo que era melhor sermos todos amigos, tratarmos do nosso cacau e da nossa seringa, que isso de política não leva ninguém adiante e só serve para desgostos e consumições. Que nos importa que seja deputado o cônego Siqueira ou o doutor Danim? O principal é que as enchentes não sejam grandes e que o gado não morra de peste. O mais é querer fazer da pobre gente burro de carga, vítima de imposturas! Mas deixemos isto que é alheio à história da Mariquinha, e que só veio a pelo para salientar a diferença dos tempos, pois que, em Vila Bela, reinava outrora a melhor harmonia entre os habitantes e a maior cordialidade nas relações familiares.

Mariquinha quase nunca estava o dia inteiro na casa do padrinho. Choviam convites para passar o dia em casas amigas, e um dos maiores trabalhos da moça era distribuir o tempo de modo a não criar descontentamentos. Tão agradável era a sua companhia, que as próprias companheiras bebiam os ares pela afilhada do tenente-coronel!

Desde que chegara aos quatorze anos, começara a moça a ser pedida em casamento e aos dezoito recusara nove ou dez pretendentes, coisa admirável numa terra de poucos rapazes solteiros. Entre os namorados sem ventura, posso apontar o tenente Braz, o capitão Viriato e o doutor Filgueiras, que nem por isso era o menos caído. Se a interrogavam sobre a razão de um procedimento pouco comum às moças pobres, a Mariquinha tinha um sorriso adorável dizendo:

- Ora, não tenho pressa.

Assim plácida e feliz corria aquela existência. Querida e festejada de todos, era a princesa do Parentins, o beijinho das moças, a adoração dos rapazes, a loucura dos velhos, a benevolência das mães de família. O único defeito que lhe imputavam as

amigas era a faceirice. E tinha na verdade esse pecado, se pecado é em moça bonita, pois que eu, com esses cabelos de sal e pimenta, morro pelas raparigas faceiras.

Em dezembro de 1866, veio o filho do capitão Amâncio de Miranda passar o Natal com o pai em Vila Bela. Lourenço, assim se chamava o rapaz, fora em pequeno estudar ao Maranhão, e de lá voltando empregara-se na alfândega do Pará. Pela primeira vez voltava a Parentins, depois que de lá saíra. Oxalá não tivesse voltado nunca!

O filho do capitão Amâncio era um rapaz alto e louro, bem-apeesoado. Imaginem se devia ou não agradar às moças de um lugarejo, em que toda a gente é morena e baixa. Acrescia que Lourenço tinha uns modos que só se encontram nas cidades adiantadas, vestia à última moda e com apuro, falava bem e era desembaraçado. Quando olhava para algum dos rapazes da vila, através de sua luneta de cristal e ouro, o pobre matuto ficava ardendo em febre. Demais, chegara do Pará, sabia as novidades, criticava com muita graça os defeitos das moças. E montava a cavalo com uma elegância nunca vista, e que eu (apesar de já ter estado no Pará, no Maranhão e na Bahia) não podia deixar de admirar.

Foi um acontecimento a chegada do Lourenço de Miranda. O capitão Amâncio, todo orgulhoso, apresentou-o logo à metade da população. Toda a gente era obrigada a fazer-lhe elogios, posto que a muitos não agradassem aqueles modos petulantes, que pareciam dizer: - Vocês são uns bobos! Quem se saiu com essa, em primeiro lugar, foi a espirituosa Mariquinha, que o vira pela primeira vez à missa do Natal, mas que, coitada! logo depois foi castigada pela liberdade com que falara do homem, cuja vida seria ligada ao seu destino.

Quatro dias depois da missa do Natal a afilhada do Álvaro Bento e o filho do capitão Amâncio encontravam-se de novo, num passeio que deram as duas famílias e mais algumas pessoas gradas ao lago Macuranim. Eram do bando, além da gente do Amâncio e do Bento, o dr. Filgueiras, o juiz municipal, a filha e duas sobrinhas e o padre vigário.

Seriam dez horas da manhã quando a comitiva atravessou a linda campina que se estende diante do cemitério e internou-se nas matas que cercam a pitoresca Vila Bela. O caminho para o Macuranim é uma estreita vereda, toda por baixo de árvores. Os araçazeiros, os maracujás, as goiabeiras, os caramurus, entrelaçando os galhos, formam uma abóbada de verdura. As folhas secas, que lastravam o chão, estalavam sob os pés dos transeuntes, e os bem-te-vis, os titipururus, os alegres e farsantes japiins encantavam o ouvido com a sua vária melodia. De vez em quando, o leve murmúrio de

algum regato, oculto entre moitas de flores silvestres, confundia-se com as diversas vozes da floresta dominadas pelo assovio agudo do urutaí, ao longe, na densidão do mato. A sombra de cajueiros folhudos, matizados de encarnado, chora a juruti solitária, e responde-lhe a gargalhada zombeteira da maritaca. Um perfume forte, um grande cheiro de flores e de frutas punha na alma uma disposição alegre de correr e de brincar pelas campinas, de mastigar folhas verdes, de vagar por entre os troncos cheios de seiva estival de dezembro, de se deixar queimar ao sol matutino, cujo ardor a brisa da floresta refrescava.

As moças entregavam-se francamente à embriaguez no mato. Corriam à caça de maracujás, dourados e cheirosos, de cajus irritantes, de caramurus doces como mel, de goiabas verdeongas, provocadoras, cujos carocinhos rubros avivam-lhe a cor dos lábios. Os homens, perdendo a gravidade, conversavam em voz baixa, salgando a despreocupada palestra com gargalhadas picantes e brejeiras. O vigário ia atrás de todos, afugentando com o lenço os bois que repousavam à beira do caminho.

Lourenço ia à frente do bando, procurando entreter conversa com a afilhada do Bento, que por faceirice lhe escapava, ora para esconder-se atrás de uma moita de flores, ora para trepar com pasmosa agilidade às goiabeiras, entre risadinhas gostosas. A filha do juiz municipal dizia de vez em quando entre dentes:

- Esta Cotinha! Mas que faceirice!

Depois de meia hora de caminho, avistaram o Macuranim cercado de palhoças de pescadores. As aningas da beirada deixam cair no lago as folhas de diversas cores, e em alguns lugares o escondem completamente. As brancas flores da batatarana e outras de variegado colorido boiam à tona da água aninhando rolas e jaçanãs. A trechos o peixe-boi bota fora a cabeça escura, buscando o capinzinho da margem, as pescadas e os tucunarés em rápida rabanagem vêm respirar o ar cálido do meio-dia enrugando de leve a superfície calma do Macuranim.

Foi ali, à beira desse tranquilo e pitoresco lago, formado por águas do Amazonas, que o capitão Amâncio e os amigos passaram aquele formoso dia, de fins de dezembro, que tão fatal devia ser à faceira Mariquinha. Os galanteios de Lourenço, as suas maneiras delicadas, a excitação da vaidade pela emulação provocada pela filha do juiz, despertaram no coração da afilhada do Álvaro Bento uma paixão profunda. A primeira revelação desse sentimento teve-a Mariquinha no despeito intenso causado pelas manobras da filha do juiz para apoderar-se da atenção do Lourenço de Miranda. Este, depois de ter se ocupado quase toda a manhã de Mariquinha, como por uma rápida

mudança pôs-se a trocar amabilidades claras com a filha do juiz, petulante trigueirinha de vinte anos.

À volta para a vila, a afilhada do Bento já não corria, já não trepava às árvores, não ocultava mesmo a tristeza que se apoderara de seu coração. Vinha séria ao lado do padrinho, mas não tirava os olhos de Lourenço e da filha do juiz, que andavam desta vez atrás de todos, conversando, rindo, perseguindo borboletas como duas crianças. Mariquinha detinha os passos para acompanhar os movimentos dos dois jovens, dolorosamente ferida pelo que, no íntimo, chamava inconstância de Lourenço. Poucas horas havia que o moço se mostrara apaixonado por ela e agora namorava às claras a Lucinda, a filha do juiz, a moça mais feia de Vila Bela. Forçoso era crer na volubilidade dos moços do Pará, de que tanto lhe falara a sua ama-de-leite, a boa Margarida. Com a alma ulcerada pelo ciúme e espezinhada na vaidade de moça bonita, sempre até ali preferida, Mariquinha caminhava em silêncio, afetando fadiga. Quando chegaram à vila, despediram-se uns dos outros à porta do tenente-coronel. Lourenço ainda continuou na companhia da família do juiz, e Mariquinha seguiu-o com o olhar até que o grupo se escondeu por detrás da igreja. Quando a moça voltou-se para entrar em casa, o padrinho a observava:

- Ora vamos, Maria, então que é isso? - perguntou meio zangado.

- Nada, não senhor - respondeu ela, e correu a esconder a vergonha e desespero no seio da boa Margarida, que debalde tentou enxugar-lhe as lágrimas com consolações sensatas.

Aquele amor rápido e profundo, feito talvez de muitos sentimentos contrários, produziu-lhe grande mudança nos hábitos, nos modos e no gênio. Vivia triste e aflita, vítima indefesa de uma paixão ardente, de uma dessas paixões que a gente só admite nas novelas, mas que também existem na vida real, principalmente entre as mulheres de nossa terra, impressionáveis em extremo. A moça passava dias sem comer, noites sem dormir, e quando alguma nova proeza do rapaz vinha lhe matar alguma pequenina esperança que alimentara no intervalo, chorava, e chorava no seio da Margarida, de sua querida mãe preta.

Porque Lourenço de Miranda era um desses moços que julgam ser-lhes tudo permitido. Acostumado aos namoros fáceis do Pará, pensava que em Vila Bela, na vida estreita da aldeia, podia impunemente brincar com o sentimentalismo das raparigas, sem refletir que as nossas moças não estão como as da cidade, fartas de ouvir galanteios nos passeios e nos bailes. As daqui tomam tudo a sério, acreditam em tudo. Lourenço,

porém, pouco se lhe dava do que resultasse. Vivia alegre, gozando a licença, namorando claras e trigueiras, declarando o seu amor às caboclinhas do peito duro e às moças de família, franzinas e pálidas.

Uma vez, entretanto, Mariquinha julgou que alcançaria vitória. Foi numa tarde de janeiro, quente e linda, quando se encontraram no sítio da Prainha. Tinham ido algumas famílias a banho naquela saudável praia. Felizmente não estava a Lucinda, presa em Vila Bela por um defluxo rebelde, que mais a afeava. O fato foi de bom presságio, Mariquinha, que fora a contragosto ao passeio, sentiu intensa alegria.

Lourenço esteve adorável de paixão e de sentimento, e a afilhada do Álvaro Bento contou uma hora de completa felicidade no meio de tantas amarguras. Apesar de cercados pela vigilância suspeitosa de amigos e parentes, conseguiram encontrar-se a sós por um momento, sob a copa frondosa de um taperabá, à beira do rio. Lourenço perguntou o motivo da tristeza que todos lhe notavam, foi terno, solícito e amante. Disse que era a moça mais formosa da vila, e que no Pará, mesmo naquela grande cidade, tão rica em mulheres bonitas, jamais viu formosura igual. Que o seu maior desejo era possuí-la toda para si, porque a amava como nunca poderia amar e morreria, certamente, se não fosse correspondido.

- E a Lucinda? - perguntou a moça radiante de amor e de felicidade.

A Lucinda era uma tola à custa de quem gostava de divertir-se. Só a Mariquinha amava, só de Mariquinha sentia separar-se, quando se esgotasse o tempo da licença e tivesse de voltar a tomar o seu lugar na alfândega.

Mariquinha sentia a felicidade inundar-lhe a alma, o seu coração abria-se às mais lisonjeiras esperanças, os olhos brilhavam com um fulgor que embriagava a Lourenço. Todos os pesares da moça desvaneceram-se de súbito, as noites de insônia e os dias dolorosos foram esquecidos. O carmim tingiu-lhe as faces descoradas. O tronco do grande taperabá protegeu o primeiro e único beijo que trocaram aqueles dois amantes.

No dia seguinte, Mariquinha amanheceu cantando, o que surpreendeu a todos de casa, menos à velha Margarida, que durante a noite ouvira a história do passeio à Prainha. Passou a moça o dia alegre e contente, mas à noite esperava-a uma decepção horrível.

Reunidos em casa do capitão Amâncio, para um jogo de prendas, Mariquinha e Lucinda acharam-se frente a frente. Lourenço, por uma inexplicável contradição, foi todo atenções e desvelos para a filha do juiz, sem se importar com o despeito visível

daquela a quem na véspera jurara um sincero amor. Lourenço e Lucinda, ao abrigo das liberdades do jogo, trocaram abraços e beijos, galanteios recíprocos à vista de todos, enquanto Mariquinha ralava-se de ciúmes e de raiva, reduzida a ouvir as amabilidades insulsas do dr. Filgueiras. A formosa moça retirou-se cedo e, quando chegou a casa, rompeu num pranto soluçado que terminou por um vagado de três horas.

Mariquinha achava-se deitada na rede alva de linho com ricas varandas de rendas encarnadas, mas não dormia. Ia já alta a noite. O quarto, fracamente alumiado por uma candeia de azeite de mamona, mostrava indecisamente o contorno dos objetos e das pessoas que continha. Pelos vãos das telhas, penetrava a aragem fresca da madrugada, embalsamada pelos odores da floresta e repassada da umidade do rio, cujo murmúrio brando se percebia no silêncio da vila. Nos outros aposentos da casa todos dormiam. Mariquinha, com os olhos semicerrados, com o corpo negligentemente estendido, pondo para fora da rede uma perna admiravelmente torneada, de um moreno-claro acetinado, no abandono do repouso recatado, estava silenciosa. O seu rosto estava pálido, da cor da alva camisola rendada que lhe cobria o corpo e que o arfar agitado dos seios soerguia a trechos.

Sentada no chão, a velha Margarida embalava de mansinho a rede e falava baixinho baixinho, para que ninguém ouvisse senão a sua querida filha. Esta, porém, só na ânsia que o cabeção rendado revelava mostrava estar ouvindo:

A mãe preta dizia:

- E mesmo perto da Prainha, e na beira do Lago da Francesa... é uma tapuia velha, muito afamada...

Parou, para tomar do cachimbo, enchê-lo de tabaco, e continuou. A sua voz quase parecia um sopro. Mariquinha, imóvel, permanecia em silêncio:

- E um tajá... é remédio que não falha. Basta uma dose de colherinha de chá.

Ergueu-se a mãe preta. Foi acender o cachimbo à lamparina e, no aspirar a fumaça do cheiroso tabaco, apagou a luz. Disse com um gesto de impaciência:

- Ora bom. Se apagou a luz. Mas não faz mal, já está amanhecendo.

De fato, uma claridade tênue passava pelos vãos das telhas. Um galo cantou no quintal e na vizinhança outro galo respondeu.

A velha apertou com os dedos o tabaco aceso, para que pegasse melhor o fogo. Soltou duas longas baforadas e veio de novo sentar-se ao pé da rede. Mariquinha levava a mão ao peito, como para comprimir as pulsações do coração.

A mãe preta continuou.

- Não se pode duvidar. É remédio que não falha. Por que é que o capitão Amâncio ficou-se babando pela velha Inácia? Está claro que, sendo ela velha e feia, só podia ser por feitiço. E o senhor mesmo, seu padrinho, como foi que ficou tão agarrado à defunta Miquelina? Era preciso que eu não fosse de casa, para não saber? Pois se fui eu mesma quem arranjou o tajá. A defunta andava chorando, chorando, não comia nem bebia, por ciúmes da Joanhinha Sapateira. Arranjou-se o tajá... e foi uma vez a Joanhinha Sapateira. Nunca mais o senhor quis saber dela, e era só Miquelina para cá, Miquelina para lá, até que lhe deu aquela dor de peito que a matou, coitadinha!

Mariquinha fez um movimento para recolher a perna e soltou um fraco gemido.

A velha resmungou:

- Arre, minha gente, basta de choradeiras. É experimentar que se bem não fizer, mal não faz.

Passara-se uma semana. Uma tarde, entre várias pessoas que estavam tomando o fresco à porta do tenente-coronel Álvaro Bento, achava-se o filho do capitão Amâncio de Miranda, que viera despedir-se.

A sua licença estava a esgotar-se. Dentro de três dias era esperado de Manaus o vapor que o havia de levar ao Pará, deixando muitas saudades em Vila Bela.

Quando Lourenço chegara, havia-se acabado de servir café às pessoas presentes. Um mulatinho do serviço ainda estava com a bandeja de xícaras vazias na mão.

- Moleque - disse o tenente-coronel, - dize lá dentro que mandem uma xícara de café para o sr. Lourenço.

O rapazinho foi dar o recado à velha Margarida. A mãe preta correu ao quarto de Mariquinha e disse-lhe ao ouvido:

- É agorinha.

Mariquinha foi à gaveta da cômoda buscar o tajá que a Margarida havia na véspera trazido do Lago da Francesa, e que, absorvido em pequena porção pelo filho do capitão Amâncio, devia deixá-lo louco de amores pela pessoa que lho ministrasse. Ela mesma ralou uma porção de raiz em uma língua de pirarucu. Tomou uma colherinha, encheu-a com o resíduo obtido, misturou-o com açúcar e depositou-o numa xícara de café que lhe trouxera a mãe preta.

Chamou o moleque e disse:

- Aqui está o café para o sr. Lourenço.

Custa-me a acabar esta triste história, que prova quão perniciososa é a crença do nosso povo em feitiços e feitiças. O tajá inculcado à pobre moça, como infalível elixir amoroso, é um dos mais terríveis venenos vegetais do Amazonas.

Lourenço, ao tomar o café, coitado! Bebeu-o de um trago, sentiu fogo vivo a abrasar-lhe as entranhas. Deitou a correr pelas ruas como um louco. Meia hora depois, falecia em convulsões medonhas, com o rosto negro, e o corpo abriu-se-lhe em chagas.

Que mais vos direi?

A velha Margarida, interrogada pelo delegado de polícia, revelara a sua participação inconsciente naquela horrenda desgraça que aterrou a vila. A tapuia do Lago da Francesa morreu na cadeia, de maus-tratos.

Quanto à formosa e infeliz Mariquinha, desaparecera de Vila Bela, sem que jamais se soubesse o seu paradeiro. Ter-se-ia atirado ao rio e confiado à incerta correnteza aquele corpo adorável, tão desejado em vida? Ter-se-ia internado pela floresta para perder-se na solidão das matas? Quem jamais o pôde dizer?

Hoje, dos seus infaustos amores só resta como lembrança em Vila Bela o nome de Amor de Maria, dado pelo povo ao terrível tajá que matou o filho do capitão Amâncio.

PRECE DE NATAL⁷ de Antônio Tavernard

Olhe aqui, Jesus Menino:
na folha do meu destino,
escreva a palavra “paz!”
Venho de muito longe, de um passado
vivido em turbilhão... Estou cansado...
Não quero sofrer mais!

Não quero – não! Não posso! Minha vida
é como taça de cristal partida
em que beberam deuses e animais.

Fiz mal e bem com indiferença, à toa,
fatalismo que vinga e que perdoa,
muito do homem quando é feliz.

Depois, a dor... a dor que transfigura...
e o Senhor sabe – história de amargura –
como cumpri o que o destino quis.
Mas, agora, Jesus, Jesus Criança,
é tempo de chegar... A gente cansa,
para sempre, de vez, num certo dia
em que a penumbra de descrença fria
toma conta de nós. Ah! nesse dia,
Jesus querido, meu Jesus Criança,
que morta linda a última esperança!...

Portanto, Jesus Menino,
na folha do meu destino,
escreva a palavra “paz!”
Para que eu durma, então, serenamente

⁷ TAVERNARD, Antônio. Místicos e bárbaros. Belém: Revista da Veterinária, 1953, p.86.

com um sono de arcanjo adolescente
e não sinta, e não sonhe, e não desperte mais.

A “SERENATA” DE SCHUBERT⁸ de João Marques de Carvalho

I

No seu pequeno quarto modesto de rapaz solteiro, João estava deitado na rede, lendo um volume de contos de Armand Silvestre, á luz branda de uma vela de espermacete. Nove horas soaram as cornetas da outra banda do Capibaribe, na Casa de Detenção, derramando pelo ar um sopro de tranquilidade imponente, que fazia os transeuntes apressarem o passo dirigindo-se aos respectivos domicílios. O vento norte, que vinha de Olinda, entrava na sala, e desta seguia para o quarto de João, agitando a luz dentro do photo-mobile.

Na invisível palpação da brisa, entrou uma voz de piano vibrado na vizinhança. Fanático adorador da musica, João fechou o livro e prestou atenção. Eram as primeiras notas da Serenata de Schubert, esse magnifico poema musical que ele amava acima de todas as composições! De um pulo, achou-se abaixo da rede, fora do quarto, ao balcão de uma das janelas do seu humilde terceiro andar. E encostou-se á grade, com o rosto descansado na mão direita, dispondo-se a ouvir a sua peça predileta.

Na rua, ninguém passava agora. Os revérberos alinhavam-se nos passeios, como estranhos guardas do sossego público. Um crescente de lua espalhava no azul-ferrete do céu, por entre multidões de estrelas tremeluzentes, uma diminuta claridade opalina, diante da qual fugiam mansos grandes montões de nuvens recortados em figuras indizíveis. E duma casa próxima saíam as vozes do piano, misturadas com a luz do gás que irrompia pelas janelas abertas.

Como todas as músicas sentimentais, a Serenata de Schubert possui isto de extraordinário: prende o espirito de quem a ouve, e leva-o ao centro da meditação tranquila e saudosa das grandes cousas passadas, e que são sempre, quer dolorosas quer alegres, um grato consolo para a alma.

Foi por isso que João, logo ao princípio, deixou fugir um suspiro e, em seguida, a pouco e pouco, embrenhou-se na vasta floresta silenciosa e redolente dos seus antigos episódios de amores, quando, ainda no seu querido Pará, podia ver e ouvir quotidianamente a encantadora donzela que deve um dia ser sua esposa.[1] Foi também por isso que o moço estudante de direito recordou-se, - e com quantas saudades! - da

⁸ CARVALHO, J. Marques de. Contos Paraenses. Belém: Pinto Barbosa, 1889, p. 33.

magistral execução que a sua noiva sabia dar ao primor do ilustre maestro alemão, - uma execução toda sentida, interpretando os mínimos segredos, com dulcíssimos murmúrios voluptuosos, que lhe davam melancolia ao espirito e suaves langores ao corpo.

Entrou João a imaginar que estava no Pará, ao lado de sua querida companheira, junto ao piano dela, no perfumado sossego da sala deserta, extasiado na audição daquela fantasia esplendida! E logo, por uma transformação imaginativa, o piano da desconhecida vizinha tomou aos ouvidos dele um som particular, intimo, que o comovia todo, chamando-lhe duas lágrimas aos cantos dos olhos! E, por esta causa também, à sua alma pareceu ver desfilar nas pacíficas paredes da casa fronteira um tranquilo quadro do seu passado, o qual dera-lhe outrora tantos prazeres, e que tinha presentemente a expressão poética, porém saudosíssima, de uma tela de Watteau....

Esse quadro, ei-lo:

[1] Este conto foi escrito em 1886. A donzela de que se trata está hoje casada com o herói da presente narração e pode gabar-se de ser a mais piedosa, a mais amorável, a mais querida e a mais leal das esposas... com a vantagem de ser a mais dedicada e meiga de todas as mães.

II

Era noite de Natal. Nove horas acabavam de soar no relógio da varanda. Um sossego inalterável e feliz pairava pela atmosfera da sala, onde a família estava reunida em grupo aprazível, ao fundo, em torno do sofá. Das ruas vinham pelas janelas abertas fortes sopros de brisas cheirosas e sons de guitarras fugitivas, dedilhadas por alegres grupos de transeuntes. A espaços, uma voz, um grito chegava até á sala, revelando que pela cidade havia quem passeasse, tentando festejar o aniversario do nascimento de Cristo.

Na sala a conversa era geral. Uma criancita formosamente encantadora sugava a extremidade de um tubo de mamadeira, sobre o colo de sua virtuosa mãe, a qual, suposto conversar com o extremoso marido, não afastava do rosto da filha os grandes olhos expressivos, flutuando num lago de ternura meiga e imaculável como um beijo maternal.

Contemplando este quadro rubenesco, João pensava nos santos prazeres do lar, - ele, que era um mísero órfão, um desgraçado pária do amor! - enquanto Dhália, a sua

querida noiva, sentada junto a ele, falava-lhe compungida acerca de uma infeliz mulher que, pela manhã, recebera de suas pequeninas mãos benfazejas, roupas e sustento para os filhinhos. E dominando a todos, no meio do sofá, com a expressão suavíssima do rosto espiritualizada por um sorriso que venerandamente lhe frisava os lábios, o velho Antônio, de cabelos e longas barbas sedosos e brancos, dirigia-se ao filho mais moço, ao Theodoro, aconselhando-o ao trabalho honrado, apontando-lhe como exemplo a seguir várias cenas a que assistira em sua passada vida comercial.

Uma exalação de virtude emanava daquele grupo: revelavam os rostos a tranquilidade invejável de quem vive contente com a sorte e depõe muitas confianças no futuro.

De repente, num silencio entre duas pontas de dialogo, uma voz ergueu-se da rua, fazendo-se acompanhar por uma guitarra:

Folguem todos nesta noite,
Venha a festa sem igual:
- Hoje em nada se repara,
Porque é noite de Natal.
Hoje em nada se repara,
Porque é noite de Natal.

E a guitarra chorava em tom menor, fazendo coro ao ritornelo. A voz de um agradável tenor prendeu logo a atenção dos que estavam na sala:

Esta noite abençoada
Pertence aos que têm amor;
No presépio bethlemita
Veio ao mundo o Deus-Senhor.

Novo ritornelo choroso na guitarra.

Por isso, moços e moças,
Entregai-vos ao prazer,
Enquanto não vem a idade

Vossa frente encanecer!

Terceira e ultima plangência melancólica desferida na guitarra.

Aos derradeiros versos, o velho Antônio levantara a cabeça, numa energia de movimento, com as narinas aflantes, os anéis da cabeça tremendo-lhe sobre os ombros.

- Tolo! - exclamou, referindo-se ao cantor, cuja voz perdia-se agora ao longe, na extremidade da rua. - Pois que venha cá, a ver se os velhos não têm amores e prazeres!.. Que venha presenciar a este quadro e me dirá ao depois se eu não amo as minhas queridas filhas, o meu bondoso Braga, o meu Theodoro e a inocentinha que aí dorme sob as bênçãos do meu olhar!..

Um soluço gemeu-lhe no peito: Dhália ergueu-se, radiante como a encarnação do carinho e, muito piedosa e pura, - qual um raio de sol iluminando a face de uma estátua antiga, - foi beijar amoravelmente a fronte do ancião....

Que não se afligisse, pediu-lhe afagando-o; - que não desse importância a semelhantes asneiras. Todos sabiam perfeitamente com que intensidade ele amava a família, e que suaves prazeres tirava desse amor. E demais, aquela noite era de festa, como dissera o desconhecido cantor, não valia a pena entristecer-se....

- Para o lado os pesares! - terminou sorrindo. - Como distração agradável a todos, vou tocar ao piano a Serenata de Schubert.

Já se tinha João levantado, prevendo este desfecho: correu ao piano, abriu sobre a estante a música desejada e, acendendo as velas, sentou-se ao lado do banquinho, que Dhália veio ocupar.

III

E começaram então as primeiras melodias da Serenata.

João cerrou os olhos, extasiando os sentidos na audição da formosa peça, tão bem executada pela donzela cuja alma eminentemente artística compreendia os segredos de poesia que a musica de Schubert encerra. Uma figura, ao principio flutuante e indecisa, mas que logo tomou relevo, aparecendo em primeiro plano, desenhou-se na tela da imaginação do moço. E surgiu então um jovem de bandolim em punho, debaixo dos balcões floridos de um elegante castelo, que se erguia a meio de uma paisagem germânica, onde os robles farfalhavam à borda dos lagos tranquilos, sobre cujas superfícies grandes garças deslizavam elegantes, rufando as brancas penas em donosa

majestade. E a voz dele era meiga qual um canto mágico de Iara amazônica, sentida como uma recriminação paternal, doce como um beijo apaixonado. De seus lábios cor de papoula destilava-se o mel da musica de Schubert, que ia cair com uma suavidade de bálsamo sobre a alma enamorada de uma jovem castelã formosa, oculta entre os refolhos das colgaduras das janelas! A voz do amoroso trovador tinha um não sei quê de melancólico, um tal cunho de poesia dolente, que João emocionou-se tanto em face do quadro que a sua imaginação lhe descrevia, que não pôde deixar de cantarolar baixinho, com um meio sorriso, acompanhado pela correta e sentida interpretação de Dhália:

"O Châtelaine,
Entend ma peine!.."

Dhália executou o morendo final da Serenata. João acordou da sua rêverie, erguendo os olhos para a pianista, em cujo rosto simpático bailava um risinho engraçado.

De pé, encostado ao piano, estava o venerando Antônio, com o semblante iluminado numa expressão de inefável ventura. Dos lábios entreabertos parecia escapar-lhe uma benção muda, que se completava pelo gesto das mãos erguidas e espalmadas no espaço!.. Era o pai a abençoar o futuro feliz dos filhos idolatrados!

IV

Estava neste ponto a saudosa recordação do moço estudante, na janela do seu modesto terceiro andar de uma das ruas do Recife, quando o piano da vizinha desconhecida gemia também o adorável remate da Serenata.

João sentiu-se comovido por aquela musica inspiradíssima, que lhe avivara tão grata lembrança de seu venturoso passado, - agora que ele estava ausente do querido solo natal, onde moravam todos os que possuíam-lhe a flor do afeto. Ergueu os olhos ao céu, numa necessidade de soltar livremente o espírito pela amplidão infinita do vácuo. No firmamento azul tachonado de louras lucilações, o crescente de lua vogava para o ocaso como uma alegria fugitiva; pequeninos flocos de nuvens seguiam, muito calmos e etéreos, pelo espaço adiante, projetando sombras cinzentas sobre o calçamento da rua. Da margem oposta do Capibaribe, uma voz de soldado ergueu-se bradando - alerta! - à sentinela.

Então, por um impulso de agradecimento, o espírito de João partiu pelo infinito a fora, chegou ao Pará, atravessando a cidade, e foi ajoelhar-se piedoso à modesta pedra gradeada que sela o túmulo venerando de Antônio, o estremecido pai de sua noiva.

ENCHENTE AMAZÔNICA⁹ de Ruy Barata

Corre, corre Zé Basto,
Corre no pasto,
Junta o que é teu.
E te açulera Celecindo,
as águas vêm vindo

os teso sumindo.
(Valha-nos Deus!)

Ontem, quase três braças.
No Jirau da Graça
o rio inchou.
Hoje lambendo calmo
mais de seis palmo
já mergulhou.
Enche no Matá,
Aritapera e Tapará
enche no Breu,
e no varjão da Conceição
só da perau,
rolando pau,
comendo chão.

(E não é cheia só pru gasto)
Corre, corre Zé Basto,
corre no pasto,
junta o que é teu.
E te açulera Celecindo,
as águas vêm vindo
os teso sumindo.

⁹ OLIVEIRA, Alfredo. Ruy Guilherme Paranatinga Barata. Belém: Editora Cultural CEJUP, 1990. p. 166.

(Valha-nos Deus!)

Disque no São Raimundo
um curral no fundo amanheceu.
E que nas Três mulatas
Das trinta vacas
Já dez morreu.
Disque no Salé
sucuriçu e jacaré
come o que qué
e no estirão do Nhamundá,
só vendo lá,
não sobrou juta nem pru chá.

Nhuca, filha de Fuluca,
nega de Manduca,
tá quase maluca,
perdeu três mamote
lá no matupá
do Maicá.
Febre, ramo de piema
tudo que é pustema
vem de piracema,
no subir das água,
que não quer pará
pru meu pená.

Ó meu Senhor Bom Jesus,
Que morreste na cruz,
Vem nos valer.
Ó Virgem ,
da Conceição,
pelas horas que são,
rogai por nós.

Corre, corre Zé Basto,
corre no pasto,
junta o que é teu.
E te açulera Celecindo,
as águas vêm vindo
os teso sumindo.
(Valha-nos Deus!)

LARGO DO RELÓGIO¹⁰ de João de Jesus Paes Loureiro

Há uma fonte

um repuxo de lendas

nesta praça cheia de horas.

Um cartucho de estrela

prestes a explodir.

Pelos bancos afásicos

o diálogo, entre dentes, do silêncio

consigo mesmo...

Do outro lado, fachadas de azulejos,

os sobrados.

Sacadas e calçadas.

Namorados.

E a palavra amor voando de alto a baixo.

¹⁰ LOUREIRO, João de Jesus Paes. Altar em chamas e outros poemas. Belem: Edições CEJUP, 1989. p. 32

PROMESSA EM AZUL E BRANCO¹¹ de Eneida de Moraes

- Não; esse eu não quero, choramingava a menina.

- Já disse que é esse mesmo. Criança não tem vontade.

Um diálogo banal diante de uma vitrina de roupas para crianças, uma vontade de dizer àquela mulher:

- Não. Não é assim que se convence uma menina. Quando aprenderão os adultos a falar com os pequeninos?

E depois um grande desejo de recordar, de buscar no fundo de mim mesma vestidos da infância, roupinhas da meninice.

Que tenho eu a ver com aquela mão autoritária que não conheço? Por que terei de sofrer com a pequenina que nunca vi? Por que terei de viver sempre assim, vivendo a vida de outros? Deixo ambas entregues ao desentendimento e caminho acompanhada pelo desejo, a vontade, a necessidade de acordar um trecho de meu passado onde haja um ou vários vestidos.

Por que sou capaz de relembrar assim fatos de épocas longínquas? Por que a qualquer momento uma estória qualquer se presta à ressurreição de atos, vozes, gestos e até mesmo olhos, narizes, cabelos, mãos, coisas que nenhum retrato guardou e que tomaram parte ativa na minha vida passada? Por que está tudo assim tão gravado em mim? Nem sequer preciso fechar os olhos para encontrar figuras de minha infância; nada preciso para recompor hoje - tantos anos depois - gestos, palavras, comportamentos.

O que relembro hoje é realmente minha infância ou colaboro com minha imaginação atual? Estou vestindo agora com roupagens novas, minhas velhas lembranças ou estão elas com a mesma roupa do momento em que ocorreram? Vivi tudo o que relembro?

Aquele diálogo, tão banal, provocou em mim desejo de reviver um trecho de meu passado.

Sim, sim, recordo muito bem; vestia apenas azul-claro e branco e, de início, minha infância turbulenta e sadia não prestou nenhuma atenção ao fato. Um dia, naturalmente, uma outra menina ou talvez a governanta ou - quem sabe? - a professora, chamou-me ao conhecimento dessa prisão. Isso naturalmente deve ter acontecido no

¹¹ MORAES, Eneida de. Aruanda: banho de cheiro. Belém: SECULT/FCPTN, 1989. p. 29.

momento em que nascia a minha vaidade. Senti ou mostraram-me que todas as meninas da minha cidade, de meu país e do mundo usavam roupas de cores diversas e eu não. Por quê? Por quê? Perguntei à minha mãe, sempre pronta a responder às minhas perguntas:

- Foi uma promessa. Seu pai andou mal, muito mal, quase morria e sua avó fez uma promessa a N. S.^a de Nazaré: se ele sarasse, se vivesse, você, que acabara de nascer - vestiria até os quinze anos, somente vestidos azul-claros e brancos.

- Até quinze anos? Então quer dizer que vou ficar assim, diferente de todas as meninas, até ficar velha?

(Sempre se acha, aos seis anos, que ter quinze é estar velha). Só depois, muito mais tarde é que aprendi que a vida passa depressa, é curtinha, tão pequenina que nem dá para se viver plenamente todos os momentos.

Menina criada sem medo, me ensinaram muito cedo que chorar é uma covardia e, além do ensinamento, havia um soneto de meu avô, dizendo: "porque um soldado não chora / venham os maltratos embora / seu peito dilacerar." O soneto - também só soube mais tarde - é ruim, mas quando surgia em qualquer um de nós a vontade de extravasar sentimentos ou manhas com lágrimas, o soneto ruim vinha com efeitos terapêuticos exigindo dignidade e tanta coragem que chegamos a odiá-lo. Para não ouvi-lo engolfamos lágrimas, nunca chorávamos, nunca choramos; antes da lágrima nascer, nós mesmo começávamos a repetir: "porque um soldado não chora"...

Meu pai nunca deixou de dizer:

- Coitado desse avô! Parece que em toda a sua vida fez só esse soneto. E um soneto só é muito pouco para um avô tão importante.

- Até os quinze anos?

- Escute, meu bem. Você é pequenina, mas tem muita razão de não ficar contente com a promessa de sua avó. Está naturalmente pensando que ela devia fazer promessas para cumpri-las pessoalmente e não obrigar outra pessoa a realizá-las. Também penso como você. Jamais devemos exigir de outros aquilo que não queremos ou não podemos fazer nós mesmos. Tudo isso é certo, mas tenha paciência. Seu pai andou muito doente, muito mesmo, e que seria de você sem ele? Não é um bom pai, não é um bom amigo? Você gostaria que ele morresse? Sua avó é boa, lhe tem muito amor, queria que você crescesse com seu pai vivo. Ela é muito religiosa e não devemos ofendê-la nem contrariá-la. Vamos fazer uma coisa: não pensar que existem vestidos verdes, amarelos, vermelhos. Faz de conta que só existem vestidos brancos e azul-

claros. Você os terá todos, muitos, quantos quiser. Esqueça que eles são obrigação e pense que são amor. Imagine quando você puder vesti-los de outras cores como vai ser bom. Imagina você com quinze anos, de vestido verde. Não vai ser ótimo? E a coragem, hein? Que beleza a coragem que você terá, usando apenas azul e branco.

Falou mais, falou muito, porque minha mãe tinha o dom de falar envolvendo-me em esperanças e sonhos.

Seis anos, sete, oito e os vestidos azul-claros e brancos, alguns tremendamente brancos enfileirados nos armários. Que importavam feitiços, rendas, fitas se eram sempre brancos, muito brancos ou azul-claros, um azul morrendo, um leve azul indefinido? E sempre alguém perguntando:

- Por que ela só usa branco e azul-claro?

E a resposta seca:

- Foi promessa...

Em mim nenhum sofrimento; vida alegre demais, infância demasiadamente bela, correrias, quedas, patins, saltos de corada, bicicletas, estórias de iara e do boto, livros maravilhosos feitos na França, falando da Bela Adormecida, do Gato de Botas; o encontro com as letras, a dignidade conquistada: - Agora eu sei ler; - a descoberta de palavras, sons, o primeiro mapa-mundi: - Diz onde queres ir agora? - África! Eu vou para a Europa.

- Bobos, o melhor mesmo é a Oceania. Ninguém vai à Oceania!

E o grande mundo, uma bola girando. Hoje nem sei o que mais nos encantava na descoberta: se estávamos alegres por saber que o mundo era uma bola - nós que tanto amávamos bolas - ou se nossa alegria era posse daquele globo que girava, ou ainda se ríamos felizes com a possibilidade de viajar a todo momento procurando lugares pequeninos, perdidos na bola imensa que girava? Meu irmão queria ir sozinho à Oceania. A bola girando durou pouco. Nela mexemos demais, viajamos muito, gastamo-la cedo.

Que importava àquela infância tão bela a existência de vestidos verdes, amarelos, vermelhos? Outros corpos que os vestissem. Para que sofrer?

Quando veio o colégio interno e o uniforme obrigatório, vovó quis protestar. E a promessa? Mas não foi atendida. Ninguém pensaria em impor condições a um colégio respeitável, com seus regulamentos próprios.

- Ela continuará vestido só azul e branco para seus dias de passeio.

Depois, um dia, uma carta contava que vovó morrera. Dormira para nunca mais acordar. Todos morriam assim naquela família. O coração cansado de amar e de ser bom, parava, partia morria. Deitavam como se aquela noite fosse igual a todas as noites e não acordavam no dia seguinte. "Passamos da vida para a morte, serenamente. Apenas passamos", dizia a carta. Depois outra carta: "Agora que tua avó morreu e estás uma mocinha, podes continuar ou não respeitando a promessa da cor de teus vestidos. Teus quinze anos não chegaram, mas isso não importa; teus raciocínios já estão em condições de te fazer resolver sozinha. Pedi que cumprisses a promessa, com a qual não estavas de acordo, para que ela não sofresse - sofrera tanto a pobrezinha, enviudara cedo, cheia de filhos, era tão bela, tão ingênua, tão boa - mas agora estás livre. Podes usar a cor que quiseres."

Talvez não tenham sido precisamente essas as palavras. O tom, sim, o tom posso garantir que foi esse, porque foi o tom e a forma de todas as nossas conversas. Possuí durante muito tempo essas cartas de minha mãe, escritas para o internato onde eu crescia. Sempre as escondi, amei-as com um exagerado ciúme, o mesmo ciúme que tenho dos meus livros, dos retratos, das cartas de meus amigos. Andavam comigo empalidecendo numa caixa de macaúba rajada. Possuí essas cartas muito tempo, até que um dia - outro dia de há vinte anos - a polícia invadiu minha casa. Queria papéis importantes, muito importantes, que eu devia possuir. Havia resolvido fazer-me heroína à força. Papéis importantes, planos de subversão da ordem (que ordem?) não existiam, naturalmente. Então, na fúria que marca os homens da polícia sempre, levaram aquelas cartas que eu guardava com tanto amor, que escondia com cuidado, muito cuidado, que reli muitas vezes sentindo sempre, como da primeira vez que o fizera, um nó na garganta, um bater apressado de coração enquanto uma voz repetia: "porque um soldado não chora"...

(Soldado, soldado, que tenho sido além disso?)

As palavras não seriam essas, mas assegurando o tom, também posso afirmar que naquelas cartas havia ordens, e desta vez era: - Vamos! Aprenda a resolver sozinha seus próprios problemas. Comece a usar seu raciocínio. Coragem! Tenha opiniões e saiba defendê-las!

Foi então que encontrei numa vitrina um vestido azul-marinho de tafetá com uma golinha de guipura. Escrevi a minha mãe: "Tens razão, pensei muito e ontem encontrei um vestido maravilhoso. Poder ficar certa de que é um vestido de menina."

Descrevê-lo hoje não sou capaz, mas devo ter mandado nessa carta uma minuciosa narrativa da desejada roupa. Hoje, sou mesmo incapaz de descrever qualquer vestido.

Mas era azul-marinho de tafetá com golinha de renda de guipura, essa a única roupa que relembro na minha infância. Quando voltei para fazer a seu lado quinze anos, no guarda-roupa se enfileiravam vestidos de várias cores.

Nunca mais ela e eu falamos na promessa.

Depois, sempre depois, a vida veio vindo, dias correndo, corpo mocinho crescendo, outros vestidos, outros desejos, uma época de grande vaidade, o abandono desta, amarelos, verdes, vermelhos, pretos, roxos, multidões de cores, vestidos, vestidos, nenhum lembrando nada. Como se não tivessem cor.

Se alguém pensar que vim pela vida envelhecendo contra vestidos claros, brancos ou azuis, se engana. Sempre amei muito essas cores, que encontrei depois em alguns gestos e muitas noites. Gosto muito de branco e do azul-claro, muito claro.

A meninazinha que encontrei desesperada em frente daquela vitrina não querendo aquele vestido que sua mãe lhe impunha, onde estará agora? Vestida naquela roupa que odiou antes de possuir?

Minha senhora - fico murmurando baixinho - não é assim que se convence uma criança. Quando os adultos aprenderão a conhecer o mundo dos pequeninos?

Como foram bonitos os meus dias vestidos de branco, parecidos com os dedos longos e rosados de minha mãe apontando caminhos! Com aquele vestido azul-marinho começou uma outra etapa de minha vida; nasceu minha vaidade.